

MACAU

IV Série - Nº 6

Março, 2007 Trimestral

O OUTRO PATRIMÓNIO

Patuá e gastronomia no Macau multicultural

TONG CHI KIN

A entrevista

KONSTANTIN BESSMERTNY

A arte que veio do frio

DANÇA DO LEÃO

O sonho de um imperador

ANTOS FERRE

de

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor

Luís Ortet

Direção Gráfica

José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes

Ina Chiu, Luis Pereira e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta edição

Carmo Correia (fotografia), Fernando Sales Lopes,
Gilberto Lopes, Harald Bruning, Ilda Cristina
Ferreira, José Carlos Matias, José Simões Morais,
Marta Melo e Nuno Calçada Bastos (fotografia)

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão

Agfa Output Center

Tiragem

3 500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Se física e economicamente o território de Macau se transforma, a sociedade, por seu turno, vê-se perante oportunidades e desafios.

Esta questão mereceu uma referência desenvolvida nas Linhas de Acção Governativa para o corrente ano, onde se sublinha a necessidade de uma postura activa por parte das autoridades da RAEM e da sociedade civil com vista ao equilíbrio entre a mudança e a preservação dos valores essenciais da Região.

É neste contexto que surge a entrevista a Tong Chi Kin, uma figura de referência no panorama da educação em Macau. É na sua vertente de educador que o entrevistado sublinha a necessidade de a sociedade responder de forma positiva aos desafios que se apresentam e de as escolas e os professores estarem preparados para o desempenho da sua missão. Nomeadamente propiciando à juventude as bases para ela perceber as transformações que se operam à sua volta. "A maior responsabilidade dos professores é ajudar a desenvolver as capacidades cognitivas dos estudantes, a forma de pensarem", disse.

A coexistência de várias culturas e identidades é outra das particularidades de Macau. Nos tempos recentes, a comunidade macaense tem vincado a sua determinação em preservar e desenvolver a sua cultura própria, nomeadamente o seu dialecto patuá e a sua gastronomia, num momento em acaba de entrar em vigor em Macau a convenção da UNESCO relativa à salvaguarda do património cultural intangível, de que a China é signatária. Com recurso à colaboração de autores especializados nestes assuntos, a **MACAU** apresenta aos seus leitores um ponto da situação sobre estas tradições e sobre o próprio conceito de património intangível.

A multifacetada tradição chinesa teve no mês de Fevereiro uma das suas manifestações mais típicas, o ano novo lunar, em que se assiste a uma das maiores movimentações de pessoas de todo o planeta num curto espaço de tempo, visando a reunião familiar. Os primeiros 15 dias de cada novo ano lunar são de facto o pico do ciclo festivo de Macau, que então atinge a sua intensidade maior, mas a festa não chega a esmorecer e multiplica-se, ao longo dos 365 dias, por mil e uma inaugurações e outras ocasiões. O ensurdecedor rebaratar dos panchões funde-se numa amálgama acústica e visual, de onde vai nascendo, num crescendo mágico, o som dos címbalos, dos tambores e do gongo e o colorido do leão em movimento ritmado. É a emblemática dança do leão, que apresentamos em reportagem desenvolvida, nas suas múltiplas e ricas facetas. ■

Luís Ortet



CAPA



Desde Setembro do ano passado que entrou em vigor em Macau a convenção da UNESCO relativa à Salvaguarda do Património Cultural Intangível, que a China tinha subscrito em Outubro de 2003. Uma boa notícia para as

comunidades, como a macaense, que integram a realidade cultural de Macau e anseiam por ver preservadas as suas identidades.

TONG CHI KIN



Tong Chi Kin é mais conhecido por ser o porta-voz do Conselho Executivo e pelo seu passado de deputado à Assembleia Legislativa. Mais do que isso, porém, ele é uma das referências no campo da educação.

Em entrevista, partilha as suas preocupações e as suas esperanças quanto aos desafios lançados à sociedade pelos tempos de mudança acelerada.

DANÇA DO LEÃO



Por umas ou por outras razões, o ambiente de festa marca o ritmo da vida eferescente deste território de apenas 28 quilómetros quadrados e meio milhão de habitantes. A dança do leão – de que dificilmente

se poderá encontrar paralelo em outros lugares do mundo – é um dos ingredientes desse colorido festivo que irrompe ruidosamente pelas ruas da cidade, fazendo o sonho imperar por uns momentos.

Macau tem tradições muito fortes nesta arte e forma discípulos até na distante cidade do Porto.

UM TURISMO DIFERENTE



Em tempos distantes o Porto Interior foi a sala de visitas de Macau. Presentemente, embora ainda bastante activo, emana uma atmosfera de recato intimista. É a partir daí que lhe propomos a experiência de explorar uma China diferente, mas bastante próxima de Macau, e tentar itinerários menos conhecidos.

Pelo rio do Oeste acima...

■ **Entrevista**
Tong Chi Kin
Educador e humanista, 4
José Carlos Matias

■ **Pensamento**
Novos olhares sobre Confúcio, 12
José Carlos Matias

■ **Patuá**
À procura do reconhecimento internacional, 16
Harald Bruning

■ **Património**
À boa mesa...macaense, 26
Marta Melo
Encontro de sabores e memórias, 28
Fernando Sales Lopes
Para além do património tangível, 38
Ilda Cristina Ferreira

■ **Tradições**
O sonho do imperador, 46
Patrícia Lemos

■ **Viagens**
Turismo pelo rio Xi, 70
José Simões Moraes

■ **Empreendimentos**
Geografia do Jogo, 80
Gilberto Lopes

■ **Economia**
Guia do investidor, 88
José Carlos Matias

■ **Linhas de Acção Governativa**
Harmonia, mudança equilíbrio social, 94
José Carlos Matias

■ **Perfil**
A pintura que “espia” Macau, 106
Patrícia Lemos

SECÇÕES

■ CASAS DE MACAU, 44
■ NOTICIÁRIO, 79 e 105
■ NOTICIÁRIO ESPECIAL, 98, 100, 102 e 103
■ CARTAZ, 116
■ RETRATO, 124

Macau 2006

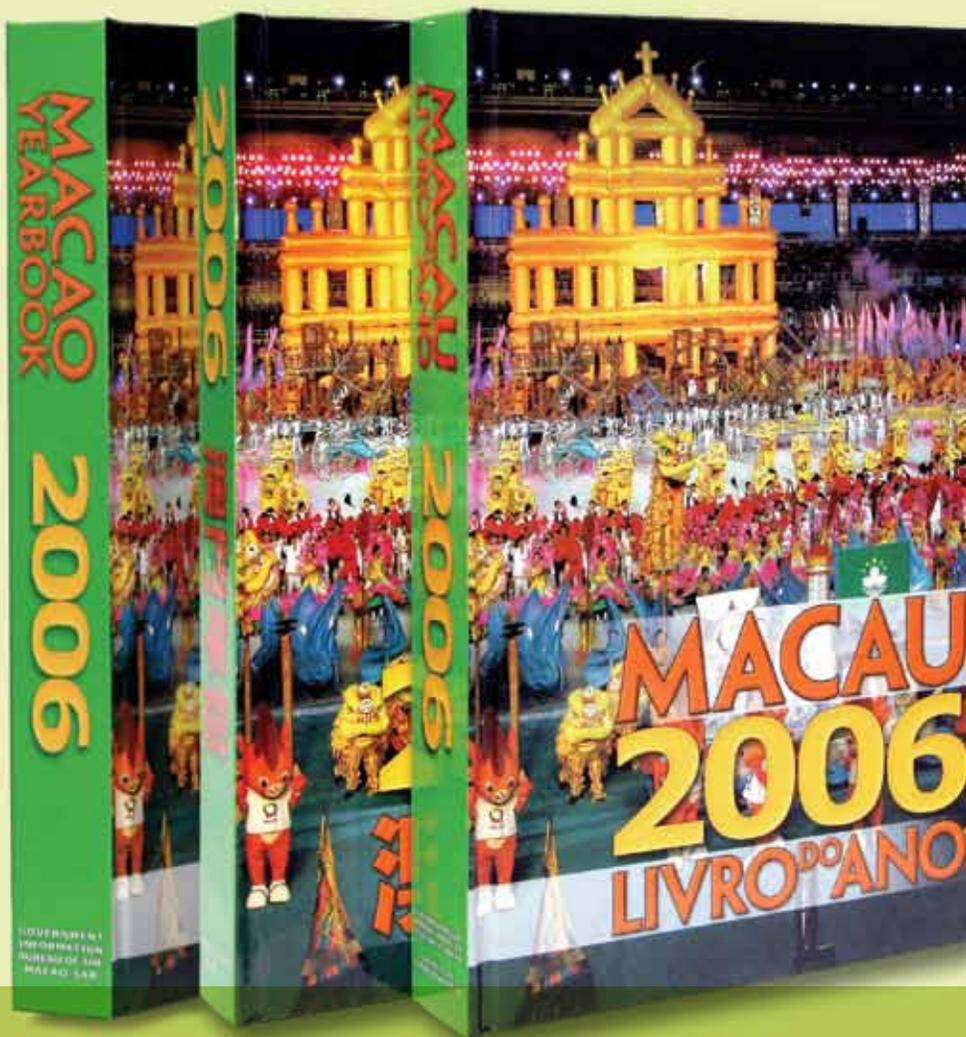
Livro do Ano

MACAU 2006

Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2006

Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.

Tong Chi Kin

Educador e humanista

Aos 66 anos, Tong Chi Kin é visto como um dos patriarcas da educação em Macau. Quem convive com ele regularmente fala de um homem cordato, humanista, tradicional e muito empenhado não somente na área educativa mas, em geral, na melhoria da qualidade de vida da sociedade. Tong está ligado há vários anos à Associação Geral dos Operários de Macau, sendo director da Escola Secundária dos Filhos dos Trabalhadores de Macau. Mantém uma forte ligação à Universidade Normal do Sul da China, em Cantão, instituição onde se formou em Física e onde exerce as funções de professor convidado. Na RAEM é membro do Conselho da Universidade e do Conselho da Educação. Politicamente deu mais nas vistas a partir de 1988 quando passou a fazer parte do Conselho

Consultivo do Governo de Macau, lugar que abandonou em 1992, ano em que passou a integrar a Assembleia Legislativa. Continuou no hemiciclo até 2005, altura em que abandonou o lugar de deputado. Actualmente aparece mais vezes nos meios de comunicação como porta-voz do Conselho Executivo do Governo da RAEM, mas o seu tempo é ocupado com outras responsabilidades. Tong Chi Kin é também presidente do Centro Incubador de Novas Tecnologias e do Fundo para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia. O serviço público prestado à RAEM foi reconhecido em várias ocasiões. Em 2005, o Chefe do Executivo atribuiu-lhe o grau honorífico mais elevado: a Medalha de Honra de Lótus de Ouro. Com um percurso ligado à educação desde há várias décadas, Tong olha com

alguma preocupação para o perigo da degradação ao nível dos valores de uma parte dos jovens de Macau. Numa altura em que a sociedade da RAEM está a viver tempos de mudanças muito rápidas com todo o desenvolvimento do sector do jogo e do turismo, Tong realça que é muito importante que as escolas e os professores estejam aptos para responder a essas alterações. A resposta passa por uma análise lúcida dos desafios do presente e pela valorização dos pensadores clássicos. Nesse sentido, sublinha, na entrevista concedida à MACAU, que os ensinamentos de filósofos e educadores como Confúcio são bastante actuais hoje em dia, dado que podem contribuir para que a sociedade, nomeadamente os mais jovens, lide com estas mudanças de uma forma positiva. ■

Março, 2007





O crescimento
de uma cultura moral
na sociedade depende
da transmissão de valores éticos
à juventude

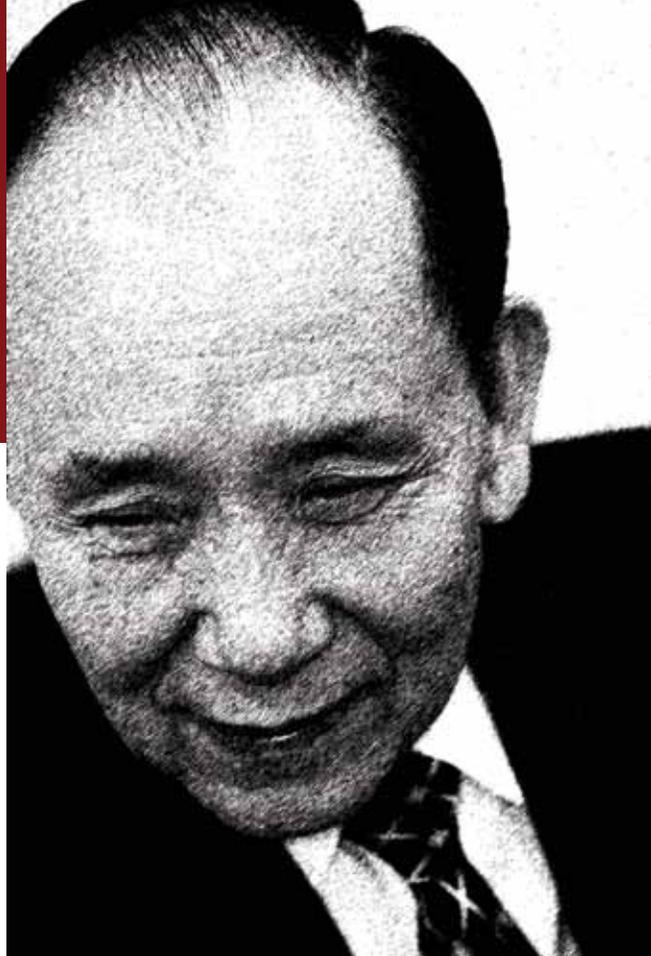
Desafios em tempo de mudanças

O rápido ritmo de desenvolvimento da sociedade de Macau requer uma postura activa por parte das autoridades da RAEM e da sociedade civil com vista ao equilíbrio entre a mudança e a preservação dos valores essenciais da Região. Esta ideia está presente nas Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2007, tendo o Chefe do Executivo salientado, durante a apresentação das mesmas, que “a mudança e o comprometimento são os dois pilares da construção da sociedade harmoniosa”.

Segundo as LAG para 2007, para que seja alcançada a harmonia social é importante que a sociedade seja mobilizada para enfrentar os desafios e por vezes para lidar com alguns sacrifícios resultantes do processo de desenvolvimento de Macau. E para que isso seja exequível o aperfeiçoamento do Estado de Direito assume um papel crucial na institucionalização dos conflitos sociais.

Paralelamente, com o objectivo de responder aos desafios colocados ao nível dos valores sociais, torna-se essencial o reforço de uma cultura da ética da responsabilidade. Na perspectiva do Executivo da RAEM “o crescimento de uma cultura moral na sociedade depende da transmissão de valores éticos à juventude”.

Os desafios são significativos e todos terão de agir para que a qualidade dos recursos humanos de Macau melhore. Mais concretamente, o sistema educativo deve “estimular a curiosidade intelectual dos estudantes” e fomentar o “espírito crítico fundamentado numa postura científica de dúvida metódica”. Só assim os jovens da RAEM poderão estar em condições de fazer juízos assertivos sobre uma realidade em constante mutação. A extensão



da gratuitidade do ensino até ao final do secundário, que entrará em vigor no ano lectivo 2007/2008, é, desde logo, um objectivo estratégico neste processo.

Ao nível do ensino universitário, para que os estudantes sejam uma “elite de vanguarda da comunidade intelectual” da RAEM, a promoção da criatividade e de “um ensino multifacetado” permitirá que esses jovens tenham “capacidades polivalentes” e “uma visão mais alargada” do mundo.

Uma sociedade mais criativa e com ideias originais constrói-se igualmente com base numa cultura geral sedimentada nas obras clássicas da literatura mundial. Assim, é anunciado que o Executivo vai promover cursos não curriculares gratuitos de “divulgação de conhecimentos de literatura, história, ciência das religiões e filosofia que valorizem o conteúdo humanista e a racionalidade”. A porta estará assim aberta para que “pensadores com ideias originais e de elevado prestígio intelectual possam ter um fórum para expor as suas teorias”. ■

«É preciso estimular a maneira de pensar»



- *Quais são, hoje em dia, os valores essenciais para a sociedade de Macau?*

- Hoje em dia os valores estão a mudar rapidamente em Macau, em grande medida por causa do crescimento no sector do jogo. No que diz respeito aos valores, com as mudanças de hoje em dia, as pessoas estão mais viradas para os valores materiais. Noto que fazem mais comparações entre si e que a partir daí estabelecem as suas metas e objectivos.

Em todo o caso, apesar destas mudanças ocorridas em Macau, os valores essenciais da sociedade mantêm-se. O mais importante é que o sistema educativo reflecta a nova realidade para responder a esta tendência, que afecta sobretudo os mais jovens.

- Como é que o sistema educativo deve reflectir essa nova realidade e de que modo deve responder a essas mudanças?

- A situação em Macau apresenta vários desafios. Um dos aspectos mais preocupantes tem a ver com o abandono escolar. Muitos jovens estão a deixar de estudar devido às ofertas salariais atraentes dos casinos, o que faz com que vários estudantes não queiram entrar na universidade

porque assim que fazem 16 anos podem arranjar empregos no sector do jogo, a ganhar dez mil patacas por mês. Antes, os jovens pensavam em ter melhores resultados académicos para terem uma melhor posição na sociedade.

Isto tem tido um impacto muito grande no sector da educação. Se os jovens continuarem com esta atitude, passado algum tempo os valores vão deteriorar-se. Esta situação pode ter um impacto muito grande na qualidade cultural e intelectual da RAEM. Se esta tendência se acentuar, Macau não poderá verdadeiramente progredir. Toda esta deterioração dos valores vai afectar a sua maneira de pensar, na maneira como avaliam a realidade e como sentem o que os rodeia.

O papel da educação é trazer os estudantes de volta para o caminho correcto. É preciso estimular a sua maneira de pensar. É necessário dar maior ênfase à educação moral. Actualmente, as escolas em Macau também ensinam educação moral e

ética, mas fazem-no como no passado. As escolas têm de levar a cabo educação moral e ética com destaque específico nas mudanças na sociedade e também no efeito que isso tem nos estudantes. Os professores também precisam de se adaptar a estas alterações sociais para que possam entender o que está de facto a acontecer, para que sejam capazes de ensinar. A maior responsabilidade dos professores é ajudar a desenvolver as capacidades cognitivas dos estudantes, a forma de pensarem. Devem permitir

que eles percebam as mudanças na sociedade, para que possam, face à realidade, tomar as decisões. Todos estes desafios estão a ser estudados e analisados por especialistas que procuram obter respostas sobre como é que o

sistema educativo deve lidar com a nova realidade.

- Macau acolheu uma conferência internacional sobre confucionismo onde foi debatida a actualidade do pensamento de Confúcio. Em que medida é que as ideias defendidas por este filósofo e educador são válidas na actual sociedade de Macau?

- Desde logo, o confucionismo é uma filosofia de vida segundo a qual o ser humano é o centro de tudo. Hoje em dia, devemos desenvolver mais os seus ensinamentos que se mantêm, passados mais de dois mil anos, bastante actuais. De entre os valores confucianos, um dos mais importantes para Macau de hoje está relacionado com a vertente educativa e ética de Confúcio. Um dos principais princípios a este nível é “ensinar sem discriminação”. Os professores devem ser constantemente lembrados deste valor, já que, na educação de agora, esta ideia

Numa altura em que a sociedade está a viver tempos de profundas mudanças, Tong Chi Kin realça que é muito importante que as escolas e os professores estejam aptos a responder a essas alterações de uma forma positiva.

está a ser desvalorizada.

- Qual deve ser o papel dos professores?

- Os professores devem dar atenção a todo o tipo de estudantes, quer aos que têm boas notas, quer aos que têm maiores dificuldades. Outro princípio é “não se sentir envergonhado de fazer perguntas”. Quer isto dizer que, se as pessoas não percebem, devem ter a iniciativa e não ter receio de perguntar. Isto não é totalmente aplicado. Professores e alunos não estão preparados para pôr em prática este princípio. Além destes dois princípios, Confúcio também se debruçou sobre como delinear objectivos e valores e como é que as pessoas devem viver as suas vidas. A filosofia educativa proposta por Confúcio é muito boa e devia ser mais promovida no sistema educativo de hoje em dia.

Um outro exemplo aplicável é: “aprende e aplica o que aprendes o máximo que puderes”.

Actualmente, os estudantes só aprendem memorizando, mas não aplicam esses conhecimentos. Mas, de facto, há que reconhecer que a sociedade está a mudar de forma tão rápida que nem professores nem estudantes têm formas de aplicar este lema.

Em termos mais gerais, na verdade, em Macau, existem poucas associações que se dediquem especificamente ao estudo do confucionismo. Isto acontece porque os ensinamentos de Confúcio estão já bastante impregnados na sociedade local.

- O Governo Central e o Chefe do Executivo têm falado sobre a importância de construir uma sociedade harmoniosa. Quais são as premissas e características desse tipo de sociedade?

- Em meu entender há vários critérios que devem ser preenchidos para construir uma sociedade harmoniosa. Em primeiro lugar, é importante existir prosperidade económica, para que haja, continuamente, uma melhoria da qualidade de vida das pessoas. Em segundo lugar, as pessoas de diferentes profissões e com níveis de conhecimento diferentes devem ser

respeitadas pelo que fazem e pelo que são. Por exemplo, um professor, um condutor de autocarro devem ser respeitados sem discriminação. Se houver falta de respeito, a sociedade não pode estar em harmonia.

Em terceiro, é necessário que haja um aperfeiçoamento da democracia, especialmente em termos de liberdade de expressão. Confúcio dizia “ter semelhanças, mantendo a diversidade”. Para que isto funcione é importante ter um sistema legal eficaz. Aliás, o sistema legal deve evoluir em simultâneo com a democratização.

Em quarto lugar, ter um espírito inovador para que haja mudanças numa sociedade com lei e ordem. Se a sociedade estiver estagnada, não será harmoniosa. Terá que haver uma harmonia dinâmica.

O quinto critério diz respeito aos valores. Uma sociedade harmoniosa deve ter um conjunto de valores que deve ser partilhado por todos, especialmente, no que diz respeito aos valores morais que devem ser centrais numa sociedade. Só assim as pessoas poderão viver de uma maneira feliz. E a felicidade leva à harmonia.

- A medicina tradicional chinesa está a despertar grande curiosidade em todo o mundo. Em Macau existe um projecto para a criação de um centro de investigação de grande dimensão que coloque a RAEM no mapa regional da medicina tradicional chinesa. Que passos têm sido dados nesse sentido?

- Neste momento estão a ser efectuados estudos de viabilização de um grande instituto de investigação em medicina tradicional chinesa em Macau. Mas, na verdade, existe já muita gente a trabalhar nesta área. Por exemplo, na Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia temos dado bastantes apoios nesta área. Cerca de 30 por cento dos subsídios que concedemos estão relacionados com a medicina tradicional chinesa. Hoje em dia a Universidade de

Macau e a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau têm já centros de investigação. Existem, de resto, várias associações e centros de estudo que mantêm contactos regulares com outras entidades do exterior. Ainda não sabemos quando é que o centro poderá arrancar. É importante que os centros e associações já existentes possam reforçar os laços com parceiros externos a Macau.

No relacionamento com o exterior, julgo que seria de todo o interesse criar laços com os países lusófonos, uma vez que Macau é uma plataforma de cooperação com as nações de língua portuguesa.

Nesses países, especialmente em África, há plantas e ervas que poderão ser estudadas. Era interessante que pudessemos cooperar com as autoridades desses países de forma a fazer um estudo sobre as potencialidades medicinais das ervas e plantas.

- A Associação do Ensino Superior de Macau (de que é presidente) tem dado apoios a estudantes de Macau que queiram ir estudar para Portugal. Como tem decorrido este processo?

- O programa de envio de estudantes para Portugal começou em 1987. Em 2004 o plano foi renovado e desde então têm sido enviados, em média dez estudantes por ano, recomendados pelos directores de escolas secundárias de Macau, para estudar Direito em Portugal.

Além disso, também temos concedido subsídios a estudantes do ensino secundário que desejem estudar em Portugal durante dois anos, antes de entrarem para a universidade. Há ainda dez vagas por ano destinadas a estudantes de Macau que pretendam fazer mestrados ligados à área do Direito. ■



Novos olhares sobre Confúcio

Viveu há mais de 2500 anos e continua a ser não apenas uma referência, mas também uma marca essencial na cultura, história e personalidade da China e da civilização chinesa

Confúcio, considerado a figura de maior importância da filosofia antiga chinesa, viveu entre 551 e 479 A.C., durante o denominado “Período da Primavera e Outono”, mas o seu nome entrou para a história através de textos escritos em épocas posteriores, nomeadamente no chamado “Período dos Reinos Combatentes”, entre 403 e 221 A. C.

Nesse tempo a China imperial unificada ainda não existia. O país estava dividido entre dezenas de pequenos estados. As constantes batalhas deram origem a um ambiente de grande instabilidade e violência entre senhores feudais. Foi também nestes séculos que brotaram diversas escolas de pensamento a partir das quais se formaram as grandes linhas mestras da filosofia antiga chinesa. Era o tempo das “Cem Escolas de Pensamento”.

O confucionismo emergiu como um sistema filosófico complexo que envolve aspectos ligados à moral, ética, política e, em termos latos, à religião. Ao confucionismo interessam os seres humanos, os seus interesses e feitos, mais do que os problemas clássicos da teologia. Tendo a felicidade individual como objectivo, o pensamento de Confúcio estabelece a paz como caminho para chegar ao estado de perfeição humana.

Em busca da virtude em harmonia

De todas as escolas, o confucionismo foi aquela que melhor resistiu à erosão do tempo, mantendo-se como doutrina oficial imperial até à chegada da República, em 1911.

Para entender a filosofia de Confúcio é crucial

perceber o contexto em que surgiu. Numa altura de divisões, rivalidades, guerras e caos, o pensador pretendia restaurar o “Mandato do Céu” de forma a unificar o mundo (a China, que era o mundo que conhecia) e assim abrir caminho para a prosperidade, tendo sempre o homem e a humanidade como preocupação central. Confúcio argumentou desde cedo que *li*, conceito ligado à ideia de ritual ou regra de comportamento, advém do homem, da humanidade, em vez de, como era comum pensar-se anteriormente, ter origem nos Céus.

O conceito de *li*, por sua vez, radica no *yi*, ideia central do pensamento confucionista que diz respeito à rectidão e à disposição moral para o bem. Assim, tal como *li* vem de *yi*, este último conceito tem origem na ideia de *ren*, benevolência. Na ética confucionista, a virtude tem por base a harmonia.

Estas ideias gerais aqui resumidas continuam a suscitar o interesse e o fascínio de estudiosos e investigadores que consideram que estes valores continuam de sobremaneira actuais. Os princípios e os ensinamentos de Confúcio continuam a ser vistos como a grande referência da cultura e do modo de ser chinês. Nos últimos anos, têm sido as autoridades chinesas a promover a vida e a obra do filósofo. Em 2004, o Governo Central criou o Instituto Confúcio, tornando-o no centro de divulgação da língua e cultura chinesa em todo o mundo. Este ano, foi inaugurada uma estátua do “Mestre” em Qufu, localidade onde nasceu o filósofo, na província de Shandong, por altura da passagem dos 2557 anos do dia do seu nascimento, 28 de Setembro.

Confúcio visto do Brasil

Em Macau, o Instituto Politécnico organizou, nos dias 27 e 28 de Setembro último, uma conferência sobre os valores culturais e as interpretações modernas de Confúcio, em que estiveram presentes especialistas de vários países. Uma das vozes, que interveio exprimindo-se em mandarim, foi a de Kevin De La Tour, norte-americano radicado no Brasil e membro do Centro Sino-Brasileiro de Intercâmbio Académico (CSBIA).

De La Tour olha para a vida e a obra de Confúcio de um ponto de vista particular, valorizando a dimensão metafísica do confucionismo. No trabalho que desenvolve no CSBIA tem dedicado tempo ao estudo do pensamento daquele que é considerado o “pai da filosofia clássica” chinesa. O interesse por Confúcio nasceu a partir do momento que se dedicou à

“conscienciologia”, um campo de estudo sobre a consciência humana, entendendo-a como algo de autónomo do corpo que se manifesta através do ego, da alma, da essência. O CSBIA entende que a raiz da “conscienciologia” está no pensamento antigo chinês, especialmente na obra do Confúcio. Nesse sentido tem vindo a criar laços cada vez mais fortes com instituições chinesas que manifestam curiosidade sobre este olhar diferente sobre o confucionismo.

Kevin De La Tour salienta que além do desenvolvimento económico e da melhoria das condições materiais da vida das pessoas, a dimensão espiritual é essencial para um povo. “Quando um país se está a desenvolver temos de compreender que o processo humano tem de ser completo. É interessante notar que, numa altura em que se está a abrir para o mundo, a China abre-se igualmente para si mesma, para o interior do seu pensamento”, analisa. Mais: o contributo de Confúcio não diz respeito apenas à China, mas, em grande medida, a todos os seres humanos.

Confúcio e a consciência

De La Tour partilha de vários fundamentos do confucionismo. Desde logo a importância do processo de desenvolvimento de uma sociedade ter de partir da auto-cultivação, com o objectivo de atingir o estágio de “homem sábio”. “O processo humano é o mesmo de há 2500 anos”, defende. Daí que Confúcio seja, no essencial, bastante actual.

Outro aspecto central do pensamento confucionista diz respeito ao cheng, um conceito cuja tradução para português nos remete para as ideias de sinceridade e em termos mais abrangentes de ética. Neste aspecto, De La Tour encontra mais um ponto de ligação com o seu campo de estudo. “Na “conscienciologia” utilizamos o conceito de “cosmoética”, segundo o qual devemos entender o processo do homem não só como humano, mas também como consciência ética”

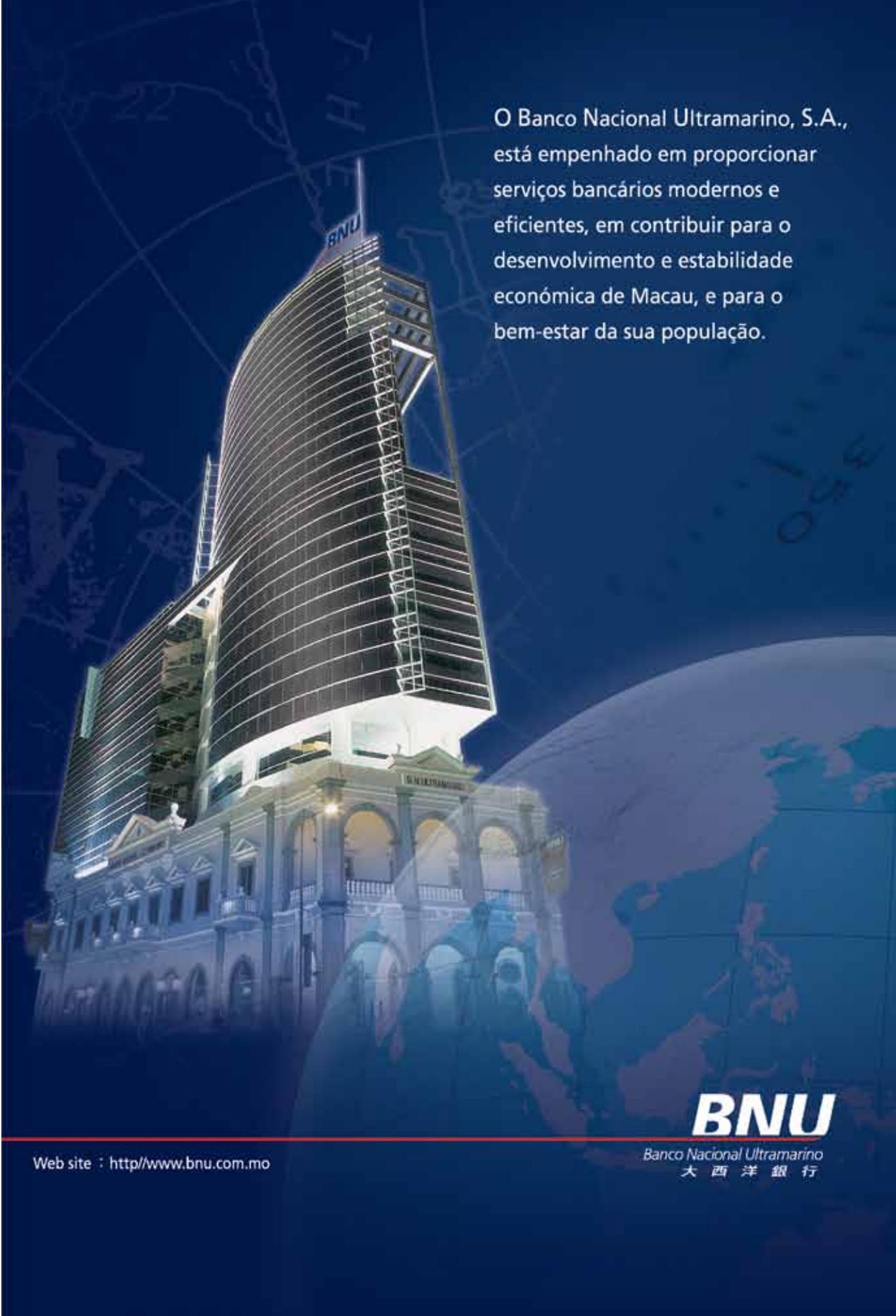
E em que consciência viveria hoje Confúcio? “Não penso que pudesse ser ministro de um rei. Certamente que era um educador, um pensador como sempre foi”. ■

Interpretar Confúcio

O *Confucianism Research Institute of Malaysia* trouxe no ano passado a Macau, no mês de Setembro, uma conferência sobre as interpretações modernas de Confúcio e os valores culturais do Confucionismo.

No Instituto Politécnico de Macau estiveram cerca de 60 estudiosos da China continental, Hong Kong, Taiwan, Malásia, Brasil e Estados Unidos, num encontro em que se debateram assuntos como “O Confucionismo e o Novo Paradigma das Culturas Internacionais”, “Confúcio e a Construção de uma Sociedade Harmoniosa”, ou “Confucionismo e a Gestão Moderna de uma Empresa”. Entre os vários especialistas que vieram à RAEM, dois dos mais conceituados foram Tu Weiming, Professor em Harvard, no Instituto Yanching, e Bernard Li, presidente do Fu Jen Catholic University de Taiwan. O *Confucianism Research Institute of Malaysia* organiza este encontro anualmente, desde 2004. Depois de encontros realizados na Malásia, Hong Kong e Macau, a próxima conferência, em 2007, terá lugar na Indonésia. ■





O Banco Nacional Ultramarino, S.A.,
está empenhado em proporcionar
serviços bancários modernos e
eficientes, em contribuir para o
desenvolvimento e estabilidade
económica de Macau, e para o
bem-estar da sua população.

Web site : <http://www.bnu.com.mo>

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行

À procura do reconhecimento internacional

A classificação internacional do patuá pela UNESCO como património cultural intangível* permitiria fortalecer a identidade de Macau e elevar ainda mais o estatuto da Região Administrativa Especial de Macau no palco da cultura mundial

** N.R. - A expressão em língua portuguesa “património imaterial” é a adoptada pela Unesco e a mais usada, por exemplo, em Portugal e no Brasil e em diversas línguas europeias. Mas o Governo de Macau optou pela expressão “património intangível”, que tem o mesmo significado, razão por que a utilizamos neste artigo.*

O Homem age como se fosse o modelador e o dono da língua, mas na verdade é a língua que continua a ser dona do homem.

Martin Heidegger (1889-1976)

No seguimento da classificação internacional do “Centro Histórico” de Macau como património mundial tangível, em Julho de 2005, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), parecem ganhar consistência os esforços para a obtenção do reconhecimento de Património Intangível para o patuá, o crioulo luso-asiático de Macau que se encontra em situação crítica.

O patuá é a língua materna híbrida, e agora quase extinta, da minoria euro-asiática habitualmente conhecida como “Macaenses”. A comunidade abrange oito mil residentes em Macau, ou 1,5 por cento da população da região administrativa especial, e cerca de 20.000 emigrantes e respectivos descendentes espalhados pelo mundo, nomeadamente em Hong Kong, Califórnia, Canadá, Brasil, Austrália e Portugal.

Estátua de José dos Santos Ferreira, no Jardim das Artes, da autoria de Carlos Marreiros e do escultor Yu Chang

O patuá começou a desenvolver-se gradualmente em Macau no final do século XVI, princípios do séc. XVII, entre os descendentes de raça mista dos navegadores, tanto de Malaca como de Macau. Num registo coloquial, podemos descrever o patuá como uma associação linguística entre a Europa e a Ásia. O patuá é, assim, um crioulo, definido pelos linguistas como uma língua materna resultante do contacto de uma língua europeia com outras línguas locais, nomeadamente em África, na Ásia, no Pacífico e nas Caraíbas.

O processo de formação das línguas crioulas é gradual, iniciando-se com a criação de um sistema de comunicação “misto”, ou “*pidgin*”, no seio dos povos que não partilham uma língua comum. Podemos descrever o crioulo como uma língua “*pidgin*” que evoluiu até se tornar a língua mãe de uma comunidade específica – como o macaense, no caso de Macau.

O termo português “crioulo” designava, a princípio, um descendente de europeus que tivesse nascido (ou sido “criado”) numa colónia ultramarina. Posteriormente, o termo passou a designar o tipo de língua falada pelas comunidades que habitassem essas colónias.

As semelhanças surpreendentes entre os “*pidgins*” a nível mundial e a língua crioula podem explicar-se assumindo uma origem “monogenética”. Alguns linguistas acreditam que muitos dos crioulos existentes no mundo são baseados numa “proto-língua” – um “*pidgin*” português do século XV, que poderá ter resultado de uma língua franca mediterrânica ou do Médio Oriente, conhecida como sabir (“saber”), uma variante do provençal do sul de França tornada “*pidgin*”.

Acredita-se que os navegadores portugueses terão usado esta “língua de contacto” durante as explorações em África, na Ásia e nas Américas.

Por exemplo, o patuá de Macau tem semelhanças flagrantes com o crioulo de Cabo Verde no oceano Atlântico e com o *papiamento* luso-afro-holandês nas

Caraíbas. “*Con tai bai?*” significa “Como está?” em papiamento e “*Mi ta bon*” significa “Estou bem”.

Existem, claro, vários tipos de crioulo em diferentes partes do mundo, como os crioulos Hispânicos, conhecidos como “*criollo*” em espanhol, crioulo francês no Louisiana, Estados Unidos, crioulo do Alasca, crioulo holandês (*papiamento*) e crioulo português, nomeadamente em África, nas Caraíbas, na América do Sul e na Ásia.

Sem os crioulos humanidade seria mais pobre

À sua maneira, as línguas crioulas têm contribuído para os fenómenos extremamente positivos do multiculturalismo, do entendimento internacional e da tolerância racial. A formação de línguas crioulas é a prova evidente de que povos com passados diferentes a nível cultural, religioso e étnico são perfeitamente capazes de construir novas formas híbridas de coexistência pacífica. É por isso que os crioulos devem ser conservados e protegidos como manifestações bem vindas do património mundial intangível. Não há dúvida de que sem os crioulos a humanidade seria mais pobre em termos de desenvolvimento cultural.

Se sabemos que o português-padrão é a língua oficial de 225 milhões de pessoas em oito países de quatro continentes, dos quais 185 milhões no Brasil, o número de falantes de crioulo português fica por adivinhar. Alguns académicos estimam que, a nível mundial, haja dois milhões de pessoas que falam crioulos portugueses, nomeadamente em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Caraíbas.

O termo português patuá deriva do francês “*patois*”, o qual, segundo o *New Oxford Dictionary of English*, significava originalmente “falar rude”. Hoje em dia, tanto em inglês como nas outras línguas europeias, “*patois*” designa o dialecto do cidadão comum de uma região específica, diferindo em vários aspectos da língua-padrão do resto desse dado país. Por outro

lado, definiu-se dialecto como uma forma específica de uma língua “nacional”, falada num dado país ou região, como o cantonês no sul da China ou o alemão suíço, em partes da Suíça.

O patuá é conhecido entre os linguistas por diferentes designações, tais como “*macaísta chapado*” (“puro macaense”), “crioulo de Macau”, “macaense”, “*papia cristam di Macau*” (“língua cristã de Macau”) e “*doci papiçam*”. Em patuá, “*papia*” significa “conversar”. O verbo “*papia*” é também usado no português de Malaca e no crioulo de Cabo Verde. O nome *papiamento*, falado por cerca de 330 mil pessoas nas Caraíbas, deriva, claro, de “*papia*”.

O patuá integra a vasta família dos crioulos portugueses constituída por: crioulos luso-africanos; crioulos luso-asiáticos que compreendem os crioulos luso-indiano (abrangendo as cidades de Goa, Damão e Diu) e luso-malaicos (nomeadamente Malaca); e os crioulos luso-americanos, falados nas Antilhas e no Suriname, incluindo o papiamento.

Os crioulos portugueses podem ser classificados por ordem geográfica (Malaca, Cabo Verde, Macau, Sri Lanka, etc.) e por línguas “substrato”, como por exemplo as línguas locais que estiveram em contacto com o português.

A origem dos crioulos portugueses remonta à época dos Descobrimentos, século XVI, quando a língua portuguesa entrou em contacto com as línguas locais na Ásia, nas Américas e em África. Como já foi referido, estes contactos linguísticos foram gradualmente formando pidgins estilo-português. Ao longo de mais de dois séculos, estes pidgins portugueses foram usados como línguas francas em certas partes da Ásia e de África.

Os linguistas descrevem *pidgin* (o termo deriva, aparentemente, de uma alteração chinesa à palavra inglesa *business*) como uma forma de linguagem gramaticalmente simplificada, com um vocabulário limitado, parte do qual oriundo das línguas “indígenas” locais, e que é utilizada na comunicação entre

peças que não partilhem uma mesma língua. O chamado “*pidgin inglês*” é falado, por exemplo, na Papua Nova Guiné (“*Tok Pisin*”).

Os *pidgins* portugueses evoluíram gradualmente, ao nível da gramática e do vocabulário, para línguas nativas completas – os crioulos. Enquanto todos os crioulos portugueses têm, com alguma lógica, o vocabulário português como a sua principal fonte de palavras, as suas estruturas gramaticais já são bastante diferentes da língua portuguesa.

O patuá de Macau começou a desenvolver-se após o estabelecimento de portugueses no lado sul da península, por volta de 1557. O estabelecimento de portugueses em Malaca começou em 1511, quase meio século antes do de Macau. Em Malaca, os homens portugueses cedo começaram a casar-se com mulheres malaias, resultando isso na criação de um crioulo local, malaio-português, normalmente conhecido por “*papia kristang*” (“língua cristã”), que se acredita ainda ser falada por cerca de mil pessoas na Malásia, em Singapura e na Austrália (sobretudo Perth). O *papia kristang* é muito próximo ao malaio em termos gramaticais, mas o vocabulário deriva sobretudo do Português.

Língua ameaçada

Embora os holandeses tenham conquistado Malaca aos portugueses em 1641, o *papia kristang* sobreviveu enquanto língua materna activamente falada naquela região. O crioulo malaio-português teve uma forte influência no desenvolvimento do patuá de Macau no século XVII, especialmente no que toca ao seu riquíssimo vocabulário malaio. A partir dos finais do século XVI, colonos euroasiáticos portugueses oriundos de Malaca “transplantaram” o seu crioulo para Macau.

Ao contrário da sua irmã mais velha de Malaca, o patuá é, actualmente, falado por escassas dezenas de pessoas, sobretudo mulheres com idades superiores a oitenta anos, em Macau e Hong Kong,

e talvez alguns milhares (ou centenas, dependendo das estimativas) entre a diáspora macaense espalhada pelo mundo, mas sobretudo na da Califórnia. O patuá é, sem dúvida, uma língua criticamente ameaçada. Alguns descrevem-na, com dramatismo, como uma “língua que está a morrer” ou como “língua moribunda.”

O estabelecimento de portugueses em Malaca, incluindo o seu crioulo malaio-português, serviu de base avançada para o subsequente estabelecimento de portugueses em Macau na segunda metade do século XVII. É por isso que o patuá tem uma forte influência do malaio, além de influências mais ou menos significativas do cantonês, de várias línguas indianas, do inglês, do japonês, espanhol e de várias outras línguas europeias e asiáticas. Num certo sentido, o patuá é um “*cocktail*” linguístico de línguas europeias e asiáticas que de uma forma ou de outra tiveram impacto no desenvolvimento social e comercial de Macau entre os séculos XVI e XIX.

Múltiplas influências

O patuá conheceu o seu auge como principal língua de comunicação entre os residentes euro-asiáticos de Macau entre os séculos XVII e XIX. No entanto, mesmo durante esse período, o número total de falantes era relativamente pequeno, provavelmente nunca passando de poucos milhares de pessoas em qualquer altura.

A forte influência do malaio no patuá também se deve ao facto de os primeiros colonos portugueses de Macau terem procurado mulheres primeiro em Malaca, além da Índia e do Japão, e não na China continental. Entre as palavras malaias adoptadas pelo patuá encontram-se “*sapeca*” (moeda) e “*copocopo*” (borboleta). O vocabulário do patuá absorvido de línguas indianas inclui “*fula*” (flor) e “*lacassa*” (vermicelli).

A ocupação britânica de Hong Kong a partir de meados do século XIX resultou na inclusão de vocabulário inglês no patuá, como por exemplo “*adap*” (“*hard-up*”, ter muito pouco dinheiro) “*afet*” (“*fat*”, gordo).

Ao longo dos séculos, da mesma forma

Hong-Kong, 1 de Abril de 1898

Titi Amica

Eu di qui tempo tá querê escrevê pra vós, mas tem tanto ancusa qui fazê, qui nôm pegá penna.

Nós tudu tá bom, nom tem duença.

Mas ouvi; qui novidade sam este? Macau vai fazê tantu festa; aqui tá fallá qui Macau lôgo tem quatro dia di festa. Vósôtro na Macau tudo já ficá ricu? Tem tantu dinheiro pra sentá sentá vai fazê quatro dia di festa? Qui foi? Eu tá uvi fallá qui sam centenario di India; mas, centenario di India sam qui cusa? Isplicá um pôco pra eu sabi; nunca bom priguíça, contá tim tim pra tim tim pra eu uvi.

Vosso subrinho

Béba

RESPOSTA

Macau, 2 di abril de 1898

Minha Béba

Honti já achá vósso carta. Mutu contente sabê que vósôtro tudo tá bom. Mas vós deverá sam burai Nun sábi qui cusa sãem centenario di India? Vai escola prendê qui prendê, num sabi nada; já basta iá, minha Béba. Agora sam paciencia; eu contá, vos ouvi.

Eu mútu priguíça papiá tanto, nadi contá lenga lenga, um pôco na mas, pra satisfazê vósso crusidade, já basta. Aquelle tempo, nósso rê chamá Dom Manuel. Tudu gente sábi qui tem India, mas nun sábi quãlu una caminhu di mar, pôde vai alli.

Dom Manuel mandá Vasco di Gamma vai buscá acunga caminhu; já quatro naviu pr'ele. No mestê lembrá qui sam naviu grandi como vapor di mala inglez, di mala francez.

Náquelle tempo unde tem naviu assim grandit!

Tudo quatro naviu sam pequeninu, igual como lôrcha china, como nósso fatiang que vai e vem Hong-kong assim.

Olá um pôco, qui animo, nung sam? Naviu pequeninu; nung sabi caminhu, nom tem mappa; vai assim cego surdu; nunca mêdo do mar; divéra sam corajoso acunga di Vasco di Gama!

Náquelle tempo tudu portuguez portuguez costumado fazê guéra co môro môro, fica valente, rubustu animoso nunca mêdo pirigo; agora sua portuguez, forte rubustu cada fina, pôde aguentá travalo.

Vasco di Gama sai de Lisboa na 8 di julio di 1497; chega Calicut, na India na 8 de maio de 1498 Sam 10 mez di viagi.

Num pôde isplia pra vos quilêia travalo elle já passa! Vento, mar, revoluçam di marinhero, traíçam di gente di téra, tudu leia di pirigo já passa mas Vasco di Gama fallá qui elle lôgo moré, mas nadi volta pra traz; até qui elle já vencê, até qui já chegá India.

Ca vá descubri caminhu di India, nom pôde imaginá Purtugal qui ricu ja ficá. Tudu negocio di India vai pra Lisboa.

Nuncaçá fallá de ôtro parti iã; fallá di China; Portuguez ja vem Macau na 1557. Vavá nom tem nunga otro naçam qui já vem pra China, fazê negôcio, cuza di 80 annu.

Tudu chà, séda, lôça. chéram, vai di Macau pra Lisboa, di alli pra tudu téra de Eropã. Vós lembrá qui laia moda portuguez nadi ficá ricu?

Cavá 80 annu sam já vem hollandez, já vem inglez fazê negocio.

Agora nunca uvi fallá, mas qui inglez, alleman, francez, hollañdez, italiano, dinamarquez, laia laia de gente, mas quim ja insiná caminhu pra elôtro vem pra India, pra China, sam portuguez que abri porta, fazê caminhu pra tudo gente vem; porisso, agora querê fazê centenario di India pra fazê recordá na caminhu di India, já insina fazê negocio, ja trazê padri prega nosso religiam. já fazê civilizá mundu.

Agora vos já sabi qui cusa sam centenario di India, qui foi fazê estuã festa.

Azinha vem Macau iã; nunca bom faltá.

Adeus.

Vosso titi

Amica

que qualquer outra língua ou dialecto, o patuá passou por mudanças ao nível da expressividade, da gramática, da sintaxe e do vocabulário. O cantonês influenciou de sobremaneira o patuá desde os finais do século XIX, à medida que mais e mais macaenses iam casando com mulheres chinesas de Macau e da região do Delta do Rio das Pérolas. Entre as palavras do patuá derivadas do cantonês encontram-se "amui" (rapariga) e "laissi" (presente pecuniário).

É pouca a investigação científica feita sobre a gramática do patuá, nomeadamente no que concerne às suas diferentes fases de desenvolvimento entre os séculos XVI e XX. Um dado assente é que a sua estrutura gramatical incorpora elementos europeus e asiáticos. Tal como acontece em outras línguas asiáticas, não existem artigos definidos e a utilização de pronomes e adjectivos possessivos é peculiar. A palavra "io" significa "eu" e "meu". A palavra "olítro-sua" significa "deles". O patuá, por outro lado, não utiliza a inflexão verbal do português. "Io sam", por exemplo, significa "eu sou", e "ele sam" significa "ele/ela é." A "língua doce" de Macau também contém partículas específicas para demonstrar acções em progresso ("ta") e acções terminadas ("ja"). Há no-

Do livro: Imagens do Oriente, Impressões de viagens, pelo Dr. António J. Gonçalves Pereira, Museu Marítimo de Macau, 1999

mes plurais (“*casa-casa*” = casas) adjectivos plurais (“*china-china*” = várias pessoas chinesas ou coisas chinesas), e advérbios plurais (“*cedo-cedo*” = muito cedo).

Nos finais do século XIX e início do século XX, o patuá ainda era falado como língua materna por alguns milhares de pessoas em Macau, Hong Kong e outros locais. Nessa altura, o patuá era conscientemente diferenciado do português “metropolitano” pelos seus falantes. No princípio do século XX, o patuá também era utilizado de forma muito frequente com intuítos “satíricos”, nomeadamente em manifestações de humor visando figuras da autoridade, por exemplo escarnecendo de funcionários públicos originários de Portugal.

A determinação das autoridades portuguesas, sobretudo na recta final do século XIX, em ensinar aos macaenses o português “correcto” terá sido – talvez inadvertidamente – a sentença de morte ao futuro do patuá enquanto língua comunitária activamente falada. Gradualmente, a alta sociedade macaense foi abandonando o patuá no início do século XX, dado que começaram a entendê-lo como a língua “da classe baixa” e “português primitivo”. O triste é que o patuá, que tem uma sonoridade melódica e doce, nunca atingiu o estatuto de uma língua cabal na sua vertente escrita, apesar de alguns escritores, como o já desaparecido – e muito amado – José (Adé) dos Santos Ferreira, terem escrito lindos poemas na “língua doce”. Mesmo hoje, o patuá não tem uma ortografia completamente definida. Para além disso, também nunca gozou de estatuto oficial – ao contrário do seu congénere caraibeno papiamento.

Um poema em patuá

*Nhonha na jinela – A moça na janela
Co fula mogarim – Com uma flor de jasmim
Sua mae tancarera – Sua mãe é uma chinesa pescadora
Seu pai canarim – Seu pai é um Indiano Português*

Apesar de ter uma história de cinco séculos, e de ser certamente uma das línguas híbridas mais interessantes do mundo, o patuá foi alvo de muito pouca investigação. A excepção mais notável é a já falecida filologista de Macau Graciete Nogueira Batalha, que publicou uma série de estudos sobre o patuá, que ela considerava e descrevia como o “dialecto macaense”. Graciete Batalha faleceu há dez anos. Alan Baxter, um linguista australiano fluente no crioulo português-malaio de Malaca, o *papia kristang*, está a investigar o patuá no âmbito do seu trabalho com o Departamento de Português da Universidade de Macau. O patuá deve ser um dos crioulos menos investigados do mundo.

O patuá nunca foi ensinado como disciplina ou cadeira em nenhum estabelecimento de ensino de Macau. Os macaenses aprendiam-no com os pais, principalmente a mãe. Numa abordagem literal, pode dizer-se que o patuá funcionou genuinamente como a língua materna da comunidade macaense. Por outras palavras, ao longo da sua longa história o patuá sempre foi uma língua sobretudo familiar, que nunca foi alvo de um reconhecimento oficial por parte das autoridades coloniais portuguesas. Na verdade, muitos dos professores enviados de Portugal para Macau empenharam-se bastante em “apagar” o patuá, uma vez que o viam como “português mal falado.” Infelizmente, quase conseguiram atingir o seu objectivo.

Em todo o mundo não há mais do que duas dúzias de académicos e jornalistas de alguma forma empenhados no estudo da “língua doce.”

O patuá atingiu o estatuto crítico de língua ameaçada. É necessário correr contra o tempo para manter viva a “língua doce” de Macau. O patuá é, afinal, parte integrante da alma multicultural de Macau e do seu incomensurável património intangível sino-português. É preciso agir com urgência para parar a maré, caso contrário o patuá desaparecerá em pouquíssimo tempo e juntar-se-á à lista das línguas extintas,

O patuá
“moderno” pode
ser considerado
“um dialecto
derivado do patuá
arcaico.”

Miguel Senna Fernandes



Foto cedida por Doci Papiaçam de Macau

que deploravelmente não pára de crescer.

Para além de algumas investigações académicas, na prática pouco tem sido feito para sensibilizar o público para a existência muito frágil e ameaçada do patuá. Uma das louváveis exceções foi a publicação, em 2001, pelo Instituto Internacional de Macau, instituição privada, de um glossário de Patuá-Português. A edição foi orientada por Miguel Senna Fernandes e Alan Baxter.

Miguel Senna Fernandes, advogado macaense e entusiasta do patuá, disse-me uma vez que o patuá “ainda não está morto, mas a sua forma arcaica já morreu”, acrescentando que o patuá “moderno” pode ser considerado “um dialecto derivado do patuá arcaico”. Senna Fernandes sublinhou ainda que o patuá “moderno” foi fortemente influenciado pelo cantonês, especialmente desde o início do século XX, considerando que “é um milagre” que o patuá tenha

conseguido sobreviver durante quatro séculos em Macau, uma vez que, lembrou, não podemos ignorar que a “cultura chinesa é muito absorvente.”

“Vamos reavivar uma memória quase perdida”, nota Senna Fernandes sobre o esforço que os fãs do patuá estão a desenvolver para garantir a sobrevivência da “língua doce” de Macau que, nunca é demais dizê-lo, é um dos componentes da sua riquíssima História. Alguns destes fãs propuseram a criação de um centro de estudos do patuá em Macau. De acordo com a proposta, o centro não só empreenderia investigações linguísticas e antropológicas, como, e isto é o mais importante, ofereceria cursos de língua – a um nível básico – a todas as classes sociais e diferentes gerações de interessados.

O patuá conheceu um regresso triunfante aos palcos no início da década de noventa do século XX, quando o Grupo de Teatro *Docí Papiaçam di Macau* foi formado e lançado pelos mais entusiastas dos seus defensores. Julie de Senna Fernandes, que morreu em 2005 e esteve, em 1993, entre os pioneiros desta iniciativa de formar um grupo de teatro amador, disse-me uma vez que o “poder do teatro” era a “melhor forma pública” de preservar a “única língua e identidade da nossa comunidade, que muito, muito poucos de nós ainda falam mas que muitos ainda percebem.”

Afinal, língua e identidade são fenómenos intimamente ligados na existência humana.

A boa notícia é que o patuá assume finalmente um carácter de potencial candidato ao título de Património Cultural Intangível da Humanidade, conferido pela UNESCO.

De acordo com a UNESCO, o património cultural imaterial, também muitas vezes referido como o “património cultural vivo”, manifesta-se, *inter alia*, em tradições orais, expressões e línguas – como o patuá. O património cultural intangível confere a pessoas e comunidades um sentido de identidade e preservação, continuidade. A protecção do património

cultural intangível mantém, desenvolve e promove a diversidade cultural e a criatividade humana.

A Convenção para a Protecção do Património Histórico Intangível foi aprovada em Paris em 2003 (ver artigo nesta edição). Entrou em vigor em 2006, quando a Roménia se tornou no trigésimo estado membro da UNESCO a ratificar o documento. A China ratificou-o em Dezembro de 2004.

Tal como ocorreu com a candidatura – coroada de sucesso – de Macau à classificação como Património Mundial da UNESCO do seu espólio histórico arquitectónico, a candidatura do patuá a Património Intangível Mundial tem de ser submetida pelo Governo nacional do país a que pertence – a China. Numa atitude bastante prometedora, sete associações macaenses juntaram forças, em Outubro de 2006, para promover a candidatura do patuá. O Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho Hau Wah, e representantes do Comissariado dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China assistiram, no afamado restaurante Portas do Sol, à cerimónia que comprometeu as associações com o apoio ao projecto “património intangível”, que inclui o estabelecimento de uma comissão de coordenação dos trabalhos.

Património vivo

A UNESCO descreve o património cultural intangível como um “património vivo” que é a “essência da nossa diversidade cultural, e a sua preservação como a garantia de uma criatividade contínua.”

Não restam dúvidas de que o patuá é uma língua em risco de extinção e que já devia ter sido colocada sob assistência há muitas décadas atrás. Está, agora, no seu leito de morte. Tudo o que possa ser feito deve ser feito para garantir que a nossa “língua doce” seja mantida no património “vivo” do mundo.

De acordo com a UNESCO, mais de metade das seis mil línguas existentes no mundo estão em risco de extinção. E



Foto cedida por Docí Papiçam de Macau

o preocupante é que 96 por cento dessas seis mil línguas são faladas por apenas quatro por cento da população mundial. Segundo a média, a cada semana que passa uma destas línguas desaparece. Qualquer pessoa que ame Macau deve ajudar no esforço que está a ser empreendido para garantir que o patuá não se junte à cada vez maior lista de línguas mortas.

A língua é a maior das criações da mente humana e cada uma delas, individualmente, incluindo crioulos como o patuá, são, à sua maneira, a prova viva da fantástica capacidade linguística da humanidade. Como disse o filósofo alemão Martin Heidegger, e muito correctamente, “a língua é que continua a ser dona do homem”.

Qualquer língua, tanto as faladas por muitos milhões de pessoas como as faladas por alguns milhares ou mesmo apenas centenas, reflecte, de facto, uma perspectiva do mundo, funcionando como o veículo de valores sociais e expressões culturais. O patuá não é excepção.

Macau devia ter um orgulho imenso pelo facto de ter a sua própria língua local, algo que, por exemplo, Hong Kong já não tem. (O *pidgin* de Hong Kong morreu no início do século XX após uma curta existência). O estatuto de Macau enquanto cidade de cultura e um dos mais antigos pontos de encontro entre o Oriente e o Ocidente clama por uma vigorosa “cultivação” da sua língua macaense: o patuá.

O patuá também merece, claro, ser incluído no livro vermelho da UNESCO referente às línguas em risco de extinção, pois tal seria uma forma de aumentar a consciência pública para a sua existência ameaçada.

Para além de tudo isto, o patuá é também uma das características que fazem de Macau um lugar único. É por isso que todos deveríamos trabalhar para garantir que jamais o patuá seja acrescentado à triste lista de línguas mortas do mundo.

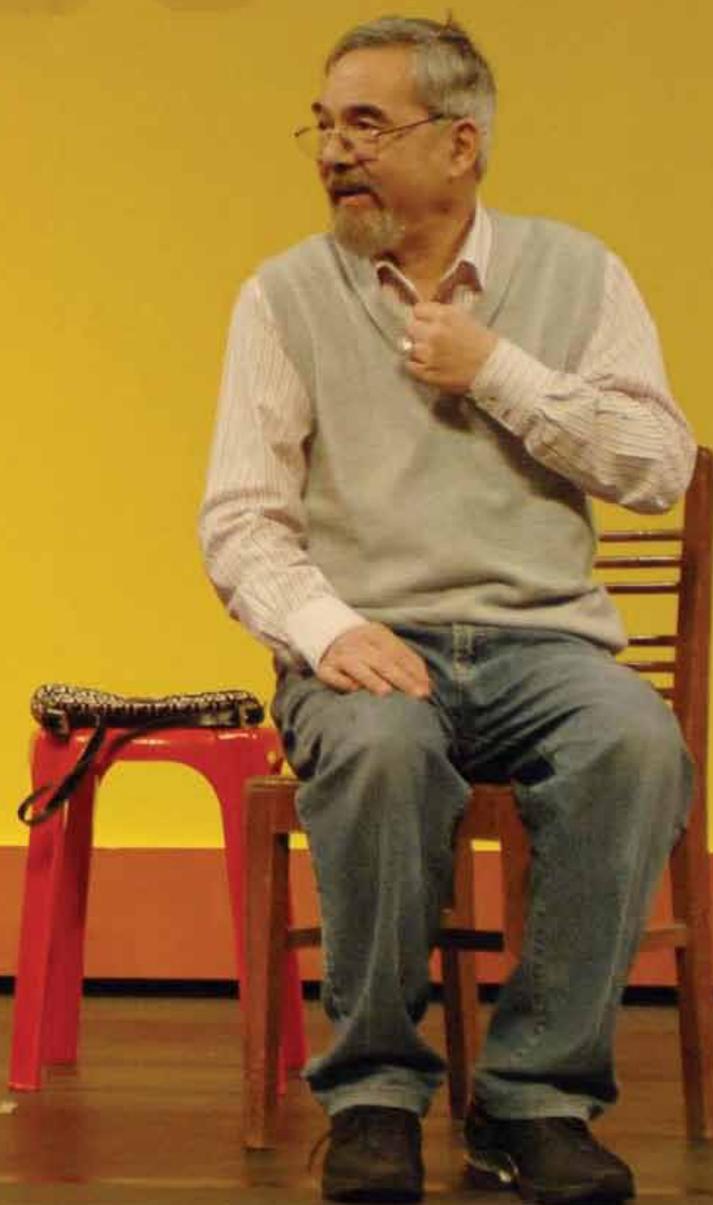
A classificação internacional do patuá pela UNESCO como património cultural intangível permitiria fortalecer a identidade de Macau e elevar ainda mais o

estatuto da Região Administrativa Especial de Macau no palco da cultura mundial. É necessário, porém, agir com sentido de urgência para assegurar que o estado de saúde precário do patuá não passe de ameaçado para morto antes da UNESCO receber a respectiva candidatura, algo que poderá demorar anos a finalizar. ■

N.A. - O meu interesse pelas línguas crioulas baseadas no português surgiu durante os

meus estudos universitários, em Munique, na década de setenta. Este artigo é baseado numa série de peças jornalísticas que tenho escrito desde o início dos anos noventa e que já foram publicados em vários jornais e revistas em inglês e chinês.

PS: Parte das ideias expressas no meu artigo foram inspiradas em The Cambridge Encyclopedia Of Language de David Crystal, 2ª edição, 2001.



À boa mesa... macaense

A cozinha macaense resulta de um encontro de culturas e é um reflexo da história de Macau. Com a missão de recolher o melhor desta cozinha foi criada a Confraria da Gastronomia Macaense

Tendo por objectivo preservar a gastronomia macaense, evitando o seu gradual desaparecimento, a Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), a Associação dos Macaenses, o Instituto Internacional, a Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas (APOMAC), o Círculo de Amigos da Cultura de Macau, o Clube de Macau e o *Docí Papiaçam di Macau*, criaram a Confraria da Gastronomia Macaense. Para já o primeiro passo desta recém-criada instituição é a “investigação a nível da



Foto: Carmo Correia

gastronomia macaense, que passa pela recolha de receitas das várias famílias tradicionais”, explica Hugo Bandeira, membro fundador da Confraria. Segue-se depois o trabalho junto dos restaurantes de comida macaense.

“Pretende-se uma vez por mês fazer visitas aos ditos restaurantes macaenses para ver o que eles estão a fazer. Se é realmente comida tradicional macaense ou se é outro tipo moderno de comida macaense”, afirma Hugo Bandeira.

Porém, e porque há “certos pratos muito adulterados”, diz José Manuel Rodrigues, presidente da APIM, a Confraria vai encetar acções pedagógicas e de divulgação no próprio território. “Vamos tentar, em cooperação como Instituto de Formação Turística, iniciar cursos de formação da cozinha tradicional macaense e da tal gastronomia de fusão”. No que à divulgação diz respeito, as Casas de Macau representam também um papel importante neste campo, e pretende-se também realizar no território um encontro internacional de confrarias. José Manuel Rodrigues conta que “nos próximos meses vão ser estabelecidos contactos com instituições congéneres de outros países no sentido de organizar um encontro internacional de

confrarias gastronómicas para troca de experiências, não pondo de parte a criação de uma confederação internacional de gastronomia”.

Toque exótico

Quatrocentos e cinquenta anos de presença portuguesa no território deram azo a uma confluência de sabores. De Lisboa à Índia. De Moçambique à China. “Ao longo dos séculos adaptamos culinárias de diversas origens, mas mantivemos a originalidade da nossa cozinha”, explica José Manuel Rodrigues. Nada mais do que uma mistura rara de “vários ingredientes que os portugueses foram recolhendo na rota desde Portugal até Macau” diz, por seu turno, Hugo Bandeira. E acrescenta: “podemos ter pratos que são mais próximos da comida chinesa ou da portuguesa e outros que, por exemplo, nos lembram qualquer coisa que comemos em Malaca”. Por isso, “dizer que a culinária macaense é um parente pobre da gastronomia chinesa é errado, tal como também o é dizer que é muito parecida à comida portuguesa, porque é muito mais do que isso”, conclui. Esta é essência da cozinha tradicional

macaense e os múltiplos exemplos que se podem dar. O *minchi*, um dos pratos mais conhecidos, actualmente não é mais do que carne de porco e de vaca picada, servido com batata frita, arroz e ovo. Há quem também misture cogumelos, mas antes era mais do que carne com um molho. Ou o *tacho*, que não passa de uma espécie de cozido à portuguesa a que se juntou os ingredientes chineses como as pequenas couves, presunto e chouriço chineses e pele de porco frita.

Tradicional são também os temperos como o balichão que é feito à base de camarão e que é um dos ingredientes de muitos pratos macaenses. Da Índia chega o molho de coco usado na Galinha à Portuguesa e de Moçambique o paladar picante dado pela malagueta e que está presente na Galinha Africana.

Uma verdadeira paleta de sabores e aromas que pintam a cozinha macaense. Agora o mais difícil é chegar a um consenso sobre o que é a comida macaense. Afinal este é “um conceito complicado que, com o passar do tempo, dilui-se cada vez mais”, responde Hugo Bandeira, que defende a modernização da culinária, “mas sem afectar a base dos ingredientes e o sabor”. ■

Encontro de sabores e memórias

Fotos: Carmo Correia



A cozinha e a culinária tradicionais macaenses, mais do que uma realidade material, constituem um conjunto de memórias individuais que se projectam no grupo que com elas constrói um imaginário colectivo

Como fenómeno humano, social e cultural, a comida, com as suas cozinhas e gastronomias, pode ser abordada de diversos modos, com enfoques distintos, e objectivos diversos. Uma perspectiva histórica reflectirá sobre, entre outros, os hábitos de classe e de género, e as suas correlações com ciclos económicos, crises com origens políticas ou sociais, ou provocadas por tragédias alheias ao comportamento humano, enquanto que uma visão antropológica se preocupará sobretudo com os traços culturais e materiais, assim como os significados dos hábitos de consumo e as suas representações e ritualizações. A análise sociológica vê-la-á essencialmente, como expressão social e humana, reflexo do

grupo, ou da comunidade, ligada aos papéis sociais, aos géneros, às gerações, analisando a sua importância no grupo, e os desvios e substituições resultantes das dinâmicas sociais.

Assim, de entre várias formas e variados modos, poderemos focar a nossa atenção sobre a comida macaense, intentando uma busca sobre as suas origens, que acabarão certamente por se plasmar com povos e culturas distintas que estarão na sua génese; ou debruçarmo-nos sobre ela, para além do material, como um referencial identitário e definidor da própria comunidade.

É um relance por estas duas abordagens à comida macaense que vos propomos neste artigo.¹

Falar das origens, porquê?

- Porque elas remontam à origem da comunidade e à sua possível estrutura étnica.

Falar do seu significado para a comunidade de hoje, porquê?

- Porque ela é estruturante para a sua

comida macaense.

A comida macaense, a sua cozinha e culinárias, são elas próprias um *atestado* das origens étnicas dos macaenses, prova da mestiçagem que lhe deu início e *marca* da comunidade. Por outro lado, pelo contacto directo com os



Foto: Pedro Ascensão

identidade, como referencial a um passado comum, sem significado étnico, mas cultural e identitário.

Os macaenses, e a comunidade macaense, têm sido, ao longo dos últimos anos, objecto de variadíssimos estudos não só no campo das ciências sociais, como também das ciências históricas e humanas, realizados por diversos autores e investigadores.²

Tais contribuições ajudam-nos a definir a comunidade macaense como dotada de grande mobilidade social, podendo caracterizar-se pela constante adaptação identitária, a qual não deixa de abranger os aspectos culturais e de ser, mesmo, um elemento de redefinição da sua própria etnicidade.

No seio deste grupo alargado e disperso, constata-se que existem práticas estruturantes da sua identidade cultural que começaram a desaparecer, ou a alterar as suas formas e contextos de representação, como parece ser o caso da

macaenses, sabemos como esta comida é, por todos e amiúde, nomeada como uma *saudade*, como um apelo às origens, independentemente de etnicamente pertencerem, ou não, a esses primeiros mistos de Macau. Conhecemos o modo e a forma como escritores de Macau, a ela se referem³, elogiando os seus cheiros e sabores, colocando-a quase a um nível mítico, na família, no grupo, no *ser macaense*.

Sabemos, também, como as sociedades modernas têm vindo a alterar os seus hábitos e práticas alimentares, fruto da adaptação a novos ritmos e modos de vida, gerados pela sociedade global de consumo e pela mundialização dos mercados sempre abertos à introdução de novos produtos. Naturalmente que as comunidades macaenses também não ficaram alheias a esta realidade.

Perante todas as alterações resultantes das dinâmicas sociais e dos desafios da modernidade, pensamos que seria



Fotos: F. Sales Lopes

importante que a comida macaense fosse estudada numa perspectiva diferente. Ou seja, num tempo em que a comida macaense perdera, quase completamente, as suas funções biológicas, e em que as rituais estavam reduzidas a pequenos apontamentos dispersos, que papel lhe estava destinado, e se continuava a representar, para o macaense, um vector da sua identidade cultural. Esta foi tarefa que levamos a bom termo, na viragem do século, num trabalho de investigação que privilegiou uma abordagem essencialmente qualitativa e holística, por forma a permitir a utilização de uma variedade de fontes e de métodos. Tendo como objecto primeiro a comunidade macaense residente em Macau, mas estendendo-se às comunidade da diáspora - através de um questionário aberto, que fizemos por ocasião do *III Encontro dos Macaenses* -, a investigação centrou-se na problemática da comida macaense enquanto referencial identitário, não apenas ao nível do consumo, mas também no das suas representações e simbolismos. Por outras palavras,

pretendeu-se definir elementos que nos permitissem aprofundar o conhecimento dos mecanismos de adaptação ou de acomodação da comunidade, e determinar -independentemente das formas com que hoje se apresenta, tanto ao nível das práticas como do seu simbolismo - até que ponto o recurso à comida macaense poderia ser considerado um referencial estruturante da sua identidade cultural. Todas as conclusões do estudo apontaram para a importância do referencial comida macaense no imaginário colectivo. Ao ser elevada ao estatuto de símbolo, marcante da diferença, a comida macaense assume um papel de relevo na formulação da etnicidade macaense, que em muito transcende o mero suporte étnico. Ficou, também, demonstrado que a memória, mais do que a prática, passou a ser um traço fundamental, dessa comida, tanto em Macau como nas comunidades da diáspora.

Encontro de sabores

A cozinha macaense é o resultado

da diversidade de influências que foi recebendo e que a foram estruturando ao longo de séculos - da cozinha portuguesa trazida pelos navegadores e comerciantes, ela própria já influenciada pelos contactos estabelecidos pelo mundo que então tocavam, acrescidos de influências locais e regionais.

Os portugueses começaram a fixar-se em Macau (onde apenas existiam pequenas comunidades piscatórias) entre 1552 e 1557. Os comerciantes que aqui se estabeleceram eram oriundos de Portugal ou do Vice-reino da Índia e as mulheres, de início, não os acompanhavam. Só mais tarde, depois da fixação parecer segura, começaram a trazer consigo companheiras indianas, goesas, malaias, siamesas, javanesas, japonesas, de Samatra, do Pegú, e das Filipinas, que transportavam consigo gostos e conhecimentos culinários das suas próprias culturas. Ao comerciante e marinheiro português teria ficado talvez reservado o papel de tentar recriar as suas comidas preferidas, com origem lá longe na sua terra, através de mãos que, trabalhando ingredientes e especiarias de um outro mundo, tentavam satisfazer as suas saudades. Assim terá tido início esta rica cozinha: elaboração de pratos desconhecidos por quem os confeccionava, com gestos diferentes, diferentes ingredientes, utensílios e técnicas de confecção.

A tudo isto virá posteriormente juntar-se a influência da mulher chinesa, primeiro apenas como cozinheira e, posteriormente, também, como esposa, e das mulheres portuguesas inseridas nesta comunidade. Se a esta realidade acrescentarmos a da introdução de novos produtos agrícolas na região trazidos pelos europeus, nomeadamente pelos portugueses e espanhóis, do Mediterrâneo, Américas e África, então teremos uma visão mais alargada desta autêntica revolução que, para além da cozinha macaense, significou, de um modo mais lato, a introdução na dieta chinesa de produtos até aí desconhecidos e que rapidamente viriam a mostrar-se indispensáveis à sua

cozinha. Produtos esses que hoje ninguém pensará ter havido um tempo em que eles não faziam parte dessa milenar e grande cultura gastronómica que é a chinesa.

A título de exemplo, diremos que, as necessidades da então nova população de Macau, em relação a produtos alimentares não existentes nestas paragens levou a que começassem a ser cultivados nos campos adjacentes, na província de Guangdong - e posteriormente levados para o resto da China - produtos tais como, e entre outros, o milho, o amendoim, a batata doce, a alface, o tomate, a mandioca, a papaia, a anona, a goiaba, e o agrião, originário da Europa tão utilizado na culinária chinesa e procurado pelo seu valor medicinal.

Agrião que, em Macau, se denomina *sai-iong tchói* (hortaliça do ocidente), e onde curiosamente o cantonês usa o termo *sai-iong* para se referir a Portugal.

Também a criação de animais produtores de leite, cujo hábito de consumo não existia na região, foi incentivada com vista à fabricação de derivados lácteos, como a manteiga, de entre muitos outros produtos, consumidos pela nova população vizinha.

A todos estes novos produtos, e aos já existentes, devemos juntar as plantas e especiarias trazidas da Índia, Malaca, Ceilão (actual Sri Lanka), costas ocidental e oriental de África, e Brasil, para além, naturalmente, das provenientes dos empórios marítimos do arquipélago indonésio, com os quais os chineses já se relacionavam há séculos.

Quanto aos produtos portugueses, aqueles que não encontravam substituto à altura no local, ou que pelas suas características poderiam suportar uma viagem de muitos meses, poder-se-á dizer que desde o início da fundação do entreposto a ele chegavam, embora sem fins comerciais, o que só viria a acontecer já no século XIX, como relatam os viajantes e textos da época. Referimo-nos a vinhos, azeite e azeitonas, alguns enchidos ou produtos fumados ou conservados em salmoura, e espécies animais, entre elas, aves de capoeira e cabras para a obtenção de leite.

O nome das coisas...

Debruçarmo-nos sobre as designações das receitas, os seus ingredientes, e os modos de confecção é como se, através delas, viajássemos até um passado distante, que recua à fundação do estabelecimento, e onde assentam as origens da comunidade. Foi o que fizemos numa investigação que teve como objecto de estudo mais de uma centena de receitas.

Para logarmos alcançar respostas o mais aproximadas da verdade que sempre se procura, intentámos uma abordagem crítica multifacetada, e por ângulos diversos, tendo em conta a complexidade do objecto. Vejamos - se um prato é designado por um nome que lhe atesta determinada origem (malaia, por exemplo), será esta uma condição suficiente e necessária para lhe atribuir a paternidade? Não é certo que assim seja. Aliás, na maior parte dos casos não o é, mesmo. Então torna-se necessário interrogar os ingredientes utilizados e o modo e forma de confecção, comparando-os com os da designação original. Só o cruzamento das diversas abordagens nos poderá dar alguma luz sobre as questões que formos levantando.

Embora não sendo uma característica própria do receituário macaense, pode, contudo dizer-se que se torna aqui recorrente o facto de, por vezes, a mesma receita ter designações diferentes, ou uma variedade de ingredientes e de formas de confecção. Esta característica é comum às receitas de família, que leva à tendência de em cada uma delas se criarem versões próprias de cada prato, tentando melhorá-lo, enriquecendo-o com novos ingredientes e especiarias, dando-lhe novos sabores, apurando os originais, ou tornando-os mais atraentes pela cor e arranjos de serviço.

Em síntese podemos concluir que, em relação às designações, a maior parte das receitas estudadas, coincidirão com a origem desses mesmos pratos ou, pelo menos, dos que os trouxeram, ou a quem competia a função de os confeccionar

em Macau. Não nos devemos esquecer, contudo, que as criadas das casas macaenses, eram chinesas e era a elas que estava confiada a confecção dos pratos no dia a dia. Se isso se traduz por uma ementa mista na casa dos macaenses, também a sua presença não será alheia à introdução de métodos de cozinhar e à utilização de certos produtos locais. Outros pratos, no entanto, apenas conservam um nome que nada tem a ver com a composição, confecção ou até sabor do original.

No primeiro caso estão os doces e sobremesas, essencialmente de origem portuguesa. A inexistência de qualquer destas espécies culinárias com designação, composição ou confecção chinesa, parece encontrar justificação no facto de não ser usual a sua confecção e consumo, na região em que Macau se insere.

Este particularismo de importação pura vamos também encontrá-lo nas entradas e molhos de mesa desta cozinha própria de Macau, todos eles de origem malaia ou indiana, tanto na designação como na confecção, embora se encontrem neles, por vezes, substituição ou acrescento de algum ingrediente local para enriquecer ou apaladar a confecção.

Mas, sendo a cozinha macaense uma cozinha mista indo-portuguesa, com todas as alterações inerentes às diferentes mãos que a confeccionaram, que características do local onde ela se desenvolveu por durante quatro séculos e meio, podemos encontrar?

Quanto a nós, essa influência é essencialmente notória na sofisticação e complexidade, requisitos que, na culinária chinesa, levam a uma cuidadosa selecção de ingredientes – ao seu uso como principais ou secundários –; à técnica exacta do corte dos alimentos; ao seleccionado uso de condimentos e temperos nas diversas fases do cozinhar; à utilização de polmes e ao preciosismo dos métodos de cozinhar na utilização exacta do tempo e da temperatura. É aí que se revelam as características chinesas que marcam, de uma forma indelével, a



Foto: Casa de Macau, em Portugal

culinária macaense.

A utilização do cozido a vapor, do cozido em banho-maria, dos diversos tipos de fritos à maneira chinesa, do frito (*chau*), do frito e cozido, ou do cozido e frito, como formas de confecção, quase são uma regra (excepção para a maioria dos doces e sobremesas). Assim acontece também com a utilização de caldos, talvez de grande valor medicinal, confeccionados durante largo tempo, e em banho-maria.

Macau, tendo sido o primeiro ponto de encontro permanente entre o Ocidente e a China, também o foi, como não podia deixar de ser, ao nível da cozinha. A cozinha que nasceu deste contacto não é uma cozinha de origem portuguesa com influências chinesas, nem uma cozinha chinesa com influências portuguesas, ela é uma mistura harmoniosa e equilibrada das duas em sabores, odores, cores, e formas de preparação que lhe dão um estatuto único, de uma cozinha de características próprias - a cozinha macaense.

Na sua origem estão duas cozinhas muito ricas, talvez as mais ricas do mundo, na época em que aqui se fundiram. De um lado, a portuguesa (já indo-portuguesa!), de origem mediterrânica com modos de confecção muito próprios e grande utilização de ervas aromáticas, na altura já complementada com o exotismo das especiarias e enriquecida com novos produtos orientais, africanos e americanos e, do outro, a grandiosa cozinha chinesa de tradição milenar, possuidora de técnicas de preparação e confecção precisas, de harmonias e equilíbrios entre sabores e qualidades, cumprindo assim a maior de todas as virtudes do confucionismo.

As coisas pelo seu nome....

“Para nós, seres humanos, comer nunca é um acto “puramente biológico” (seja qual for o significado de “puramente biológico”). Os alimentos que se comem têm histórias associadas com os passados daqueles que os comem; as técnicas empregadas na procura, processamento, preparação, serviço e consumo

dos alimentos são todas culturalmente variáveis e com histórias de quem as possui. Os alimentos nunca são simplesmente comidos; o seu consumo está sempre condicionado pelo seu significado. Estes significados são simbólicos, e comunicam simbolicamente entre si; e também eles têm histórias. Estes são alguns dos caminhos que nós humanos construímos para tornarmos muito mais complicada esta supostamente simples “actividade animal”. (Mintz, Sidney W. (1996) *Tasting Food, Tasting Freedom – Excursions into Eating, Culture, and the Past*, Boston, Beacon Press pp. 7-8, tradução nossa)

Tudo o que escrevemos até aqui foi-nos “dito” pelo que poderemos chamar de receituário *tradicional* macaense (este, fixado em finais do séc. XIX, primeira metade do séc. XX.) registado em publicações, lembrado por quem dele se recorda, em entrevistas, registos na comunicação social, ou na literatura. Mas, destas cento e tal receitas quantas, hoje em dia, fazem parte, dos hábitos alimentares ou, sequer, do conhecimento da maior parte dos membros das comunidades?

Não sabemos se existirão escondidas, ainda, muitas receitas da cozinha macaense à espera de verem a luz do dia, claro que não falamos das versões, mais ou menos pessoais, ou de famílias, mas que não alteram substantivamente as características identificadoras do prato em questão – um *minchi* é um *minchi* para lá das diversas variedades... Se a máxima do célebre epicurista Brillat-Savarin - “Dize-me o que comes e te direi quem és” - fosse aplicada à sociedade macaense de há um século atrás, talvez os resultados fossem claros relativamente à obtenção de uma resposta nomeadamente quanto à sua identidade cultural e etnicidade. E talvez volte a sê-lo, no futuro, aplicada às gerações vindouras, na construção das suas identidades. Mas, hoje? Perdeu aquela máxima o seu valor aqui e agora? Se calhar ainda não, se o seu enunciado fosse: “diz-me em que comida pensas, e

dir-te-ei quem és.”

O valor da comida macaense – independentemente de fundamentalismos de difícil justificação, nomeadamente a questão do tradicional, ou da sua pureza – recorrente na auto-definição e na auto-representação do(s) macaense(s) está muito para além daquilo que efectivamente se reduz a uma função biológica. Ou seja, comendo à portuguesa, à chinesa, à italiana, ou de qualquer outra origem, a comida macaense vive na sua memória, como vivem afinal a religião, para além da prática, ou a língua, para além do uso.

É que a comida, como o uso da língua, só sobrevivem quando usadas, por possíveis ou necessárias, caso contrário, passam a viver, apenas, nas memórias. E, estas, por vezes têm mais força, por intangíveis, do que o palpável que se degrada pela erosão dos tempos e a fúria dos homens. ■

* Licenciado em História / Mestre em Relações Interculturais

1. Serviram de base a este artigo dois trabalhos de investigação diferenciados, a saber : Lopes, Fernando (1998), “Chinese-Portuguese Cultural Interaction and Chinese Food Culture in Macau: Macanese Cuisine - Where West and East Blend”, in *The 5Th Symposium on Chinese Dietary Culture*, Taipé, Foundation of Chinese Dietary Culture, pp. 15-26 e *Os Sabores das Nossas Memórias – A comida e a etnicidade macaense*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais (mimeo) a aguardar publicação; e, ainda, elementos do Inquérito lançado pelo autor às comunidades macaenses, por ocasião do III Encontro dos Macaenses.

2. Tais como Almerindo Lessa, Ana Maria Amaro, Beatriz Basto da Silva, Boaventura Sousa Santos, Carlos Piteira, Jorge Morbey, Manuel Teixeira, Pina Cabral e Nelson Lourenço, Videira Pires, entre outros.

3. Nomeadamente Alda de Carvalho Ângelo, Frederic Silva, Cecília Jorge, Graciete Batalha, Henrique de Senna Fernandes, José dos Santos Ferreira, Luís Gonzaga Gomes, entre outros.

Do chau-chau revigorante ao refrescante frio-frio

Sendo uma cozinha própria de Macau, até que ponto ela se preocupa com o aspecto medicinal da alimentação, tanto na sua utilização preventiva, como curativa. Sabe-se que a cozinha macaense integra (já integrou muito mais segundo descrições

antigas) algumas receitas medicinais, com influências portuguesas, indo-portuguesas, malaias e chinesas. Sabe-se, também, que havia, noutros tempos, receituário próprio de mezinhas caseiras.

O recurso à medicina tradicional chinesa e aos pratos medicinais da cozinha chinesa, ainda hoje são uma prática, e convém não esquecer que a cozinha chinesa também faz parte dos hábitos alimentares dos macaenses. Para além disso será de ter em conta que, a maior parte dos ingredientes usados na cozinha macaense poderão estar a ser utilizados, também devido à sua acção medicinal, embora as pessoas - como acontece noutras sociedades urbanas modernas - já não lhe atribuem essas características, como poderá ser o caso, por exemplo, do gengibre, da cebola, do alho, das pimentas, dos inhames, do vinho, do vinagre, dos ovos, do sésamo, dos xaropes, entre outros.

No nosso estudo encontramos um grupo significativo de receitas com referências directas aos seus efeitos terapêuticos e medicinais, nomeadamente:

- destinadas a fortalecer a parturiente (sempre com a designação de *parida*, como *Galinha Chau-Chau Parida*), com utilização dos medicinais e revigorantes: gengibre, açafraão, vinho, e vinagre;
- para pessoas fracas, um *Caldo de Raiz de Lótus (Lin ngau)*;
- com qualidades refrescantes para serem consumidas no Verão (*Frio-Frio*, gelatina que tem como ingrediente principal a alga *Agar-agar*, confeccionada em seis variantes que correspondem a outros tantos sabores);
- geleias revigorantes (de patas de galinha e de mão de vaca) tendo em comum a utilização de jagra (açúcar de pedra), vinho (no caso, vinho do Porto), ovo (apenas a clara) e, numa delas o pau de canela, tudo ingredientes de alto valor *medicinal*, na dietoterapia chinesa. Também surgem referências soltas a alguns ingredientes com valor medicinal, tais como:
 - a *Camalenga*, designação macaense para uma abóbora designada em cantonês de *Tong-kuá*. Com esta abóbora fazem-se caldos que dão frescura;
 - o *Pato Salgado*, que era usado na cozedura da papa de arroz para as crianças, para dar energia;
 - o *Arroz de Força (Chi-sat)*, com várias funções terapêuticas, nomeadamente no caso de desintéria;
 - o *Arroz Pulu*, arroz gomoso utilizado nos doces macaenses, a quem antigamente se atribuía propriedades medicinais, nomeadamente contra a *febre tifóide*. ■

* in *Macanese Cuisine – Where West and East Blend*

Comida macaense – uma mãe que se recorda

Interessantes as respostas dadas à questão: *o que é para si a comida macaense?* E que se dividiram entre as que tentam uma definição material e as que, situando-se num campo mais subjectivo, se reportam a referências, e, nos grupos etários acima dos 40 anos, inevitavelmente ao passado. É a figura tutelar da mãe que impera, mãe biológica, que é também um recordar das origens, a mãe cultural, *onde se vai buscar o que nós somos*, no dizer de um macaense há meio século por terras da América do Norte:

- “Comida **caseira** preparada da maneira **tradicional**, com condimentos específicos”.

- “Tasty palatial **“mother’s cooking”**. (Um gosto na boca à “cozinha da minha mãe”)

- “É a comida que a minha **mãe** e cozinheiros cozinham quando eu era uma criança. Continuo a cozinhar comida macaense para a minha família e às vezes para os amigos”.

- “A comida tipicamente da **terra**, preparada pelos nossos **antepassados** e que foi sendo ensinada de geração em geração”.

- “A comida da minha **infância** que ainda sirvo à família e amigos”.

- “É uma **saudade**”.

- “É lembrar da terra em que nasci, comemorar com a família à mesa com a fartura e diversificação (dependendo da situação financeira no momento).

- “A comida da **minha mãe**, da **minha terra**, a comida que eu adoro e que a minha família gosta”.

- “É a lembrança do **passado**, da boa comida que só uma **mãe** sabe fazer”.

Na definição da sua comida, os macaenses atribuem-lhe qualificações que vão de encontro à teorização do menu tradicional, por um lado, (antepassados, passado de geração em geração, infância) e, por outro, demonstram como a cozinha macaense se ligava primordialmente ao lar e à estrutura familiar (caseira, comida da mãe, família).

Não é só, e apenas, a lembrança dos primeiros contactos com o seu meio e as suas origens, como refere o sociólogo francês Pierre Bourdieu, é muito mais do que a lembrança do materno biológico. A comida macaense é a comida dos antepassados, da mãe, da família, da infância, da terra, é uma lembrança, é uma saudade, é uma memória, é, acima de tudo, uma referência identitária. ■

* do Inquérito lançado por ocasião do III Encontro dos Macaenses

Salgados de boas-vindas e doces de matar saudades

Quándo vós lôgo vêm Macau pa dá unga iscuta pa nós tudo? Quelora vêm, lembrá trazê vósso chistosa Maria pa vêm olá nós. Uví, êle sabe papiá nósso maquista chapado? Si nom sabe, qui ramêde. Chacha nom sabe torá português, nádi pôde conversá co êle. Vêm azinha, filo. Vêm intrementes Macau sã Macau, intrementes Chacha têm vida, podê fazê porco-balichám tamarinho, margo-so-lorcha co tudo rabusénga qui vós assi gostá comê. Olá, co péso de áno na costa, Chacha ta unchinho tom-tom mom-mom ia. Nom-mestê vós demorá vêm. Si demorá tánto, lôgo olá Chacha fêto pêsse cucús na bássio di chám.

(...) Filo di Tio Lorêngo más quânto dia ta vai Putugal istudá pa ficá ténico. lou lôgo pedí êle, bom quiança, levá dôs páim di ladú, unga pote di goiavada com unga porçám di cham-pei-mui pa vós.*

As memórias, as saudades, são traduzidas na comida que se recorda, e com a sua recordação, a lembrança da meninice, da família, dos amigos. Mas também, como José dos Santos Ferreira (Adé) regista na carta enviada por Chacha ao seu neto Agapito, as saudades provocadas pela ausência do neto são traduzidas na vontade do seu regresso, para que possa comer os manjares de que tanto gosta, e que ela preparará. Se tal for impossível, Chacha enviar-lhe-à, para Portugal, alguns manjares doces – como não podia deixar de ser – para que Agapito mate saudades de sua avó, e da sua terra. ■

*in Macau Jardim Abençoado, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988, p. 91

Os bons velhos tempos

Na Austrália, em Hong Kong, no Canadá, na Grã-Bretanha, em Portugal ou no Brasil, é à mesa que os macaenses aí residentes se encontram, em festas privadas ou nas suas associações, confraternizando em redor de um *Chá gordo*, o farto lanche ajantarado, que hoje pode ser servido a qualquer hora. Um *Chá gordo*, com toda a variedade que lhe é inerente, mas a que se juntam pratos fortes como o *Tacho* ou o *Diabo*, num repositório completo de comidas-memórias.

Que memórias poderão trazer um *Chá gordo*?

- “*Good old days*” (Os bons velhos tempo)

- “*Chá gordo* traz-me **memórias** de quando estive em Macau”

- “*Chá gordo* is a combination of savouries and sweet dishes, usually eaten instead of dinner. It brings to mind gatherings of **friends and family in the past!**” (é uma combinação de aperitivos e de pratos doces, que normalmente substituem o jantar. Traz-me à lembrança, as antigas reuniões de amigos e de família.)

- “Meeting friends, talking about **old times** and enjoying the food. (Encontro com amigos, conversas sobre os velhos tempos e os prazeres da comida)

- “Meeting **old Macanese friends** and enjoying food of common interest”. (Encontro com velhos amigos macaenses e saborear a comida que todos apreciamos)

- “Fellowship with other Macanese recalls **memories of my childhood**”. (Convívio com outros macaenses que me trazem memórias da infância)

- “Good food in the afternoon to early evening with good friends from the Macanese community. It brings back **memories** of times between the 1950’s and 1960’s and my mother’s way of preparing it the Macau way”. (Boa comida ao fim da tarde com bons amigos da comunidade macaense. Traz-me recordações dos anos 50 e 60 e da maneira como a minha mãe preparava os pratos à moda de Macau)

- “A gathering of Macanese with a variety of Macanese dishes and Macanese confections, **memories of old times** in Hong Kong”. (Uma reunião de macaenses com uma variedade de pratos e confecções macaenses, e memórias dos velhos tempos em Hong Kong)

- “Going to **parties at my aunts house** in Shanghai”. (As festas na casa das minhas tias, em Xangai)

- “O tempo dos meus **avós**”.

- “É uma festa para comemorar aniversários e outras ocasiões festivas. Lembro-me da minha **infância e juventude** em Macau e os bons petiscos que se comiam.

- “O **Macau antigo**, a minha **mãe**, as minhas tias, as festas macaenses, a minha adorada Macau”.

O *Chá gordo*, comida de festa familiar e de reunião de amigos, é, por excelência, o paradigma do encontro, da amizade, função que continua a desempenhar entre as comunidades emigrantes. É por essa razão que, para os nossos inquiridos, a ideia de um *Chá gordo* lhes traz *memórias*: dos tempos que viveram em Macau, ou ainda, entre macaenses no Oriente (*parties at my aunts house in Shanghai*), em épocas classificadas como *velhos tempos*; com a família (mãe, tias, avós) e os amigos. Mas também a ideia do encontro, actual, com amigos macaenses para falarem dos tempos de juventude, de velhos amigos, da *minha adorada Macau*. ■

* do Inquérito lançado por ocasião do III Encontro dos Macaenses

Para além do património tangível

A cultura de Macau ganha novo instrumento internacional para a preservação e divulgação das suas tradições orais, ritos e costumes, com a aplicação na RAEM da Convenção da UNESCO relativa à Salvaguarda do Património Cultural Intangível

A Convenção da UNESCO relativa à Salvaguarda do Património Cultural Intangível, assinada em 17 de Outubro de 2003, em Paris¹, entrou em vigor em Macau a 20 de Setembro de 2006.

Concluídos os trâmites de vinculação externa da República Popular da China e de consulta junto do Governo da RAEM (por força do artigo 138º da Lei Básica), a China notificou, em 2 de Dezembro de 2004, o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, aquando do depósito do seu instrumento de ratificação, que a Convenção relativa à Salvaguarda do Património Cultural Intangível seria igualmente aplicável à RAEM. Esta Convenção insere-se num conjunto de instrumentos da UNESCO relativos à preservação do património cultural, tais como a Recomendação para a Salvaguarda da

Cultura Tradicional e do Folclore (1989), a Declaração Universal da UNESCO para a Diversidade Cultural (2001) e a Convenção para a Protecção do Património Mundial Cultural e Natural (1972), bem como de outros instrumentos das Nações Unidas, como o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos - artigo 27º (*"minorias étnicas, religiosas ou linguísticas (...) não devem ser privadas do direito de ter, em comum com os outros membros do seu grupo, a sua própria vida cultural, de professar e de praticar a sua própria religião ou de empregar a sua própria língua"*) - e o Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais - artigo 15º (direito de participar na vida cultural e de preservar a herança cultural) -, ambos aplicáveis na RAEM.

Nas últimas duas décadas, a preservação do património cultural tem sido particularmente valorizada

em virtude da necessidade de reafirmação das identidades colectivas face às tendências de uniformização e ao fenómeno da globalização, tendo em vista o equilíbrio sustentado entre a preservação cultural e o progresso económico e social. O reconhecimento por parte da comunidade internacional da existência de uma herança cultural universal que urge salvar tornou-se patente em diversos instrumentos da ordem internacional, com destaque para a Lista da UNESCO relativa ao Património Cultural Tangível e Natural da Humanidade. A UNESCO criou em 1998 uma distinção internacional intitulada "Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Intangível da Humanidade", distinguindo manifestações como a língua, a literatura oral, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes ou o artesanato². Porém, a ausência

Quem e quais os critérios de selecção de itens para a “Lista Representativa” e a “Lista Urgente”

Os critérios objectivos de selecção para a inscrição de itens na “Lista Representativa” e na “Lista Urgente” ainda não estão definidos. Estes foram debatidos, pela primeira vez, em Argel (18-19 de Novembro de 2006), na primeira sessão ordinária do Comité Intergovernamental³, órgão responsável, *inter alia*, pela análise dos pedidos de inscrição nas listas submetidos pelos Estados Partes, pedidos de atribuição de programas especiais de salvaguarda e de assistência internacional.

Compete ainda ao Comité, com a entrada em vigor na ordem internacional da Convenção relativa à Salvaguarda do Património Cultural Intangível, e sem prejuízo dos critérios adoptados, integrar os itens proclamados como “Obras-Primas do Património Oral e Intangível da Humanidade” na “Lista Representativa” e/ou na “Lista Urgente”. A terceira e última proclamação teve lugar em Novembro de 2005.

Questões sobre se: os itens proclamados como obras-primas podem ser inscritos em ambas as Listas ou só na “Lista Representativa”? (sendo que um dos critérios fundamentais para um item ser distinguido como Obra-prima era o risco do seu desaparecimento⁵, e tal não parece ser o espírito da “Lista Representativa”); Como integrar obras-primas de Países que não são Partes da Convenção? Pode um item inscrito na “Lista Urgente” não ser qualificado para a “Lista Representativa”? Como determinar a “necessidade urgente”? Deve-se restringir o número de inscrições anuais e promover a substituição regular dos itens face a um processo dispendioso e complexo de manutenção das Listas e a necessidade de não transformar a representatividade em exclusividade? encontram-se ainda por resolver. ■



de um instrumento multilateral que estabelecesse um quadro normativo vinculativo relativamente à protecção do património cultural intangível era notória. A Convenção de Salvaguarda do Património Cultural Intangível vem colmatar essa lacuna, ultrapassando a redução do património cultural aos vestígios tangíveis do processo histórico. A estes está subjacente um legado social, por vezes, até individual, que cria um quadro de valores e referências, um sentimento colectivo de pertença que integra a memória colectiva.

O património cultural, *lato sensu*, compreende não só as manifestações materiais de cultura criadas pelo Homem mas também os elementos que fundam a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais. Este património cultural imaterial, de construção social, é transmitido de geração para geração sob a forma de tradição, cultos e ritos, onde se incluem usos e costumes, expressões idiomáticas, conhecimento e técnicas (associadas a instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais) das comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos que sejam considerados referência desse património. Cinco domínios (não exaustivos) são identificados, neste contexto, pela Convenção de Salvaguarda do Património Cultural Intangível: tradições e

expressões orais (incluindo o idioma); expressões artísticas; práticas sociais e rituais e acontecimentos festivos; conhecimentos e práticas relativas à natureza e ao universo; e técnicas artesanais tradicionais.

A par do respeito e protecção do património cultural intangível e da assistência e cooperação internacional, a Convenção relativa à Salvaguarda do Património Cultural Intangível visa sensibilizar instâncias locais, nacionais e internacionais para a importância do património cultural intangível, competindo aos Estados Parte a adopção de políticas, programas e medidas que promovam o respeito e a salvaguarda do património cultural intangível; a identificação e inventariação desse património; a promoção de estudos científicos, técnicos, artísticos e metodologias de investigação nesse domínio; a educação e sensibilização pública para esse património; a participação das comunidades, grupos e indivíduos que façam parte ou pretendam fazer parte da preservação dessa herança cultural.

Quatro mecanismos de salvaguarda são criados na Convenção: Lista Representativa do Património Cultural Intangível da Humanidade; Lista do Património Cultural Intangível da Humanidade que careça de medidas urgentes de salvaguarda; Fundo financeiro para o Património Cultural Intangível,





A RPC viu proclamadas pela UNESCO como Obras-Primas do Património Oral e Intangível da Humanidade os seguintes legados: a ópera de Kun Qu (2001); Guqin e a sua música de (2003); as práticas Uyghur Muqam (página anterior) of Xinjiang (2005)

constituído maioritariamente por contribuições dos Estados Parte, fundos da UNESCO, contribuições voluntárias e campanhas internacionais de recolha de fundos; e Programas, projectos e actividades especiais destinados a salvaguardar o património cultural intangível em risco.

A aplicação da Convenção de Salvaguarda do Património Cultural Intangível na RAEM assume particular relevância no contexto actual, já que o centro histórico de Macau faz parte, desde 2005, da Lista do Património Mundial da UNESCO. Atenta a sua diversidade cultural, não só porque integra comunidades com uma variedade étnica, religiosa, linguística e cultural, que coabitam de forma harmoniosa, mas também fruto de um cruzamento cultural de cinco séculos entre as culturas oriental e ocidental, Macau tem uma identidade cultural muito própria, cuja singularidade é hoje internacionalmente reconhecida. Contudo, este reconhecimento poderá ir além do mero património físico, dependendo para tal do empenhamento das entidades públicas e da própria comunidade.

O *patois/patuá* (dialecto) e a gastronomia macaense são expressão de um legado histórico e de uma identidade cultural de um grupo étnico, resultante da confluência de duas culturas. Porém, apesar

dos esforços de alguns grupos, nomeadamente, o grupo *Docí Papiçam di Macau* (teatro) e da Tuna Macaense (música folclórica) é um dialecto em vias de extinção. A gastronomia macaense é uma cozinha rica, envolta em segredos que passam de geração em geração, também ela resultado do cruzamento de culturas e que corre sério risco de desaparecimento em virtude do desinteresse das comunidades mais jovens. As suas características, singularidade e risco de desaparecimento justificam a sua salvaguarda à luz do espírito da Convenção Salvaguarda do Património Cultural Intangível. Macau pode, nos termos da Convenção, beneficiar não só de pro-

gramas especiais de salvaguarda destes legados histórico-culturais como ver o seu nome inscrito numa das Listas da Convenção. Tal situação reafirmaria Macau no contexto do património cultural mundial, em geral, como uma referência cultural, onde existem manifestações e expressões quer materiais quer imateriais resultantes da convivência e confluência de culturas de 450 anos. (isto para sermos precisos, visto que o estabelecimento se deu em 1557, o que significa que para quinhentos faltam cinquenta...sempre é meio século) A Convenção também alerta para mecanismos que estão nas mãos dos Estados Parte e das próprias comunidades:

a identificação e inventariação do património cultural intangível (aqui apenas identificámos dois), a promoção de estudos científicos, a divulgação e sensibilização pública; o envolvimento das comunidades na preservação e valoração desse mesmo património.

Em suma, os Governos Central e da RAEM têm hoje ao seu dispor um instrumento internacional que lhes permite “conquistar” outro espaço no contexto do património cultural mundial, agora do património cultural intangível. Cabe-lhes pois a iniciativa deste processo que poderá colocar Macau na “vanguarda” do património cultural. ■

* *Jurista*

1. A Convenção entrou em vigor na ordem internacional no dia 21 de Abril de 2006, após 30 Estados terem depositado o seu instrumento de aceitação, aprovação ou ratificação. No quadro dos países de língua portuguesa apenas assinaram a Convenção de Salvaguarda do Património Cultural Intangível o Brasil e São Tomé e Príncipe, a 1 de Março e 25 de Julho de 2006, respectivamente.

2. A RPC viu proclamadas pela UNESCO como Obras-Primas do Património Oral e Intangível da Humanidade os seguintes legados: a ópera de Kun Qu (2001); Guqin e a sua música de (2003); as práticas Uyghur Muqam of Xinjiang (2005) e o folclore tradicional Urtiin Duu (2005). Dos países lusófonos, já foram distinguidas relativamente ao Brasil duas referências culturais: expressões orais e gráficas dos Wajãpi - Tupi-Guarani (2003) e o Samba de Roda do Recôncavo da Bahia (2005) e a Moçambique: o Gule Wamkulu (dança ritual e secreta do povo Chewa) e Chopi Timbila (instrumentos musicais).

3. A 1ª reunião extraordinária do Comité Intergovernamental realizar-se-á na China, em Maio de 2007 e a 2ª reunião ordinária, em Setembro, no Japão. A China é membro do primeiro Comité Intergovernamental (mandato 2006-2008).

4. Embora a Convenção apenas refira a Lista Representativa nada impede que possa ser inscrito na “Lista Urgente”.

5. Razão pela qual, por exemplo, os Impérios do Espírito Santo (Açores) a obra-prima da humanidade foi recusada. Sobre esta matéria vide artigo de Manuel João Ramos, Breve nota crítica sobre a introdução da expressão “património intangível” em Portugal, <http://iscte.pt/~mjsr/Docs/Manuel Ramos>

Master and Postgraduate Program

International Business Law

2006/2007

The Faculty of Law of the University of Macau is starting in 2006/2007 a new graduate program in International Business Law, which is open to lawyers and non-lawyers. It offers a great opportunity for persons involved in business (whether in banking, insurance, trade, real estate, gaming or other sectors) to study the Macau and international law applicable to business transactions. The program has a flexible structure including various elective disciplines covering both international law, regional law and Macau law. The academic orientation is practical, and is designed to meet the needs of entrepreneurs and companies and their staff.

www.umac.mo/fll/ibl



University of Macau
Faculty of Law

For more information, please call: +853 3974795 or 397489 Fax: (853) 3974798

■ Eleições na América

As Casas de Macau localizadas nos Estados Unidos da América elegeram novos corpos dirigentes, onde se perfilam várias caras novas, lado a lado com membros bem conhecidos da diáspora. Para conduzir os seus destinos até Novembro de 2008 a Casa de Macau (USA) Inc. elegeu Henrique Manhão Jr., presidente, Albertino da Rosa, vice-presidente, Rita Lopes, secretária e Alice Luz, tesoureira. Também a União Macaense Americana (UMA) apresenta novos corpos directivos para o biénio 2007/2008. Raquel Remédios assumiu a presidência, coadjuvada por Maria Gomes, vice-presidente, Rita Ribeiro, tesoureira e Sandra Souza, secretária.

■ Austrália mostra dotes musicais

Os músicos macaenses Patrick de Souza e Carlos Rosário, que compõem a banda “Rossou”, criaram uma melodia que retrata o sentimento da diáspora radicada na Austrália. A música, apresentada durante um evento social da Casa de Macau da Austrália, recebeu os aplausos de 200 membros, familiares e amigos, oficializando-a como hino da Casa. A letra e música encontram-se disponíveis no sítio da Internet da Casa de Macau da Austrália, em www.casademacau.org.au.

■ Centro Cultural na Califórnia

A diáspora macaense da América está convicta de que o Centro Cultural de Macau na Califórnia poderá abrir as portas em Maio. As sucessivas demoras do projecto, com a assinatura do arquitecto macaense James Chao, devem-se ao facto do espaço onde funcionará o futuro centro ser considerado um edifício histórico e todas as alterações à sua estrutura carecerem da aprovação da Sociedade Histórica da cidade de Freemont. A diáspora deposita grandes esperanças na infra-estrutura que se pretende assumir como um pólo dinamizador da comunidade contribuindo para a preservação e difusão da cultura macaense junto das camadas mais jovens. O imóvel, situado numa zona histórica, foi adquirido por perto de 1,4 milhões de dólares norte-americanos e as obras de renovação custarão cerca de 500 mil dólares norte-americanos.

■ S. Paulo na TV brasileira

A Casa de Macau de São Paulo foi ‘vítima’ da visita surpresa de uma equipa de produção de TV do programa “*Superpop*”. Os apresentadores ‘furaram’ um encontro social da Casa à procura do músico macaense Frederico Ritchie, conhecido pela diáspora por Pau Pau, quando celebrava o 30º aniversário do seu casamento. O artista já tinha conhecido a fama no Brasil há vários anos com a gravação do tema em cantonês “Pense em Mim” e a sua passagem por um outro programa de televisão de grande audiência, “Fantástico”, tendo-se posteriormente retirado para o anonimato. A equipa do “*Superpop*” estava decidida a ressuscitar o que chamaram de um mito – o “chinês” que cantava música tradicional do Sertão brasileiro em inglês e chinês – para a sua rubrica “Cadé Você”. A insistência da produtora resultou e Freddy voltou à televisão brasileira, desta feita acompanhado instrumentalmente pelos seus filhos músicos, para cantar dois dos seus temas mais conhecidos para milhões de telespectadores. Rita Santos, coordenadora do Gabinete de Apoio ao Fórum de Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que se encontrava de passagem pelo país foi também ‘arrastada’ até ao palco, surpreendendo a plateia ao cantar uma música em mandarim.



Comissão de Sábios do Patuá

Já está constituída a Comissão de Sábios do Patuá, cujo lançamento tinha sido anunciado em finais do ano passado, segundo nos informou o presidente da Casa de Macau (USA) Inc., Henrique Manhão. A nova estrutura visa apoiar uma eventual candidatura do dialecto macaense a Património Intangível da UNESCO. Integram a comissão o historiador e escritor Frederico da Silva, o professor Armando Pinkey da Silva, Deolinda Adão, da Universidade de Berkeley, Sylvia Xavier Douglas, Carol Braga, filha do historiador Jack Braga, o arquitecto António Jorge da Silva, Jorge Remédios, ex-editor do Boletim da União Macaense Americana e Horácio Ozório, editor da página electrónica "Diáspora Macaense", todos eles conhecedores e estudiosos do patuá.

A comissão vai propor ao Conselho das Comunidades Macaenses a realização de um seminário sobre o patuá na Universidade de Macau, por ocasião do Encontro das Comunidades Macaenses 2007 e outro no Convento da Arrábida, em 2008.



Tradições

Patrícia Lemos* (texto) e Carmo Correia (fotos)

Na China foi o sonho de um imperador e em Macau deu asas à imaginação. O leão dança há mais de mil anos, mas foi na Associação Lo Leong, na família de Pun Keng Man há três gerações, que conheceu maior liberdade de movimentos. O grupo de amadores de Macau tem vingado pela criatividade com que derrota os profissionais desta arte e até apoiou a luta da China contra os japoneses no século passado

Há muito tempo que o leão encanta Macau com a sua dança, mas foi nas cortes asiáticas que nasceu e cresceu. Fez-se grande amigo dos chineses há mais de mil anos e, em Macau, logo no despontar do século passado, já se pavoneava nas procissões chinesas sobre póneis de Timor. Inscreveu ainda o seu capítulo na História da China ao assumir cumplicidades com os cantores de ópera

O sonho do imperador

cantonense pela causa de Sun Yat-Sen. No período da Dinastia Qing, a ópera chinesa e a dança do leão andavam de mãos dadas. Foram as companhias de ópera que navegavam nos lendários Barcos Vermelhos, quais ciganos do Delta do Rio das Pérolas, que deram a conhecer as modernas coreografias da dança do leão. Eram os actores que faziam desta uma arte do palco em Macau, Hong Kong e na região do Delta, mais tarde adaptada pelas escolas de *kung fu*. Hoje à dança não se junta a voz dos cantores, mas as percussões dos músicos. Um dos registos mais antigos descreve mais de cem leões entretendo o imperador com muitas vozes a pontuar as coreografias.

“Em Macau, só ganhou popularidade nos anos 40” (do século passado), garante Pun Keng Man, o presidente da Associação Desportiva Lo Leong, que à data nem era nascido. São histórias que fazem parte da memória da mítica colectividade, uma das mais antigas e importantes associações da região e da Ásia.

Durante o período da invasão japonesa da China muitos mestres do Delta do Rio das Pérolas se refugiaram em Macau e Hong Kong e aí passaram testemunho das artes marciais e de dança do leão e dragão. O mestre Lo, que teve o pai de Pun como seu primeiro aluno, foi um desses peritos a enterrar bem fundo as raízes do leão em Macau no final dos anos 30. “Era um dos mais notáveis mestres chineses de dança do leão”. Com Leong fundou a associação

baptizando-a com os próprios apelidos. “Tinha com ele uma grande amizade por terem partilhado o mesmo mestre”. Pun conta que Lo veio para Macau com a irmã, por estar envolvida num movimento de guerrilha contra os japoneses. “A guerra ganhava terreno na China e Lo mudou-se para Macau juntamente com a irmã e os seus estudantes”.

Apesar da luta contra a ocupação japonesa continuar a ser uma das causas de Lo e Leong, a verdade é que “não tinham a

intenção de recrutar pessoas para combate, mas reunir apoio para a China nesta guerra animando as ruas com desfiles”. Era ainda propósito “reunir fundos para financiar as tropas chinesas”. Foi com este objectivo que foram fundadas em Macau muitas associações de artes marciais. Daquela época, apenas restam três, mas a Lo Leong é a mais activa, tendo nas suas fileiras mais de 300 membros. A dança do leão não deixa de ser extremamente popular, existindo dez colectividades dedicadas a esta arte na região. Não há semana que passe em Macau sem o som dos címbalos, gongos e tambores a acordar os leões. Percorrem a cidade em carrinhas de caixa aberta, anunciando a sua presença com os sons acutilantes das percussões. Abrem lojas, inauguram eventos, abençoam casamentos. Espalham sorte e alegria por onde passam. Mas houve o tempo em que a dança do leão esteve em causa por as gentes de má índole verem naquela fantasia a camuflagem perfeita do crime.

Malfeitores em Hong Kong

A portuguesa Ana Maria Amaro, que se dedicou ao estudo desta arte, no seu livro “O Brinco do Leão”, publicado na década de 80 do século passado, afirma que existia nos responsáveis das associações de dança do leão a intenção de prevenir o treino de “malfeitores”, que utilizariam os processos de luta aprendidos para o crime. Sugere mesmo

a comparação entre os mandamentos da Lo Leong e os juramentos da secreta Hong Mun que tinha ramificações em Macau nos inícios do século passado. No sexto mandamento, a Lo Leong deixa o aviso a quem quiser integrar a sua formação. “Um praticante nunca deve ser belicoso”. No nono, apela aos praticantes que não hostilizem quem não professa o budismo. O seguinte mandamento explicita que “o lutador não deve ser agressivo, ambicioso e fanfarrão”. Quem prestasse juramento à Sociedade

que em Hong Kong era assim que muitos treinavam para o crime, “o que não estava dentro do espírito da dança do leão ou do dragão”.

A violência avultou-se e o governo de Hong Kong tomou medidas drásticas, proibindo por completo a dança do leão. É por isso que, hoje em dia, em muitos países, é necessário obter autorização para esta prática. “Em Macau, a história era bem diferente: os mestres não permitiam que estas artes fossem usadas indevidamente”.



Uma das mais populares manobras do mundo é da autoria do presidente da Associação Lo Leong, Pun Keng Man, que teve um papel fundamental na inovação da dança do leão nos anos 80

Hong Mun tinha de obedecer a certas regras sob pena de ser castigado “pelo Céu e pela Terra” caso se servisse da sociedade para praticar o mal ou incitasse os seus irmãos a envolverem-se em desordens. Ainda de acordo com “O Brinco do Leão”, também os que “virassem casaca”, empregassem a sua superioridade para oprimir os fracos ou importunassem as suas cunhadas com propostas amorosas então mereciam a mesma punição.

A criação de mandamentos inspirados nas secretas parecia ser medida de precaução fundada. Inclusivamente, os anos 50 e 60 vieram a revelar-se complicados para o leão de Hong Kong. Eram muitos os que vestiam a sua pele para lutas menos nobres. O presidente da Lo Leong garante

O governo português apreciava tais iniciativas lúdicas e “por volta dos anos 30 começou a convidar as associações para grandes eventos locais, porque era a favor da preservação e popularidade desta tradição”. Pun recorda que “uma equipa de filmagens portuguesa fez, em 1964, um registo sobre cultura chinesa e convidou a Lo Leong para uma demonstração de dança do Leão na baía da Praia Grande”.

Um brinco de leão a luzir em Macau

Nas décadas de 50 e 60, havia em Macau uma dezena de colectividades desportivas onde se praticava ginástica e lutas chinesas, mas só a Associação dos Lanes

A dança do leão poderá vir a integrar pela primeira vez o grupo de modalidades em prova nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

de Peixe, a Lei Lau e a Lo Leong davam notas do talento periodicamente. De todas elas era a Lo Leong que mais se destacava pela perícia dos mestres, mas foi encerrada em finais de 1966, reabrindo mais tarde, para em pouco mais de uma década revolucionar a dança do leão. “Porque a sociedade também mudou, foram introduzidas várias mudanças nos adereços e ainda surgiram novos movimentos como os saltos e a possibilidade do leão rolar no chão”. E foi em Macau que mais se inovou, contagiando com este espírito muitas associações asiáticas.

Entre 1984 e 1987, Pun foi convidado para actuar num espectáculo de variedades muito famoso em Hong Kong. “Nessa época, o nosso repertório aumentou e melhorou muito. A dança do leão era popular e começava a internacionalizar-se, pois essas imagens foram transmitidas por canais de televisão noutras partes do mundo, como no Canadá”.



Pun Keng Man assumiu a presidência da Lo Leong, herdando o cargo do pai, o primeiro aluno que o mestre Lo, o fundador da associação, teve em Macau

Uma das mais populares manobras do mundo é da autoria de Pun. “Somos uma associação pioneira nesta área. Somos muito contemporâneos. Esforçamo-nos por levar mais longe o repertório de dança do leão”.

Os novos sopros da mudança podem cobrir as raízes de novas ideias tirando esperança ao futuro de ver retida esta tradição tal e qual como era. Não é uma preocupação de Pun que vê “muita gente interessada nesta arte, havendo mesmo cada vez mais eventos desportivos a incluir

esta modalidade”. Contudo, admite que haja perdas “porque a dança do leão na sua origem é extremamente complicada”. São muitos os movimentos e as regras. “Exige que se seja muito meticuloso e isso não vai ao encontro dos nossos tempos”. Actualmente, o público está mais interessado “no espectáculo visual desta arte” do que na sua essência.

Depois de uma década de inovações, nos anos 90, “procura-se agora encontrar um padrão para as manobras mais recentes por forma a que também os novos números desta arte possam ser incluídos nos grandes eventos desportivos internacionais”. A dança do leão passou assim a outra fase da sua história. “Continua a fazer-se esse trabalho para que as regras fiquem bem estabelecidas e definidas para serem partilhadas por todos. No corrente ano, nos 2^{os} Jogos Asiáticos em Recinto Coberto, em Macau, esse trabalho estará completado. E se tudo correr bem a modalidade vai entrar nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Pun

está confiante na presença de Macau. “Temos muitas possibilidades”, até porque a Lo Leong colhe vitórias em muitas competições internacionais. O ano passado trouxe a medalha de ouro para Macau num concurso internacional no Canadá. Entre 1990 e 2005 a associação de Macau venceu por nove vezes o Concurso Aberto para Danças de Leão do Sul de Macau e foi campeã três vezes da Taça Lion King Cup. ■

** com Ina Chiu*



Dar sopro de vida ao leão

Não é qualquer um que dá vida a um leão recém-nascido. Só quem veste esta pele há muitos anos tem o poder de o acordar e sente esse apelo de dar alma ao leão que vai dançar. O presidente da Associação Desportiva Lo Leong de Macau, Pun Keng Man, é mestre nesse despertar dos leões. “Há mais de 15 anos que os traz ao mundo”, naquela que é conhecida como a tradição Hoi Guong, o acordar do leão.

1 Junto ao altar da trindade taoista protectora dos dançarinos do leão, na sede da associação, na Areia Preta, acende paus de incenso. 2 Numa bandeja, um velho rizoma de gengibre, um símbolo de poder, é almofada de um novo pincel de caligrafia chinesa. Aí está o vermelho puro

do cinábrio 3 (chu sa, em cantonês, ou zhusha, em mandarim) que vai dar vida ao leão.

Feita a adoração, Pun investiga o animal adormecido murmurando orações em cantonês. Aproxima-se e afasta-se depois em passos largos para prender ao chifre uma flor de ouro, gravatando-o assim com uma fita de cetim 4. Dá-lhe a coragem e honra para as muitas lutas que travará, garantindo um futuro de boas acções para o leão, que, reza a lenda, terá perdido a cabeça por ter praticado o mal. Honra assim a deusa Kun Iam (Guan Yin, em mandarim) que, sentindo o seu arrependimento, lhe devolveu a vida atando uma fita vermelha à cabeça 5.

É na testa que Pun lhe dá o primeiro toque

de cinábrio, sob a forma de um tridente, bem no centro do espelho que tão bem caracteriza os leões do sul, “afugentando os espíritos” que ali vêem o seu reflexo.

Rodopia em redor do leão, acordando todos os seus sentidos. Para que o mal e o bem estejam no horizonte do leão são “acendidas” luzes nos olhos **6** representando a presença de um espírito religioso, a “clareza” é dada da esquerda para a direita. Depois são as orelhas “onde o vento passará a correr suave”, garante Pun que prossegue para o nariz, “afastando os espíritos e aproximando o que é bom e justo”. O puro vermelho na língua “faz com que a chuva seja suave”. **7** No final desenha uma linha em todo o dorso, da cabeça à cauda, queimando papelinhos brancos em torno do leão “para exorcizá-lo das coisas más que vivem no seu interior”.

Pun vai abrindo portas até o novo espírito encontrar a alma do leão e o despertar. A resposta é lenta mas firme. O felino pisca um e outro olho, mexe as orelhas, abre e fecha o maxilar, multiplicando-se os movimentos.

Recebe assim o novo espírito para trazer sorte e fortuna a quem o convida para dançar depois de salpicado com o orvalho das folhas, que acompanham o gengibre e o cinábrio no tabuleiro. Pun avisa que se o leão nunca tiver passado pelo ritual junto ao altar, o azar bate à porta daquele para quem dançar.

À medida que os gongos, os tambores e os pratos vão tecendo a banda-sonora típica daquele cenário de misticismo soltam-se ainda panchões. Pun parece mais enérgico. Antes com calma, tinha citado de memória, passo a passo, toda a coreografia e simbologia do Hoi Kuong. Agora parece um ginasta, um acrobata, um homem diferente, respondendo com maior entusiasmo ao seu novo leão que no final assume o protagonismo numa performance nas três vénias ao deus do altar. Quem assiste, também é brindado pelo leão que anima as hostes com a sua grande expressividade.

Toda esta cerimónia é de inspiração budista, ou não fossem os leões de Pun su-



Toda esta cerimónia é de inspiração budista



Só um leão que nunca dançou pode ser acordado

listas. Ainda cansado dos passos gigantes que deu em torno do felino de fantasia, do grande transe que é o Hoi Kuong, Pun, diz que o cinábrio tem poderes mágicos e “é um símbolo de imortalidade”. Substitui o sangue da vítima imolada, dando aos dançarinos um poder maior do que os homens para fazer o leão dançar.

Só um leão novo pode acordar. Contudo, sempre que é requisitado, limpa-se as pintas de cinábrio dos olhos para o trazer de volta à vida. E nem sempre é o mestre da associação que leva a cabo a performance, podendo esta ser também executada pelo dono da loja que requisita o ritual.

Reza a história que na origem desta cerimónia estão duas lendas chinesas. Durante a Dinastia Jin (314 - 420 D.C.) um pintor chamado Gu Kaizhi, famoso pelos

seus retratos, tinha o estranho hábito de nunca pintar os olhos. Um dia alguém lhe perguntou o motivo de tal bizarraria. “As pinceladas mais realistas de um quadro subtil são as dos olhos”.

Outro pintor, Zhang Sengyou, foi requisitado para pintar um mural para o mosteiro An Le em Nanquim. Os dragões não tinham pupilas nos olhos e o abade do mosteiro pediu a Zhang que as pintasse, mas o pintor recusou. Acreditava que os dragões pudessem fugir das paredes e escaparem-se no céu. O abade não ficou convencido e mandou pintar as pupilas em alguns dragões, os mesmos que fugiriam pouco depois, não desacreditando Zhang. Pun tem pelo acto de pintar os olhos do leão o maior respeito, “afinal estamos a dar-lhe essência.” ■

“Macau é hoje o meu lugar especial”

Em meados dos anos 80 rumou a Macau “na esperança de encontrar o grande mestre”. Paulo Araújo mal tinha pisado terra e o som dos címbalos, do gongo, invadiram-no de alegria. “Tinha acabado de chegar e percebi logo que tinha valido a pena”. Hoje em dia dirige a única escola de leão do Sul de Portugal

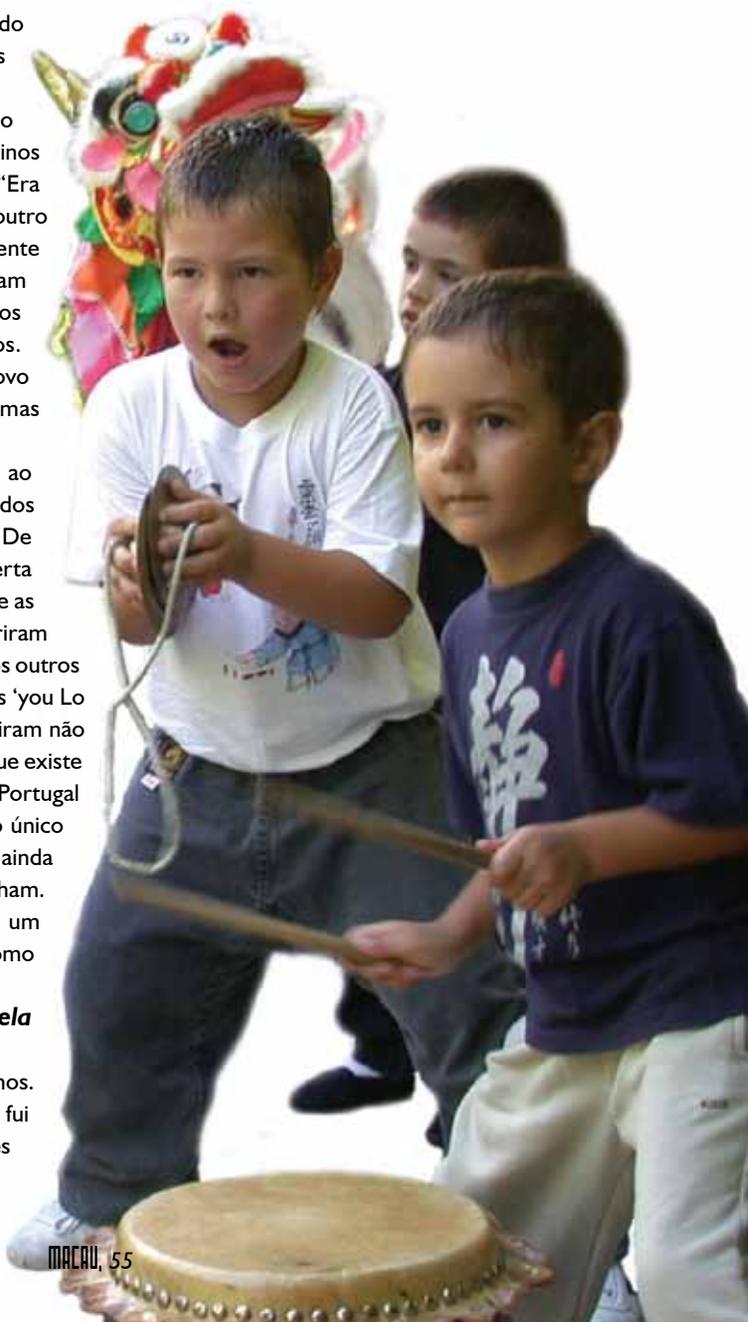
Foi mágico o primeiro encontro entre os alunos de Paulo Araújo e os da Associação Desportiva Lo Leong de Macau. O mestre português saca o momento do baú de memórias, valorizando esse como um dos episódios mais especiais da história da sua escola.

Quando os alunos de Paulo Araújo chegaram ao hotel lisboeta já os dançarinos da Lo Leong dormitavam nos quartos. “Era tarde e os miúdos estavam exaustos”. Ao outro dia partilhariam o palco. Iam finalmente conhecer-se. Até então nunca tinham trocado palavra. A manhã despertou e os leões espreguiçaram-se nos dois quartos. Macau e Portugal encontravam-se de novo para celebrar a sua amizade de séculos, mas desta vez ao ritmo da dança do leão.

Os alunos de Paulo Araújo despertaram ao som dos toques de tambor, do gongo e dos címbalos. E responderam à provocação. De um quarto para o outro, a música que desperta o leão fez as primeiras apresentações entre as duas equipas. “Ao fim de algum tempo, abriram as portas dos quartos e olharam uns para os outros e disseram ‘you She-si student’ e os nossos ‘you Lo Leong’”. Daí até ao dia em que se despediram não se largaram, o que dá nota da irmandade que existe entre os praticantes de dança do leão, de Portugal e de Macau. Passados mais de 15 anos do único encontro entre as duas escolas, alguns ainda mantêm contacto por e-mail”. E todos sonham. “Os de cá ir lá e os de lá vir cá”. Este é um contacto para toda a vida, pois “somos como uma família”.

- Quando é que se interessou pela dança do leão?

- Iniciei-me nas artes marciais aos seis anos. Após terminar os estudos em Portugal, fui para Macau, onde tenho as minhas raízes “familiares”, na esperança de encontrar



o mestre a quem eu tinha sido indicado: o saudoso grande mestre Pun Su Sam. Toda a minha influência nas artes marciais chinesas vem de Macau, todos os meus procedimentos diários são os da minha escola em Macau. O Kuan Kun, as divindades, a minha filosofia de vida tem muito da sua influência. A minha visão do Oriente é através de Macau, que é hoje em dia o meu lugar especial.

com a Lo Leong?

- Fiquei com uma ligação muito directa ao mestre Pun Chong Kuan, filho de Pun Su Sam, e a todos os membros da Associação Lo Leong, tendo ao fim de alguns anos sido escolhido para seu discípulo directo, nomeação que muito me honra e orgulha. Por ser ocidental, torna-se ainda mais valiosa, mas com mais responsabilidade e naturalmente com muitas mais

o mestre Pun vem a Portugal ensinar na Escola She-si, da qual é inclusivamente presidente honorário. Vem ao Porto verificar se os meus ensinamentos estão correctos. Faz da She-si também a sua escola.

- Que colaborações existem hoje em dia entre as duas associações?

- Não existe uma colaboração entre as duas instituições, mas sim uma irmandade. Sou membro



Nessa altura o contacto que tinha com dança do leão era pela leitura, mas lembro-me perfeitamente de ter desembarcado no Terminal Marítimo de Macau e ouvir os tambores. Estranho ou não, nada daquilo me era desconhecido e foi uma alegria enorme que me invadiu o corpo, a alma, o espírito, e dei comigo a pensar que aquela viagem ia valer a pena.

- Como evoluiu essa relação

dificuldades. Sou respeitado no meio da comunidade em Macau. Aliás, quando estou em Macau vivo o meu dia-a-dia com eles: como onde só eles comem. É com eles que me sinto em casa. Ainda há meses regresssei de Macau onde fiz um estágio com o Mestre Pun na Lo Leong. Fui apoiado pela Fundação Oriente que me tem ajudado desde o primeiro dia.

Para além disso, todos os anos

da Lo Leong, sou Tai Si Heng (irmão mais velho). Como temos o mesmo mestre, pertencemos todos à mesma escola e temos o dever de preservar esta tradição das artes marciais que é o de querermos que o nome da “família” (escola) se eleve o mais alto possível.

Mas não há só a ligação à Lo Leong, existe ainda o Sao Mou, que é outra associação da família, da qual sou membro e também

irmão mais velho, bem como muitas outras.

- Que significado tem para si esta arte?

- Dá-me uma enorme alegria e felicidade. É um grande espírito de camaradagem que se cultiva no meio, a “irmandade”. É a necessidade de viver em comunidade, é o ritual, é o convívio. Depois da dança, lá vamos todos comungar à volta de uma mesa, rir, falar, e discutir sobre o que fizemos.

O que descobri com isto é que é esta tradição de bem-estar, de alegria, que tenho que transmitir e manter na minha escola. “A tradição do Brinco do Leão”.

- O que sente quando está a actuar?

- Sinto uma enorme responsabilidade, um frio na barriga, medo de falhar, de me enganar e, ao mesmo tempo, uma grande ansiedade de iniciar a actuação, porque sei que depressa tudo passa e se transforma numa alegria enorme, e me transformo num “leão” que vem dar alegria aos outros, trazer sorte, felicidade.

É importante o facto de não existir monotonia, o bater mais forte do coração e o rufar dos tambores. Honrar assim os antepassados e perpetuar algo místico e mágico.

- Já actuou alguma vez no espaço lusófono, para além de Portugal?

- Essa é a minha, a nossa, mágoa. É a nossa maior mágoa e também a deles em Macau, principalmente. Alimento o sonho de um dia poder levar a She-si a Macau, de poder actuar para o povo de Macau. Gostava que nos vissem e se orgulhassem da ligação que existe entre nós. ■

Leões portugueses com raiz em Macau

A Escola de Artes Marciais Chinesas She-si nasceu na garagem do pai de Paulo Araújo. “Foi a pedido de um amigo interessado no kung fu, que comecei a dar aulas. Foram aparecendo mais e passei para o salão nobre dos Bombeiros da Areosa no Porto”.

A escola foi fundada em 1986 e hoje tem um espaço próprio, com 600 metros quadrados, com aulas de todas as vertentes das artes marciais chinesas: do kung fu ao taijiquan, passando pelo qigong, pela dança dragão, do leão, e outras. Araújo aposta ainda nas aulas de língua chinesa e de caligrafia.

A ensinar dança do leão e do dragão, “temos cinco professores”, sendo Araújo o mestre. Com um núcleo duro de fãs que está sempre presente nas actuações, a She-si tem uma “muito boa receptividade” do público em geral, pois “o nível dos alunos também é elevado”.

Presidente da Federação Desportiva de Artes Marciais, Paulo Araújo leva os



seus alunos a actuar por todo o país, em eventos tão variados como a Queima das Fitas em Coimbra, o Festival de Gastronomia em Santarém, em exposições, congressos, em festivais tão conceituados como o Internacional de Música da Costa do Estoril. Organizou inclusivamente o I Festival Internacional de Artes Marciais Europarque em 1995, onde participaram a Selecção de Wushu de Macau e os Monges de Shaolin (China), com duas centenas e meia de atletas. Também esteve presente no Festival do Oriente, na Universidade do Minho, e na Inauguração da Casa de Macau em Lisboa, em 1999.

Foi terceira classificada no Campeonato do Mundo de kung fu tradicional e Dança do Leão na Alemanha, em 1999 e tem cerca de 1500 associados. ■

關聖帝君

História com lendas felinas

Não se sabe ao certo quando foi dado o primeiro passo de dança do leão na China, mas o primeiro registo data do ano 300 a.C. Muitos mitos sobre a sua origem provam a popularidade desta arte que se acredita ter começado como entretenimento da corte, tendo gradualmente atraído o exército e depois o povo

Dança do Leão (舞獅)

Em cantonês: *mou si*

Em mandarim: *wu shi*

Também conhecida como “O Brinco do Leão”

Sonhos imperiais

Um sonho imperial terá originado uma das lendas da dança do leão na China. É uma das histórias mais populares do país e põe a dinastia Tang (618 - 907) no berço desta arte na China. O imperador da época terá tido um sonho onde uma estranha criatura (leão) salvou a sua vida. Na alvorada seguinte, reuniu os seus ministros e descreveu a dádiva de Orfeu. Queria descobrir que animal era aquele. Assemelhava-se a um animal do Ocidente, o leão, terá dito um dos seus ministros. Por ter salvo a sua vida no sonho, o imperador ordenou a criação de um modelo semelhante ao leão que assim se tornou símbolo de sorte, felicidade e prosperidade.

Uma outra versão desta história refere-se apenas a um leão colorido que o imperador viu nos seus sonhos. As suas coreografias oníricas fascinaram o imperador que as registou e assim criou a dança, mais tarde modificada e melhorada.

Na dinastia Tang, a dança do leão era apresentada por cinco leões de cores diferentes. Cada um era seguido por 12 homens trajados com fatos coloridos, uma fita vermelha na cabeça e uma escova da mesma cor na mão. Os dançarinos eram apelidados de homens-leão e dançavam ao ritmo da melodia Tai Pin, um conjunto de peças musicais compostas durante a dinastia Zhou (1122-256 a.C.). Existem registos de que 140 cantores acompanhavam 64 dançarinos.

Terror na vila

Apesar de nunca se ter ouvido o rugido do leão na China e da natureza ociosa alimentada pelo poderoso dom da caça da leoa, a verdade é que outra lenda conta

que um leão aterrorizava uma pequena vila chinesa. Os ataques eram frequentes e os moradores na tentativa de acabar com o terror juntaram-se para bater potes e panelas com a finalidade de espantar a fera, mascarando-se alguns moradores de leões.

Mais mitológica, outra versão desta história conta que os moradores não conseguindo afugentar o leão, decidiram consultar um monge budista, que terá domado o leão, passando o animal a proteger a vila. O monge é geralmente representado pelo Buda com cabeça grande, visto nas apresentações de dança do leão do sul da China.

Segundo a lenda, o leão nasceu no céu. Traquina, o animal pregava muitas partidas, causando problemas por onde passava. O Imperador de Jade foi uma das muitas vítimas das suas travessuras. Enfurecido, matou o leão, cortando a cabeça e separando-a do corpo, atirando as duas partes para a Terra. Não muito depois deste incidente, a deusa da misericórdia, Kun Iam (Guan Yin) lamentou o destino do leão e decidiu ajudá-lo. Com uma longa faixa vermelha, amarrou a cabeça do leão ao corpo reanimando-o. Ainda hoje a fita integra a dança e diz-se que afugenta os maus espíritos. Kun Iam ainda deu ao leão um chifre para lutar e um espelho para espantar os maus espíritos.

Uma outra versão desta história aponta para a existência de um perito de kung fu que foi para a floresta, onde lutou três vezes com o leão, nunca conseguindo capturá-lo. Chamou então os aldeões e treinou-os na arte marcial com a intenção de matar o leão. Meses mais tarde, regressaram à montanha e conseguiram liquidá-lo. Para celebrar a ocasião, os aldeões seguiram os passos daqueles que lutaram com o leão, hoje coreografia da famosa dança.

Lendas

A luta entre o leão e o *nien* Sagrado para os chineses, o leão tem um papel fundamental na mitologia deste povo que faz da fera um dos seus amigos. Uma



antiga lenda marcou a importância do leão na celebração do Ano Novo Chinês. Há muitos, muitos anos, uma criatura muito estranha apareceu na China, aterrorizando e alimentando-se de homens e animais. Apelidada de *nien* ou *nian*, som que se assemelha à palavra chinesa “ano”. Nenhum outro animal conseguia destronar o nien, nem a raposa nem o tigre. Em desespero, o povo pediu ajuda ao leão, que abanou a juba e enfrentou a criatura ferindo-a. O nien fugiu com a cauda entre as pernas, mas prometeu vingar-se um ano depois. E cumpriu a promessa. Mas o leão não podia ajudar a população, estava muito ocupado a guardar os portões do imperador e os aldeões decidiram fazer justiça com as próprias mãos. Do bambu



e do tecido reproduziram a imagem do leão. Dois homens vestiram a máscara e aproximaram-se do *nien*. O leão saltou várias vezes de um lado para o outro e rugiu. A fera acabou por fugir de novo. É por esta razão que, por alturas do Ano Novo Chinês, os leões dançam sempre. Estão a espantar o mal para mais um ano cheio de boas energias.

Vestimenta de leão

Uma armação de metal, vime, bambu e madeira compõem o esqueleto do leão ou do dragão. Tecido, seda e pasta de papel cobrem a estrutura que ainda se embeleza com decorações diversas como apliques de metal, pelúcia, plástico e pinturas.

Orientação dos leões

São vários os estilos de dança do leão, mas as mais populares são a do norte e do sul.

A Norte: Foi nas regiões setentrionais da China que se iniciou esta dança para gáudio da corte imperial. O longo pêlo do leão do norte dá-lhe uma aparência desgrenhada. É em pares ou como uma família, com dois leões adultos e duas crias, que dá um ar da sua graça, abanando o pêlo farfalhado de cores laranja e amarela. Incorpora ainda um arco na cabeça, vermelho para o macho e verde para a fêmea. A cabeça dourada jaz sob um corpo muito acrobático.

Por causa dos movimentos muito realistas, é muitas vezes comparado a um cão pequinês. Gosta de se equilibrar ou se balançar sobre uma bola gigante e de saltar.

A Sul: Em Cantão nasceu a raiz deste leão, mais atreito às artes marciais do kung fu e a movimentos de cabeça e corpo muito simétricos. Mais simbólica, a sua dança serve para exorcizar os espíritos maléficos, invocando ainda sorte e felicidade. O leão do sul exhibe com orgulho um sortido de cores e pisca uns grandes olhos, enquanto um espelho na testa afugenta os espíritos e um chifre reina ao centro da sua cabeça.

Existem leões de Foshan (Montanha do Buda), de Heshan (Montanha do Grou), de Fo-He, um híbrido de Foshan e Heshan. Também o Chow Gar é um estilo menor criado pelos praticantes de kung fu da família Chow. O Qing Shi tem como protagonista um leão verde, popular entre os fuquinenses/hokkianos e taiwaneses.

A Associação Desportiva Lo Leong adoptou o estilo Foshan, usando mais vulgarmente a cabeça de leão do modelo tigre, que era característica da Associação Lei Lau, uma das mais importantes de Macau, possuindo também a do modelo Cheong Fei (cor da cabeça preta). Segundo Ana Maria Amaro, a cabeça do tipo Kuan Kong só terá sido vista em Macau nas décadas de 60 e 70 pela Associação dos Lanes de Peixe, que usava cabeça vermelha. Contudo, era frequente saírem à rua os diversos tipos de leão durante as procissões religiosas e nos festejos do duplo dez (10 de Outubro). Nos tempos mais recentes o leão perdeu o carácter religioso que tinha originalmente.

Outros tipos de leão

Três outros tipos famosos de leão são identificados como Liu Bei, Guan Gong (Kuan Kung) e Zhang Fei. Eles representam personagens históricas na China, registadas no clássico “Romance dos Três Reinos”:

O leão **Liu Bei** tem um focinho amarelo, cauda colorida e pêlo branco. É sábio e um dos favoritos dos mestres das escolas de kung fu.

O leão **Guan Gong** tem um focinho e cauda vermelhas, a mesma cor de pelúcia do Liu Bei. É o mais nobre dos leões, dançando por isso em muitas cerimónias.

O leão **Zhang Fei** é branco. É o leão mais agressivo e quer provar a sua bravura.

As cores do leão

Tipos de leão correspondem a cores diferentes que, por sua vez, representam atributos distintos. Se o dourado equivale a vigor, o vermelho é símbolo de coragem



e valentia. O verde indica amizade, o preto ferocidade e o colorido é o leão mais pacífico e é conhecido por leão auspicioso, não sendo muito dado a lutas.

As cores mais comuns são o vermelho e o preto, combinando o nariz azul, as orelhas pretas e barba curta.

Um felino verde mau da fita

O leão de cara verde com sobranças de aço como lanças tem uma aparência aterradora, evidenciando-se a sua barba preta, apesar de ser pequena. Com dentes que lhe saltam da boca, representa crueldade e ferocidade e é praticamente invencível. Significa o governo manchú durante a dinastia Qing. Combater este



leão é lutar contra os manchus. Tal ilustra o quão desumano era o reino manchu daquele tempo. Em muitos massacres foram mortos milhares de chineses. Para libertarem a raiva que sentiam, os chineses inventaram os leões de focinho verde, que só podem dançar no corpo de praticantes muito experientes. Mas nem todos os leões verdes são maus. Aqueles que têm sobranceiras brancas, barba longa e uma boca aberta são os felinos mais velhos. Utilizados em cerimónias de épocas festivas, visitam ainda as aldeias de casa em casa, para dar sorte e prosperidade, afugentando os demónios e os espíritos para que nasçam dias de boas colheitas. Outro leão verde é o Song Kiang, que é uma fera jovem muito popular em Taiwan para a prática de exercício físico e propósitos recreativos.

Padrões da dança do leão

1. Rezando às quatro direcções
2. Leão saindo da caverna
3. Leão saindo da floresta
4. Leão ao luar
5. Leão a beber no rio
6. Leão a atravessar a ponte
7. Leão a brincar com um Buda de cabeça grande
8. Leão a brincar com uma bola



9. Leão a subir à montanha
10. Leão a subir ao palco

Manobras fixas

1. Dragão Azul e Tigre Branco
2. Formação do Minério Dourado
3. Portão Celestial Budista
4. Formação de Oito Trigramas
5. Conheça os Heróis sob a Lua
6. Portão Celestial Budista com Três Paus de incenso
7. Lâmpião de Confúcio
8. O 18º Lohan
9. Cabeça de Serpente com Ferrão de Escorpião
10. Dragão gêmeo e Pérola
11. Formação da Serpente com Nove Segmentos

Algumas Regras Tradicionais

1. Quando uma equipa passa pela sede de outra associação ou um templo têm de dar o batuque de saudação numa manifestação de respeito
2. Quando uma trupe encontra outra no seu caminho, saudações têm de ser trocadas na forma de cartões de felicitação. O leão não pode pontapear ou movimentar a cabeça de um lado para o outro e tem de manter a boca fechada.
3. Durante as festividades chinesas, as equipas de dança do leão encontram-se com frequência com as de dragão. A primeira deve sempre manifestar respeito não vá o dragão atacar o leão. Só se forem extremamente hábeis é que os dançarinos de leão conseguem saltar tão alto para escapar ao cerco do dragão.

Leão versus dragão

Duração

Dança do Dragão: cerca de 15 minutos
 Dança do Leão: entre 20 a 30 minutos
 As primeiras referências à Dança do Dragão aparecem em documentos compilados há quase dois mil anos ■

Desenho: cortesia de Carlos Marreiros



Para provar a sua valentia há quem lute com os touros, quem ande sobre o fogo ou se aventure nos céus. Em Macau, os jovens da Associação Lo Leong testam a sua coragem vestidos de leões. Dançam equilibrados em cilindros de três metros de altura, saltam no ar como cangurus e trepam em paus de bambu como macacos. É assim que mantêm viva a tradição da dança do leão, que há mais de mil anos incendeia os corações asiáticos

Já tinha escurecido quando os membros da Associação Desportiva Lo Leong de Macau se reuniram na sua sede. Todas as noites, numa antiga fábrica da zona da Areia Preta, uma das mais pobres e populosas de toda a região, acordam as fantasias de dragões e leões de pelúcia adormecidos em caixas de alumínio com pantufas cheias de lantejoulas e esferas douradas. Tudo sob o olhar atento do seu deus protector, Kuan Kong, que reina ao fundo da sede num grande altar vermelho cheio de fuminhos, velas e imagens sagradas. Não é só entre as quatro paredes da sede que dançam os melhores leões de Macau há quase 70 anos. São muitos os jovens a

Os reis da Selva



trepar com arte marcial nos espaldares, a rolar sobre os tapetes que forram o chão, cortando o ar que mal se respira com as suas espadas de “ninja”. Mas só no terraço, ao cabo de um lance de escadas, num caminho que vai descascando as paredes, se revela a magia destas artes do Oriente. Aí mesmo se abre uma pequena porta ao céu da noite. As luzes de grandes holofotes deixam a descoberto um cenário de fantasia com os chineses a fermentar o imaginário ocidental sobre o Oriente. Esse retrato é o dia-a-dia destas gentes. Ali despertam para uma tradição

com mais de mil anos de história. Se a sede forrada de medalhas, troféus, colchões e espaldares e o grande altar tinham inscrito o exotismo das artes marciais, aquela imagem de leões e dragões coloridos dançando sob os céus fez arrancar a bobina dos sonhos, perder as âncoras de velhas referências.

O sol do felino do sul

Do chão de tijolo vermelho o mestre Law Chan Kuong vai chamando as cabeças de leão. Dispõe-as em trio

para apresentar o senhor leão do sul. “Existe o de Foshan e o de Heshan. São duas cidades chinesas”. Se o primeiro exige mais domínio das artes marciais, “uma cintura forte e muita força”, diz, apontando para os olhos e maxilar do “felino”. O segundo, o de Heshan, “é mais divertido”. Entra dentro de um dos três leões e acorda-o. As pestanas batem sobre os olhos e o longo maxilar inferior abre-se a todo o comprimento da cabeça, descobrindo-se uma grande língua. Os leões são de muitas cores e, entre os muitos detalhes da sua decoração, saltam pompons que são miniaturas de bolas de futebol em pelúcia. Chegaram ao terraço encapuçados com grandes sacos de plástico para competir visualmente com o corpo do dragão que vai serpenteando o seu grande dorso. Law deixa cair os

leões no sono e desperta para o reino da fantasia.

Enquanto o dragão se diverte a perseguir uma esfera dourada, a “pérola do dragão” carregadinha que está de sabedoria, alguns jovens vão espreguiçando as suas espadas no ar em coreografias geométricas, dignas de um filme de Bruce Lee. É o kung fu que há muito se aliou à dança do leão. Treinam no calor da noite de Macau, onde a brisa corre mais devagar que os rios de orvalho que escorrem pelos corpos alvos e esculturais ao cabo das três horas de exercício diário. O mesmo sucede a quem se dedica à dança do leão, inspirada que é no *kung fu*.

Dave Chang é um desses jovens que se apaixonou pelo leão. Salta sobre uma série de plataformas alinhadas em pares



Todas as noites os jovens da Lo Leong ensaiam no terraço da Associação na Areia Preta



Law Chan Kuong conta muitos anos de experiência na pele dos leões da Lo Leong



As raparigas não dançam mas dão música às coreografias dos felinos de fantasia

como se aquele fosse um jogo do galo suspenso no ar. De cada vez que sobe “um degrau” faz parar o coração de quem o vê. Salta sem rede mas grandes colchões cobrem todo o redor dos cilindros, assim dispostos para aligeirar a queda. Sobre essas grandes barras de ferro que chegam a ter mais de três metros de altura, Chang equilibra-se em pequenos diâmetros onde mal cabe o pé. “É um dos adereços mais populares”. Chang já caiu, mas nunca se assustou. Gosta de vestir a pele do leão preto de Foshan, “porque é mais feroz”. É um dos melhores dançarinos da Lo Leong. Foi tenista, jogador de voleibol e um atleta de futuro promissor, mas o leão levou a melhor “Corre-me no sangue”. O pai, a mãe e até um irmão partilham essa cumplicidade nas fileiras da mesma associação.

Manobra de Ano Novo

O ritmo estridente dos gongos, tambores e címbalos acorda outros leões junto a um grande pau de bambu, encimado por uma bandeirola. As cores dos cetins, das sedas, os brilhos das lantejoulas que decoram os leões poderiam agonizar o cenário, mas os detalhes e os movimentos da dança que começa são de tal forma ricos que vão construindo novas texturas, acendendo os cinco

sentidos de quem vê dançar assim os leões. É uma manobra especial, uma das mais importantes: o famoso *choi ching*. É como quem diz “apanhar verduras”. Law não subtrai a atenção aos seus alunos para contar a história dessa coreografia. “Em diferentes períodos o *choi ching* teve significados distintos”. Por *ching* (*qing*, em mandarim), que significa verde, ser homófono do nome da dinastia Qing e existir, a dado momento, a intenção de derrubar o poder manchú, esta coreografia teve uma intenção propagandista nesse período. Associava-se o *choi ching* (derrubar os Qing) à queda do poder vigente. “Eram os Han que, de forma tão criativa, passavam assim a mensagem nas ruas. Odiavam os Qing por estes lhes terem roubado as terras” e vingavam-se com garra de leão.

Hoje em dia, esta é uma das cerimónias mais populares no Ano Novo Chinês. Durante a festividade, os dançarinos visitam as lojas para desejar aos negociantes sorte e prosperidade. Os comerciantes amarram um envelope vermelho com dinheiro, o tradicional *lai si*, numa alface e penduram-na em frente à porta dos seus estabelecimentos. O leão dança em torno da alface, engole-a, cospe as folhas e fica com o dinheiro, fonte de rendimento das associações.

O mestre Law conta que o *choi ching* é



O mestre Pun Kêng Man é uma das maiores inspirações dos dançarinos de Macau



O gongo é o rei e senhor das partituras estridentes da dança do leão

realizado em outras ocasiões importantes como inauguração de lojas ou eventos e casamentos. Desta feita, os alunos da Lo Leong vão apresentar a popular coreografia numa competição no Vietname e o choi ching terá outras características. Em vez da alface é erguida uma bandeira num pau de bambu com cerca de cinco metros. “Não é uma manobra tão perigosa como andar sobre as plataformas de metal, mas exige alguma experiência”, assegura Law que vai aperfeiçoando a actuação dos seus alunos com apelo a uma maior expressividade e esforço técnico. Os leões lutam em refinados movimentos, menos complicados e violentos que os de outrora. Em tempos idos alguns bailaram sobre pernas de pau e outros formavam pirâmides. “Vamos tentar vencer no Vietname e a actuação vai demonstrar o elevado nível dos nossos dançarinos”, apesar de serem todos amadores. Mas... colecionam medalhas por onde passam.

Ser leão por amor

O presidente da Lo Leong, Pun Keng Man, chega em cima da hora ao terraço para motivar os alunos, orgulhoso do sucesso da sua receita de amadorismo para a vitória. Custa crer que os dançarinos de Macau sejam amadores

e vençam profissionais do interior da China, de Hong Kong e tenham até ficado classificados em campeonatos internacionais? “Conforme o interesse do aluno, ensinam-se técnicas específicas, concentrando-se o estudante numa determinada área. Noutras associações a aprendizagem não é tão segmentada e especializada”. É uma das razões por que Raymond, amador há nove anos, prefere ser leão por amor. “Seria muito duro ser profissional, pois teria de treinar a toda a hora. Prefiro ser dançarino por paixão”. Além disso, “os mestres da Lo Leong têm um conhecimento profundo a nível técnico, o que também acelera a aprendizagem e a torna mais eficaz. O espírito de família da associação também contribui para que todos se dediquem à dança do leão”.

Nem um avo é cobrado aos estudantes pelo testemunho. O mestre Law vê nisso um estímulo à camaradagem entre todos, motivando o espírito de entreatajuda sempre que é necessário. “Sentem outra responsabilidade e participam nas actuações que é onde angariamos os fundos para a associação. Inclusivamente, como ensinamos no colectivo, sentem-se mais integrados no grupo”.

Ao presidente da Lo Leong agrada a paixão de tantos por esta arte. Só a sua associação tem 300 membros e

existem pelo menos mais dez colectividades no território. “Cada vez somos mais solicitados para actuar. O Governo de Macau convida-nos muitas vezes, mas também os lojistas nos pagam para animar as festas de abertura dos seus estabelecimentos. Estamos presentes em muitos momentos da vida de Macau”, sublinha orgulhoso.

Por toda a cidade de Macau, em verdadeira explosão de crescimento, há inaugurações diariamente. As lojas brotam como cogumelos, nascem casinos como erva daninha e é costume antigo convidar os leões a dançar nos festins.

Law orgulha-se da nova geração de dançarinos e fala deles como se fossem seus filhos. “Somos como que os mentores destes miúdos, orientando-os não só na prática desta arte, mas também na vida”. Nos anos 70 e 80 quando Macau não era uma região muito desenvolvida, “os mestres eram mais autoritários”. A disciplina era fundamental e quem queria aprender esta arte tinha de pagar a um mestre e à associação.

Porém, Law admite que nessa época “talvez existisse mais devoção e empenho”. Hoje em dia, a adesão é muito grande e a informação passa de boca em boca. Pun acredita que “se a associação



É entre os 12 e os 13 anos que se devem dar os primeiros passos na dança do leão, garante o mestre Law Chan Kuong, que é um dos mais experientes da Associação Desportiva Lo Leong de Macau

anunciasse as vagas a resposta diminuiria”. Foi através de um *workshop* de dança do leão, a outra forma que a associação encontra

para recrutar jovens, que Kami, de 16 anos, se aproximou dos leões: “Conheci o mestre Pun num curso de Verão, em 2003. Gostei tanto que

decidi fazer-me sócia da associação”. Já Edith, de 17 anos, está na Lo Leong “para conhecer mais gente”, e Joan, de 12 anos, interessou-se pela dança “por curiosidade”. Diz que agora é “menos tímida”. Um sentimento que Yen, de 18 anos, passa a papel químico. “Também me sinto mais valente”. Não são as únicas raparigas da associação. “Há cerca de dez, mas nenhuma de nós pode ser dançarina por que só os homens têm força para actuar”, explica Joan que não lamenta esse cartão vermelho. “Posso ajudar e ainda tocar no grupo de percussão que acompanha os leões”, como fazem as suas amigas que não larga de vista no terraço do edifício.

No *choi ching* que vai ao Vietname, Joan é responsável pelos címbalos, tocando ao lado de um rapaz muito corpulento que no tambor lidera a trupe de músicos. A essas percussões se junta o gongo que vai ajudar os leões a dançar bem no Vietname, porque “a música embala esta arte”, frisa o mestre Law. As bandeirolas da Lo Leong prometem continuar a voar bem alto, onde a trupe pisar o palco. Seja perante o júri das competições ou apenas para animar o público, mas será sempre por amor que Macau dançará com os leões. ■

Dançar com garra de leão

Antes do Presidente da Associação Desportiva Lo Leong de Macau, Pun Keng Man, descrever o que é uma boa actuação de dança do leão, discrimina-a logo à partida. “Existem dois tipos de apresentação. Há actuações mais artísticas para um público mais generalista e as de competição”. Para as últimas existem regras específicas que têm de ser respeitadas, como a duração.

Certos números artísticos não podem ser apresentados em eventos desportivos. “Numa competição, a dança do leão tem de ter pelo menos 14 minutos de duração e de respeitar um critério específico de avaliação, totalizado em dez pontos. O primeiro é a dificuldade dos movimentos (três pontos), a expressividade do leão (três pontos), até os músicos são avaliados (dois pontos). O ritual de apresentação da equipa também é um dos critérios em análise (um ponto), bem como a coordenação dos dois dançarinos que vale apenas um ponto.

A nível competitivo, quem se esconde na cauda do leão deverá ter entre 12 e 27 anos. Quem assume a cabeça vai dos 12 e aos 30 anos. “A diferença de idades impõe-se pela maior resistência de costas que exige estar na cauda do leão.”

Num espectáculo, o público de hoje não é tão conhecedor da dança do leão como no tempo em que “esta arte era mais exigente quanto à forma, à temática da história contada durante a actuação e às técnicas, se estas estavam de acordo com o requerido”. Hoje em dia, Pun não considera esses critérios importantes, por isso “a dança do leão mais artística evoluiu em termos de produção e uma boa composição visual marca mais pontos a favor. As novas gerações não estão interessadas nos movimentos convencionais”.

Também a moral, o poder mental, a força e o espírito de equipa são determinantes de uma boa performance, sublinha o mestre Law Chan Kuong. “Os movimentos têm de evidenciar a personalidade do leão”. Existem cerca de 15 histórias básicas para as manobras e nove movimentos: alegre, zangado, triste, feliz, medroso, desconfiado, ganancioso, inquisitivo e traquina. Um dançarino tem de assimilar essas nuances de humor e ser megafone destas durante a apresentação. Os primeiros passos devem ser dados quando “o corpo começa a ganhar maturidade. Entre os 12 e os 13 anos é o momento certo para aprender”, garante Law. ■

Um dos ramos do rio Xi (Oeste) desagua em frente a Macau e é daqui que partimos, umas vezes de carro outras de barco, para ao longo das suas margens visitarmos alguns restaurantes e outros locais de lazer ou com História

Turismo pelo rio Xi

Atentativa de encontrar lugares aprazíveis a poucas horas de viagem que propiciem um agradável e diferente fim-de-semana, leva-nos a explorar os distritos de Zhuhai e Zhongshan. Distritos da província de Guangdong que nestes dois últimos anos, tal como Macau, assistiram a um grande crescimento. Hui, uma residente de Macau, explica o que se passa: “Os

habitantes de Hong Kong estão a vir para Macau e os de Macau procuram agora casa em Zhuhai e Zhongshan”. O que faz aumentar o nosso interesse em visitar os distritos de Zhuhai e o de Zhongshan, pelos arredores da cidade de Tanzhou e Shenwan. Habitados a ver a foz de um dos ramos do rio Xi (Oeste) quando em Macau passeamos pelo Porto Interior, a



curiosidade leva-nos a explorar as suas margens rio acima.

Planeado como um fim de semana gastronómico pelas vizinhanças de Macau, pretendíamos sair pela ponte Flor de Lótus, entre o Cotai e a ilha da Montanha, mas esta encontra-se fechada, já que as infra-estruturas do outro lado da fronteira estão a ser melhoradas.

Em Macau embarcamos na ponte 15, por detrás do hotel Península. O barco, de meia em meia hora, leva cinco minutos a atravessar para a outra margem, Wanzi, e retira o tempo de espera das imensas filas da fronteira de Gonbei. Passadas as formalidades no lado de Zhuhai, o carro de aluguer com condutor esperanos para um passeio ao longo do rio



Wanzi, do lado oposto ao Porto Interior

Xi. Resolvemos continuar no distrito de Zhuhai e ir até à ponte de Hengqin, em vez de directamente seguir para Zhongshan, passando pela cidade de Tanzhou, de onde é mais fácil chegar ao destino do almoço.

A estrada, toda ela em remodelação, levamos a seguir por caminhos de terra batida pelo meio de fábricas e dormitórios. É domingo e os trabalhadores esperam os autocarros que partem logo cheios e os transportam para um dia de cidade. Entendemos agora o porquê do fecho da ponte Flor de Lotus (Lianhua). Durante toda a viagem vemos as diferentes fases de construção da nova rede viária, com novos acessos, variantes e a continuação da auto-estrada que liga Pequim a Zhuhai e pretende chegar a Zhanjiang.

Vamos acompanhando as novas avenidas em construção e nas bermas, o cimento do antigo pavimento amontoado em blocos. Como fundo, os montes escavados que nos lembram a história do idoso que

resolveu remover a montanha para mais rapidamente os seus familiares chegarem ao rio.

Pelas margens do rio Xi

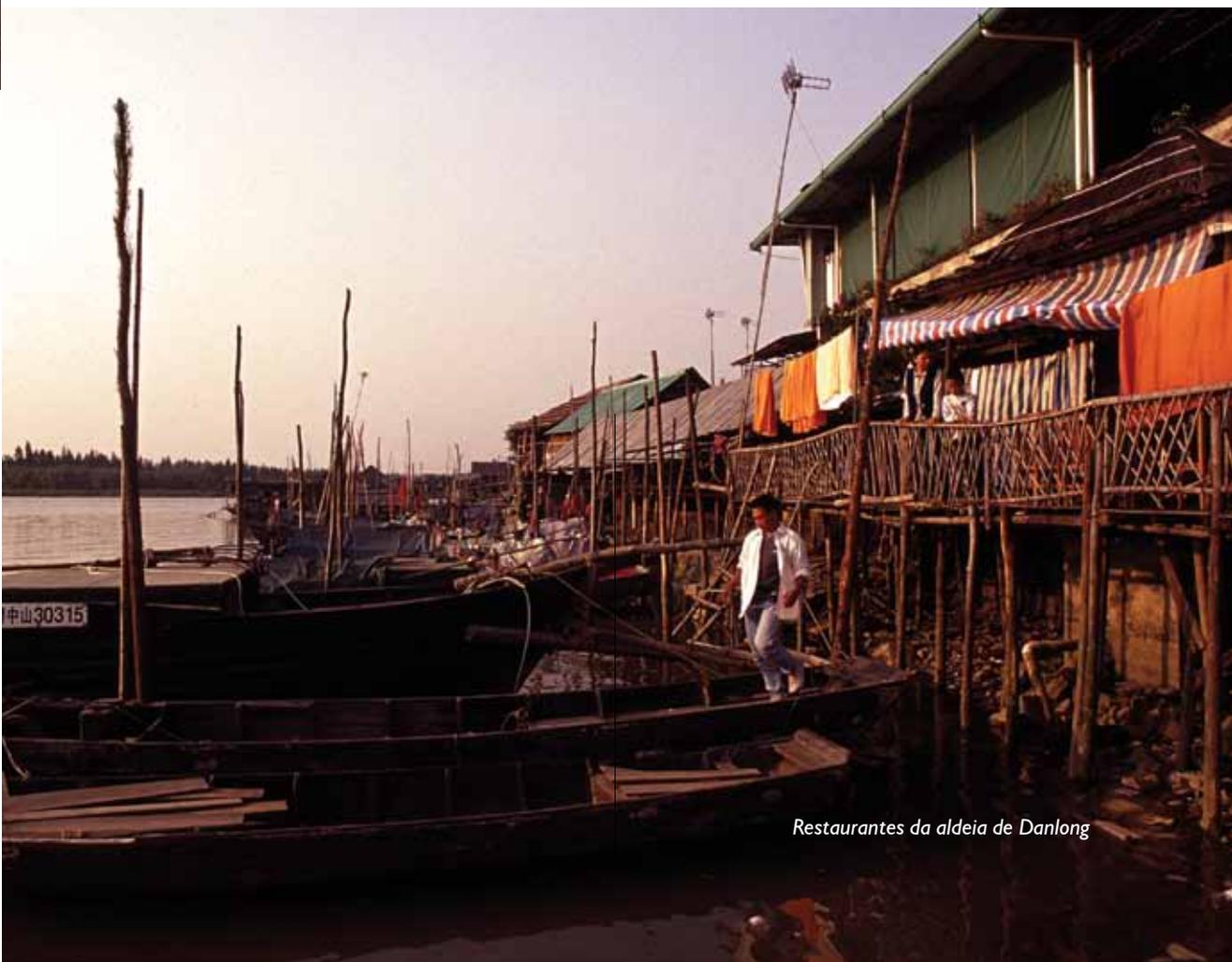
Com quinze minutos de estrada, após uma curva, temos à frente um dorso branco que submerge no nevoeiro. Quando a longa ponte de Zhuhai se espraia de frente, viramos para a direita onde o que pretende ser um moinho holandês marca a entrada da picada. Daí parte uma estreita estrada ao longo da margem do rio Xi. Uma central de bombagem de água indica-nos que estamos no bom caminho, confirmado pela confiança nos sorrisos dos participantes. Enquadrados por explorações de bananeiras, lagos artificiais servem de viveiros de camarões ou de peixe e muitas vezes estão associados à actividade da pesca à cana. O restaurante Guangchang, longe da confusão do trânsito, está integrado numa dessas

paisagens; um local de lazer para toda a família que aqui vem relaxar. Barracões de bambu servem de sala de estar e para refeições, que agora transbordaram para compartimentos privados e com mesas de cimento na esplanada em frente ao lago artificial. Na ementa constam os peixes que, capturados pelos que aqui passam o dia nessa actividade de lazer para o qual este restaurante está vocacionado, são depois cozinhados e servidos, o que lhes dá um outro sabor. Para o chefe de cozinha: “a galinha a vapor é um petisco que não pode deixar de ser provado”. Como já aqui tínhamos passado uma tarde com Tina, amiga chinesa de Zhuhai e a primeira tentativa de sermos pescadores não tinha dado frutos, resolvemos continuar viagem. Um pouco mais à frente, a estrada desaparece. Um ano antes, dali e de carro, continuamos até Dan Long, mas agora, enquanto a estrada

não fica pronta, temos que dar meia volta, pois apenas as bicicletas conseguem fazer a picada. Passando pela Aldeia do Sul (Nanchong), o aroma das flores a abrir nos campos plantados de laranjeiras entra pelas janelas do carro e logo nos vem ao paladar a saborosa e especial laranja, apenas aqui produzida. É apresentada normalmente nos restaurantes locais, ao fim das refeições.

Aldeias em torno do canal

Após algumas voltas pelo interior e de novo no mesmo braço do rio Xi, passamos por um pequeno porto, onde num estaleiro uma embarcação de pesca é restaurada. Pelo caminho não se vê muitas pessoas mas, todas as vezes que por ali andamos, cruzamo-nos com grupos de cicloturistas, o que nos leva a pensar ser essa a melhor maneira para por aqui



Restaurantes da aldeia de Danlong



passar. Atravessamos duas comportas, uma das quais com o canal bloqueado e quando lá voltamos, é já uma nova comporta ampliada, para retirar de uso a segunda. Um pouco mais à frente, aparece a aldeia de pescadores Danlong. Em vez de entrar na aldeia, descemos para junto à água, onde num pátio, um conjunto de restaurantes são atracção turística para os habitantes das redondezas e também para as muitas excursões que vêm de Macau. Com o carro estacionado, partimos a pé até à entrada da aldeia e atravessamos uma comporta que serve para impedir,

em alturas de cheia, que a água do canal inunde as povoações ribeirinhas. Pela margem oposta à aldeia caminhamos entre bananeiras a esconder extensos arrozais, pensando encontrar um outro caminho que nos leve de volta a Danlong. Até que se coloca a dúvida de continuar ou voltar para trás. No cruzamento de dois canais depara-se-nos uma ponte na outra margem, dando alento a prosseguir. Percorrendo a margem, agora por um canal mais estreito, chegamos a um conjunto de casas todas iguais. Curiosos no olhar, espreitamos um pátio



Vista da aldeia de Danlong

e logo um cão rosna.

Alertada, a família abeira-se do portão e o espanto de ver ali não-chineses desvanece quando em cantonês perguntamos o nome da localidade que nos dizem chamar-se He Yi, isto é povoação um. Mais à frente encontramos a povoação He Er (dois), com moradias de dois andares todas do mesmo estilo, diferente das anteriores que são térreas. Mostram ser cooperativas, como he pode ser traduzido numa leviana passagem. Quando por fim aparece a terceira povoação, esta denominada Jian He, o canal termina e já com a certeza de haver caminho, confraternizamos com amendoins comprados na única loja. Vê-mos chamar a dizer que o barco chegou. Quando em He Yi tínhamos perguntado se havia barco, ficamos a saber que só durante a semana este faz carreira regular e transporta as crianças da zona à escola.

Danlong

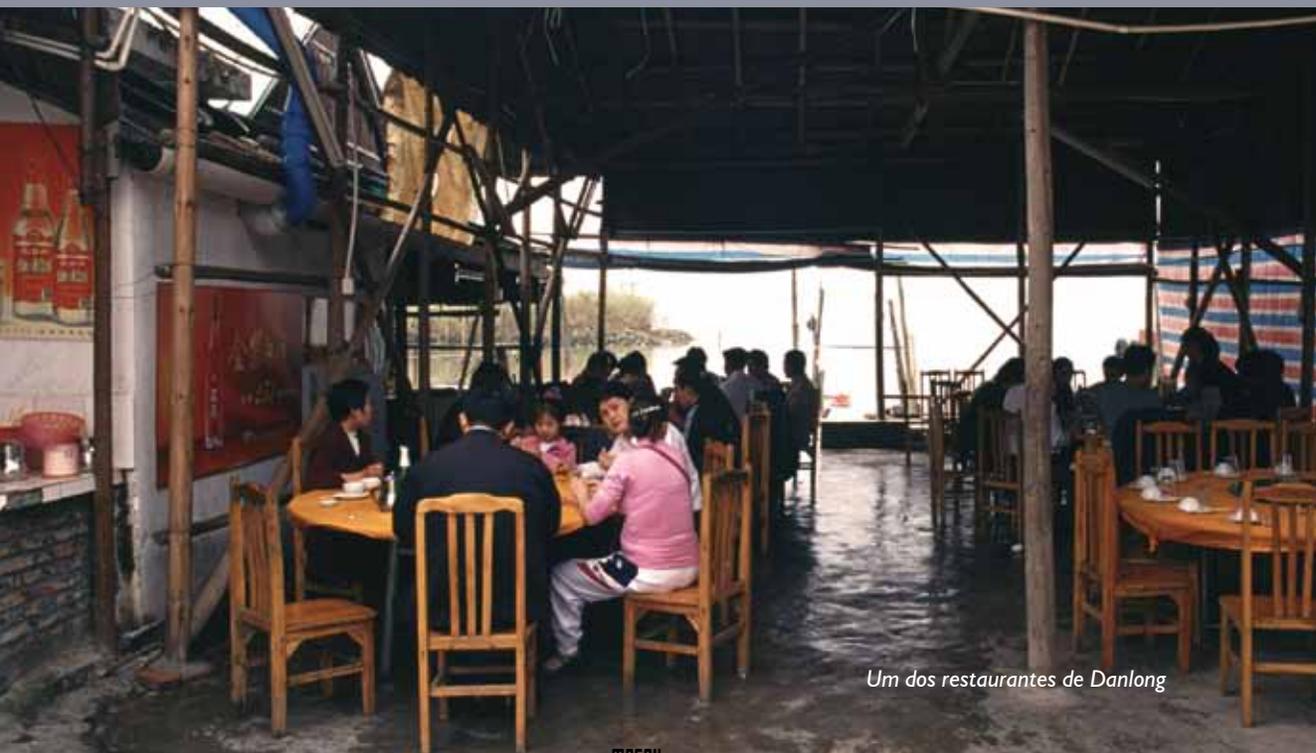
Cruzamos os canais e somos colocados à entrada da aldeia de Danlong, agora

no outro extremo da única rua que ao longo do canal se estende. A meio, uma jovem mulher espalha pelo pátio o arroz para secar ao Sol e daí percebemos que a aldeia é toda rodeada por canais, onde o verde da vegetação muralha os arrozais e os patos se deliciam a nadar. A fome aperta e resolvidos a voltar ao recinto dos restaurantes, caminhamos com passos largos. Devido ao estranho grupo, um bebé que está num carro-cama de bambu pede à mãe cólo. Atravessamos a praça do povoado, onde alguns habitantes conversando, sorriem à nossa passagem, mas na última curva da rua, esta bifurca. Fugindo do caminho, espreitamos e uma árvore muito antiga dá o resguardo ao nicho protector da povoado, indicando a entrada da picada que leva ao cimo da colina. Anteriormente vista da estrada, sobressaía uma torre de pedra que parecia guardar a população dos piratas, que em tempos não muito longínquos por aqui existiram. Na encosta aparecem túmulos e junto à torre e ao depósito de água uma agradável vista dá para perceber

a extensão da aldeia. Entretanto, três naturais, em visita de fim-de-semana aos seus familiares, convidam-nos para almoçar, em casa dos pais de um deles. Enquanto o almoço é preparado com lume feito da palha apanhada do terraço onde o arroz seca, os idosos mantêm-se no convívio. Já à mesa, no corredor do pátio, estes retiram-se para recolher o arroz e a conversa gera-se nas potencialidades deste recanto de Tanzhou. Fala-nos o filho da casa: “Conseguimos viver bem, pois temos tudo: peixe do rio, arroz, patos e galinhas. Dão-nos a subsistência do dia a dia. Como trabalho numa fábrica de material eléctrico em Zhongshan, entrego aos meus pais uma pequena quantia do ordenado.” Não vem dormir a casa? “Fico no dormitório da fábrica, com estes meus amigos...” e aponta para o pátio; risos e uma cumplicidade gestual cheia de memórias dos farnéis trazidos da terra. Ficamos a saber que a população da aldeia e das povoações visitadas naquela tarde é de mais de 300 famílias. Terminado o almoço, a proposta é de uma viagem de barco para visitar a ilha em frente. Alugamos o barco num dos

cinco restaurantes, mas a ilha repleta de bananeiras, pouco interesse revela ter após uma volta em seu redor. Apenas somos surpreendidos com as raízes das árvores a sair da água, como a molhar os pés.

“O recinto da aldeia de pescadores de DanLong conta com três restaurantes, dos cinco que já teve, tendo tudo começado em 1999, quando aqui apenas se vendia peixe.” Conhecendo esta especificidade, escolhemos o restaurante junto à água. Huang Jin Pin, uma das duas donas do restaurante, quando já estamos junto aos aquários, continua a falar e complementa: “Estamos abertos todos os dias das nove da manhã às dez da noite.” Três enormes raias (que os chineses designam como peixe diabo), linguados, camarões que nos diz serem de mar e carangueijos com patas lodosas mostram-se através dos vidros. Já sentados à mesa, mandamos vir pato em gengibre que trazemos recomendado e por indicação da dona, provamos o peixe Cabeça de Leão, que é na sua maioria exportado para Xangai e Hangzhou. Enquanto saboreamos como aperitivo este prato de peixe, tipo



Um dos restaurantes de Danlong

“jaquinzinhos” panados e bem fritos sem óleo que se note, a conversa segue. “Os projectos passam por um pequeno hotel, pois em redor não há nenhum para servir quem após a refeição da noite aqui quiser pernoitar. A auto-estrada vai passar perto, mas não tem saída para esta área. Esta verde zona banhada por um sereno estar fica com potencialidades para o turismo rural, com a gastronomia a ter um papel importante para atrair visitantes.”

“Chan pei guat”

Pernoitamos no hotel Hui Chang, em Tanzhou, e de manhã visitamos o mercado de antiguidades no distrito de Zhuhai, na estrada fronteira com Zhongshan. A parte antiga do mercado entre duas visitas fora demolida, restando o pavilhão de fachada vermelha mais recente. Apenas nos fica na memória os rendilhados em madeira retirados de janelas antigas. Mas a curiosidade desperta-nos para o outro lado da avenida, onde um conjunto de troncos e enormes raízes de árvores ocupam a faixa da estrada para as bicicletas. A atenção leva-nos às oficinas onde se faz crescer verdadeiras obras de arte.

Regressamos de novo pelo centro de Tanzhou e continuando pela estrada que também dá para a cidade de Zhongshan, mas num caminho mais longo, ao chegar à rotunda aparecem inúmeros carrinhos de mão rurais onde, abacaxis são expostos. Viramos de novo em direcção ao rio. Cruzamos a ponte Doumen e ao chegar à segunda ponte, um escondido parque de estacionamento aparece à esquerda. O restaurante Guang Long traz como referência o melhor “chan pei guat” da região, que é um prato frito de entrecosto, temperadas com casca seca ralada de uma tangerina muito doce proveniente de Sanshui. Estamos nos limites de Zhongshan, na ilha Zhu Pai Sa, (竹排沙) e da esplanada do restaurante em cima do rio a vista estende-se para o distrito de Zhuhai. Encontramos um amigo de longa data, o senhor Chen, que anos antes deu-nos a conhecer este restaurante.



Peixe de “cabeça de leão” panado e choi pei guat, um prato de costeletas de porco fritas

Está a escolher o peixe quando o vemos, acompanhado pelo dono do restaurante, que orgulhosamente nos mostra umas folhas verdes e secas, enquanto faz a história do restaurante. “Inaugurado em 1998, tem uma capacidade para 250 pessoas e abre todos os dias das oito e meia às onze horas da noite.” Durante a conversa fala-nos do que parece serem algas secas, mas segundo nos refere, é peixe, introduzindo o Wo Chon. “É recomendado para problemas de anemia.”

Ilha de Modao

Voltamos à anterior rotunda dos abacaxis e continuamos estrada em direcção ao porto internacional de contentores em Shenwen. Numa procura da aldeia

referenciada como um dos dois centros mais famosos de restaurantes, surge à nossa frente um novo parque industrial, onde enormes edifícios tipo armazéns se encontram em fase de acabamento. As muitas fábricas instaladas nos parques industriais de Zhuhai vão sendo transferidas para Zhongshan, devido ao preço da água e da electricidade. Os restaurantes encontram-se abandonados e por isso seguimos viagem para o restaurante na ilha de Modao (Mo Tou em cantonês), também em Shenwen. Este encontra-se enquadrado num extenso parque e é produto dos investimentos do grupo “Beijing Shun Feng Catering & Entertainment CO, Ltd” na ilha de Modao. Construído há dez anos, a única coisa que está em funcionamento é o restaurante. A área envolvente bem cuidada e florestada com árvores valiosas, alberga também um potencial campo de golfe, um hotel e moradias por acabar, assim como uma estreita enseada a servir de ancoradouro para um pequeno iate, mostra que algo de grande se ambicionou para o local.

Apesar dos barcos porta-contentores que cruzam o rio Xi a caminho do porto, cujos guindastes dali conseguimos ver, deixarem no ar um “ronronar” que invade o restaurante, não lhe retira o ambiente agradável que ali se usufrui. A paisagem é de um verde pintalgado por vezes de castanho, a cor do material vegetal com que algumas casas estão feitas. A acompanhar o vinho de arroz em cana de bambu, produção da fábrica do dono deste local, que é de Chengde, provamos o peixe cru servido em fatias finas sobre gelo e a galinha de campo de criação própria, tal como alguns vegetais plantados em canteiros.

Como ainda não são quatro e meia da tarde regressamos pelo ancoradouro da antiga Ponte 15, onde noutros tempos as límpidas águas azuis entre Mong-há e a Barra estavam cheias de vieiras (*hao*). Molusco abundante na época, onde hoje é o Porto Interior e a foz de um ramo do rio Xi. Com energias renovadas, voltamos preparados para mais uma semana de cidade. ■



Uma das casas do parque de Modao

Alunos da Universidade de Macau em Lisboa

Sete estudantes da Universidade de Macau (UM) partiram para Portugal para aprofundar conhecimentos em língua e cultura portuguesas. Os alunos do terceiro ano da licenciatura em Estudos Portugueses vão estudar um semestre na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Este intercâmbio realiza-se pela segunda vez e tem como objectivo desenvolver as capacidades linguísticas dos alunos. Cerca de 60 estudantes estão inscritos na licenciatura em Estudos Portugueses, num total de 1500 que aprendem português na Universidade de Macau.



Direcção da ACOLOP tomou posse

Os novos órgãos sociais da Associação dos Comités Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa (ACOLOP) foram empossados durante uma cerimónia que teve lugar em Macau a 3 de Fevereiro, dia em que foi também inaugurada a nova sede da ACOLOP.

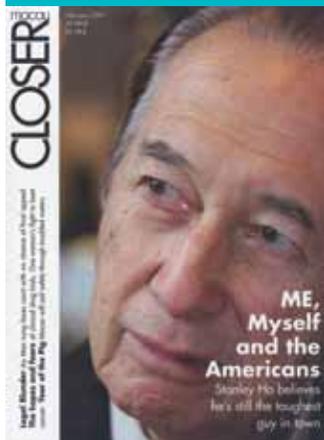
Manuel Silvério, que assumiu formalmente as funções de presidente do Comité Executivo, afirmou que dos planos para os próximos três anos fazem parte a afirmação da língua portuguesa no contexto das altas instâncias do desporto olímpico internacional e a promoção de projectos de intercâmbio para desenvolvimento do desporto nos países e territórios membros da ACOLOP.



Lançada publicação em inglês

Uma nova revista mensal em língua inglesa começou a ser publicada em Macau em meados de Fevereiro. Com o título “Macau Closer”, a nova publicação é dirigida pelo jornalista Ricardo Pinto, que igualmente tem a seu cargo a publicação do diário de língua portuguesa “Ponto Final”, e será distribuída não só em Macau mas também em países e territórios vizinhos.

A “Macau Closer” pretende “retratar a alma cosmopolita de Macau, um bem que tem vindo a fortalecer-se”, como se pode ler no editorial de Ricardo Pinto. Para alcançar esse desiderato, a revista, que se apresenta como uma publicação generalista, surgiu no mercado com uma edição inaugural de 122 páginas e uma apresentação gráfica requintada, além de uma grande variedade temática.



Veteranos de futebol jogam em Macau

A equipa de veteranos de futebol do Marítimo (de Portugal) foi a vencedora de um torneio que se realizou em Macau em Dezembro último, uma prova integrada nas comemorações do sétimo aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau.

O torneio foi organizado pela Associação de Veteranos de Futebol de Macau e contou com a participação de outras sete equipas, provenientes de Macau, Hong Kong, Pequim, Malásia, Tailândia, Coreia do Sul e Taiwan.

Esta foi a sexta edição do torneio.



Macau deverá consolidar-se nos próximos anos como a capital mundial do jogo. Depois de já ter ultrapassado Las Vegas, a região administrativa especial pode atingir o final da década com receitas brutas na ordem dos 100 mil milhões de patacas. Novos e modernos complexos estão em construção ou entraram já em funcionamento, as principais cadeias hoteleiras e marcas internacionais olham para o território como um mercado com enormes potencialidades. Os casinos de Macau empregam 30 mil pessoas, mas as estimativas dizem que outros tantos trabalham em áreas relacionadas com a indústria do



Geografia

entretenimento. O sector do jogo encerrou o ano de 2006 com receitas brutas de 55.000 milhões de patacas, um aumento de cerca de 23 por cento em relação a 2005. Em impostos (directos e indirectos) os operadores vão pagar ao Governo cerca de 22000 milhões de patacas. No último ano entraram em funcionamento o pri-

meiro projecto de Steve Wynn e os novos casinos da Galaxy (Star World e Rio, em Macau, e Grand Waldo, no COTAI). Stanley Ho, que viu a quota de mercado descer dos 50 por cento, abriu o Babylon na Doca dos Pescadores e acaba de inaugurar o Grand Lisboa, que passou a ser a «jóia da coroa» do universo Sociedade de Jogos de Macau, que explora 18 dos 25 casinos actualmente em funcionamento. Nos próximos meses, a Venetian vai abrir a primeira fase do seu mega-resort no COTAI. Em Maio, a Melco, de Lawrence Ho, e os australianos da PBL, inauguram o Crown Macau, na Taipa, que ficará localizado no

primeiro hotel de seis estrelas de Macau. Os americanos da MGM, em parceria com Pansy Ho, vão colocar em funcionamento o MGM Grand Macau, perto do Wynn Macau, do velho e novo Lisboa e também do Star World. No final de 2007, Macau deverá ter mais de 3500 mesas de jogo e 10 mil *slot-machines*.

Com o número de turistas a atingir os quase 22 milhões no último ano, a capacidade hoteleira do território continua a aumentar. Números dos Serviços de Turismo, a que a MACAU teve acesso, revelam que em 2017 a capacidade hoteleira de Macau deverá ultrapassar os 50 mil quar-



do Jogo

tos, isto é, mais do quádruplo do número de quartos disponíveis em finais do ano passado. Até 2008, cinco hotéis e várias pensões vão ser ampliadas, estando prevista a construção de 18 novas unidades (mais 13 mil quartos). Em análise encontram-se 31 novos projectos, que dotarão Macau de mais 17 mil quartos. ■

1 Lisboa

276 mesas e 641 slot machines

2 Kam Pek

81 mesas

3 Fortuna

45 mesas

4 Diamante (Holiday Inn)

55 mesas e 72 slots machines

5 Legend Macau

117 mesas e 290 slots machines

6 Kingsway

8 mesas

7 Waldo

40 mesas e 80 slots machines

8 Dragão Dourado

79 mesas e 131 slots machines

9 Casa Real

72 mesas

10 Pelota Basca (Jai Alai)

91 mesas e 321 slots machines

11 Casino Flutuante

11 mesas e 51 slots machines

12 Sands

É o maior casino do mundo.

793 mesas de jogo

e 1631 slot machines

13 Oriental

25 mesas e 141 slots machines

14 Grand Emperor

73 mesas e 348 slots machines

15 Rio Casino

90 mesas e 150 slots machines

16 Star World

201 mesas de jogo

e 335 slot machines

17 Wynn Macau

222 mesas de jogo

e 384 slot machines

18 MGM Grand Macau

Abertura no segundo

semestre de 2007

345 mesas de jogo

e 1035 slots machines

19 Presidente

70 mesas

20 Babylon

90 mesas e 347 slots machines

21 Grand Lisboa

Casino inaugurado

a 11 de Fevereiro de 2007.

Hotel abre em 2008.

600 quartos

200 mesas de jogo

e 530 slot machines



Monte da Guia

Doca dos Pescadores

NAPE

Av. da Amizade

Ponte Nobre de Carvalho

■ GALAXY ■ MGM ■ SJM ■ VENETIAN ■ WYNN

MACAU



Aeroporto

GALAXY **MELCO PBL** **SJM** **VENETIAN**

TAIIPA

Ponte da Amizade

Ponte Nobre de Carvalho

4

6

3

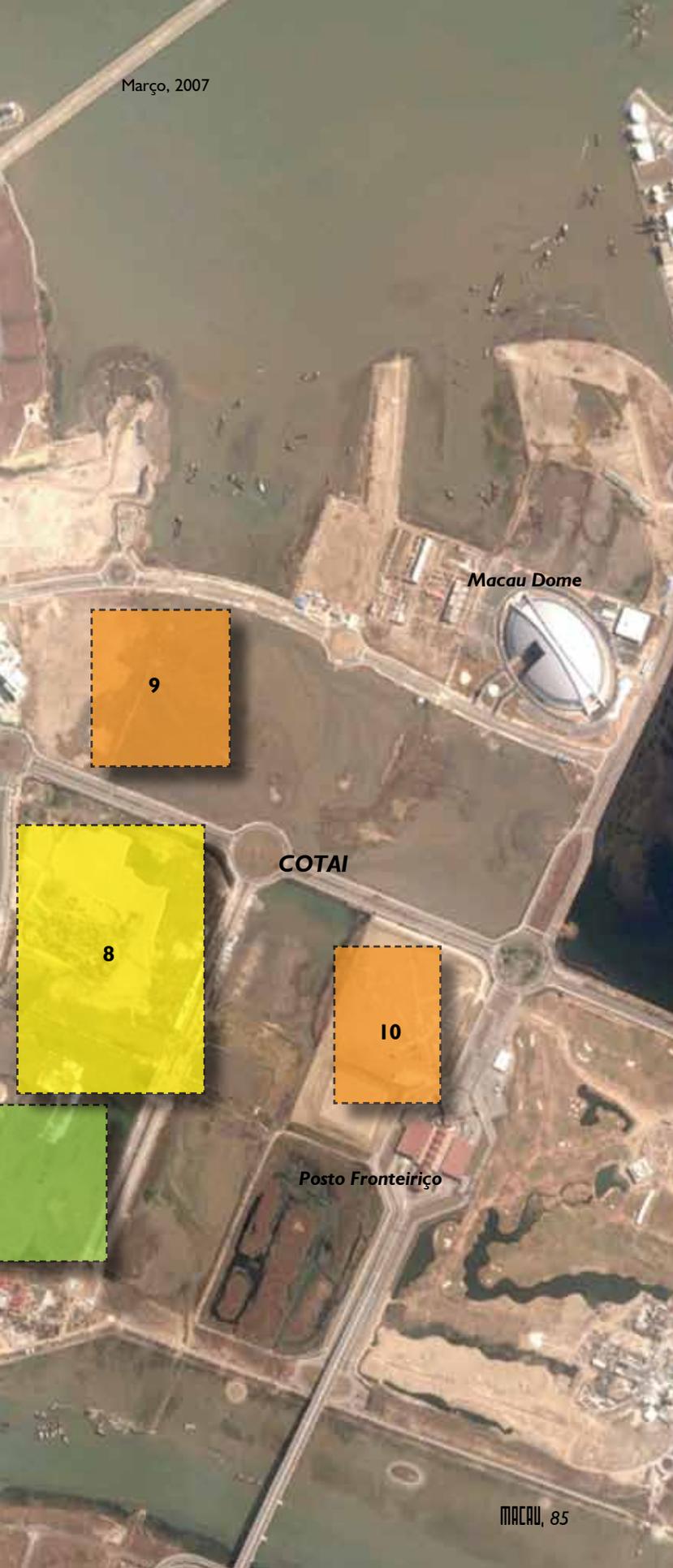
2

7

1

5

Macau Jockey Club



1 Marina Infante

20 mesas e 37 slot-machine

2 MJC (Hotel Grandview)

49 mesas e 296 slot-machines

3 Taipa (Hotel Hyatt)

8 mesas

4 New Century

121 mesas e 204 slot-machines

5 Grand Waldo

144 mesas e 259 slot-machines

6 Crown Macau

Abre em Maio de 2007

216 quartos, dos quais 24 serão suites VIP e oito suites presidenciais. É o primeiro hotel de seis estrelas em Macau

220 mesas de jogo e mais de 500 slot-machines

7 Galaxy Cotai Mega Resort

A inaugurar em 2008

Praia artificial, centro de convenções, réplica da ponte de S. Francisco (Golden Gate) e várias praças, à semelhança da Times Square de Nova Iorque

600 mesas e 1000 slot-machines

8 Venetian Macau

Abertura segundo semestre de 2007

Três mil suites

120 mesas de jogo e 2200 slot-machines

Centro de Convenções e Exposições. No total o Venetian vai ter 20 mil novos quartos em hotéis de cadeias internacionais

9 Cidade dos Sonhos

A inaugurar em 2008

2000 quartos

450 mesas e 300 slot-machines

10 Macau Studio City

A inaugurar em 2009. Além de casino, vai ter dois hotéis, com 2200 quartos, zonas de lazer e estúdios de cinema e televisão

Melco -PBL

Explora 970 slot-machines na Sala Mocha (4 em Macau e 2 na Taipa)

«Ranking» dos casinos/2006

Casino-Hotel Lisboa (30 %)

Casino Sands (20 %)

Casino Legend (8 %)

Casino Wynn Macau (5 %) *

Casino Grand Waldo (5 %) *

* Inaugurados no segundo semestre

Operadores

Sociedade de Jogos de Macau, de Stanley Ho.

Venetian Macau, liderada pelo patrão da Las Vegas Sands, Sheldon Adelson

Galaxy Casinos, empresários chineses de Hong Kong

Wynn Resorts (Macau), liderada pelo magnata de Las Vegas, Steve Wynn

MGM Grand Paradise, parceria entre a MGM e Pansy Ho, filha de Stanley Ho

Melco PBL Jogos (Macau) joint-venture entre a Melco, liderada por Lawrence Ho (filho de Stanley Ho) e a australiana Publishing & Broadcasting Ltd.

**Como investir em Macau?
Conheça os passos que tem
que dar para fazer negócios
na Região Administrativa
Especial de Macau**

Guia do inves



stidor

Quem acompanha ao longe o forte desenvolvimento de Macau sentir-se-á tentado a investir numa economia aberta que funciona, há séculos, como entreposto comercial e porta de entrada para a China. Dizem os manuais que antes de se avançar para um investimento é importante conhecer bem o terreno. E isso implica ter em mente não só o ambiente regulatório, como as tendências do mercado local e o contexto regional.

Antes de qualquer decisão é importante perceber que a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) está progressivamente a transformar-se numa economia direccionada para os serviços e especializada em sectores ligados ao turismo, hotelaria, jogo, restauração, comércio a retalho e serviços financeiros.

Não quer isto dizer que apostas noutros sectores não sejam acertadas. De qualquer modo, considerando que em 2006 o território recebeu 22 milhões de turistas e que o sector do jogo gerou receitas de cerca de 55 mil milhões de patacas, salta à vista que negócios que estejam directa ou indirectamente relacionados com o jogo e o turismo encontram portas abertas. Macau é, de resto, a economia

mundial que mais depende do turismo, de acordo com um estudo do Conselho Mundial de Viagens e Turismo. Por outro lado, o executivo da RAEM, com o objectivo de diversificar a economia, tem vindo a aumentar os apoios a outras áreas de actividade económica.

Além do mais, é essencial olhar para Macau não apenas como um destino, mas como uma ponte de ligação para entrar na economia da região do Sul da China. Essa dinâmica tem sido materializada através do processo “9+2”, uma zona de integração económica que congrega as nove províncias do Grande Delta do Rio das Pérolas - Guangdong, Guangxi, Sichuan, Hainão, Guizhou, Yunan, Jiangxi, Fuzhou e Hunan – e as duas regiões administrativas especiais – Macau e Hong Kong.

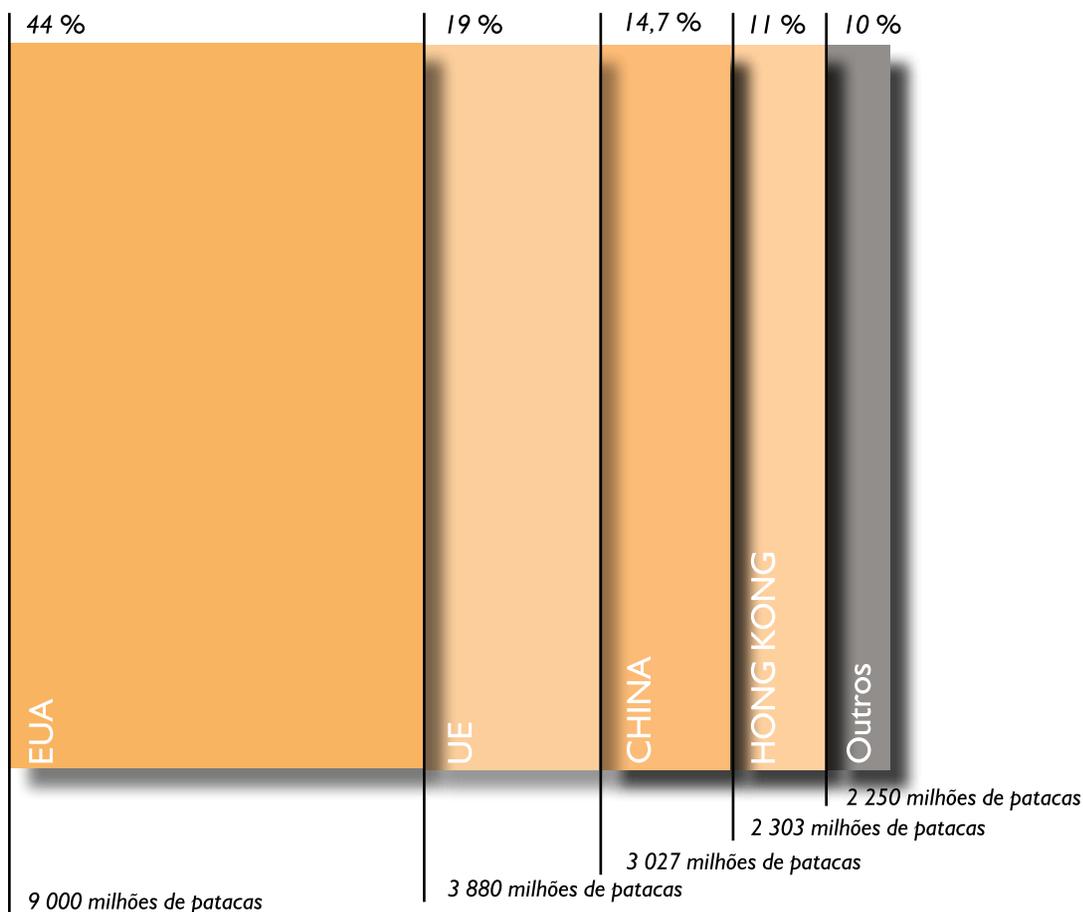
Incentivos fiscais e financeiros

Uma das características que torna Macau atractivo para investir é a baixa carga fiscal. A margem de imposto sobre os lucros oscila – exceptuando o sector do jogo – entre os dois e os 15 por cento. O imposto sobre a propriedade poderá ser de dez ou 16 por cento, mas se um terreno for adquirido com finalidades industriais o investidor fica isento de pagar esta

Comércio externo Janeiro-Dezembro de 2006

Mercados de destino das exportações de Macau

Fonte: DSEC



Valor total das Exportações entre Janeiro e Dezembro: 20 460 milhões de patacas

taxa. É precisamente nos investimentos nas indústrias que se podem encontrar incentivos e facilidades que poderão ser um atractivo para as empresas. Para que um empreendimento possa auferir dos benefícios, os responsáveis pelo investimento terão que submeter o pedido ao Chefe do Executivo, com base em critérios

previamente definidos pelas autoridades. Em primeiro lugar, o investimento em questão terá que mostrar potencialidades para contribuir para a diversificação da economia; em segundo, abrir portas para exportar bens ou serviços a mercados novos ou pouco explorados; em terceiro, contribuir para a

modernização tecnológica do tecido socio-económico. Basta que o projecto em avaliação cumpra pelo menos um destes requisitos para ser analisado. Este tipo de investimentos industriais poderá ter dois tipos de apoios. Ao nível fiscal, as autoridades concedem uma redução de 50 por cento no imposto sobre os lucros

Investimento Directo Externo em Macau (IDE) 2005

Total de investimento em stock: 41 mil 369 milhões de patacas

	milhões de patacas	%
Actividades culturais e recreativas, lotarias e outros serviços	25.600	61
Actividades financeiras	8310	20
Indústria	2870	7
Outras actividades	4592	11

Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos

Origem do IDE 2005

	milhões de patacas	%
Hong Kong	25.436	61,4
EUA	7430	17,9
China Continental	3907	9,4
Portugal	2620	6,3
Outros	1976	4,7

Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos

e isenções totais ou parciais da contribuição predial urbana. Outro instrumento de incentivo tem a ver com as bonificações de taxas de juro de empréstimos, contraídos em Macau, com vista à compra de edifícios ou construção de um novo equipamento industrial. Na tentativa de promover a criação de indústrias de valor acrescentado, o Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM) pode conceder subsídios a fundo perdido a projectos que impliquem o fabrico de “novos produtos, donde derive elevado risco económico e sempre que o mérito da inovação o justifique”;

projectos de “inovação e desenvolvimento, tendo em vista aplicações industriais de interesse para o território”; e “projectos de instalação de equipamentos antipoluição donde resultem benefícios para o território”.

Investir em quê?

Além das actividades ligadas ao sector do jogo e das indústrias manufactureiras, que o Governo apoia, há outros sectores em que a RAEM apresenta vantagens e potencialidades. Na área das novas tecnologias, o Executivo criou o Centro de Novas Tecnologias de Macau, uma base de

apoio técnico e de fundos para investimentos, e a Comissão de Novas Tecnologias, na qual estão representados especialistas e que visa o reforço das componentes de investigação e inovação no sistema educativo da RAEM.

Os serviços de logística e de apoio também têm um campo propício para florescer. Em primeiro lugar devido à posição geográfica de Macau: na zona ocidental do Delta do Rio das Pérolas, com Hong Kong, Shenzhen, Zhuhai, Cantão e Zhongshan a menos de 150 quilómetros. Em termos de infra-estruturas, o facto de ter um aeroporto

Estrutura sectorial da economia de Macau 2005



Nota: Os valores não foram ainda corrigidos pelos Serviços de Intermediação Financeira Indirectamente Medidos (SIFIM), pelo que, a soma das percentagens dos sectores secundário e terciário ultrapassa os 100 por cento

internacional, acessos rodoviários à China continental e um porto. No plano dos serviços, a RAEM apresenta também trunfos como receptor de investimentos em actividades financeiras de offshore, em concreto bancos, seguradores e gestão fiduciária. Estas instituições auferem de vários benefícios fiscais: isenção do pagamento do imposto complementar ou contribuição industrial.

Espaço para o investimento lusófono

No caso específico dos empresários oriundos dos países de língua portuguesa, além das vantagens já referidas, outros factores convidam os investidores. Desde logo, o facto de o português ser, a par do chinês, uma das línguas

oficiais da RAEM, o que facilita a relação com as autoridades locais e com outros agentes económicos. Em concreto, as empresas dos países lusófonos podem encontrar vários peritos legais, juristas e outros agentes que poderão efectuar um trabalho eficaz ao nível da consultoria e marketing, uma vez que detêm um bom conhecimento quer do mercado da China continental, quer do mercado dos países de língua portuguesa. Além dos agentes privados que trabalham com os mercados lusófonos, o Governo de Macau tem no Instituto para a Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM) um instrumento para dar apoio aos empresários que apostam na RAEM. Na página oficial do IPIM

está disponível uma Bolsa de Contactos empresariais on-line onde se trocam informações para encontrar parceiros para negócios. Paralelamente, desde 2003, por iniciativa do Governo Central, foi estabelecido em Macau o Secretariado Permanente do então criado Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Através do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum é possível ter acesso a um vasto leque de informações com vista ao investimento em Macau e na China e participar em acções de promoção económica, como feiras comerciais, conferências, missões empresariais e contactos de alto nível em Macau, na China continental e em países lusófonos. ■



澳門
MACAO

澳門 區域性 商貿服務 平台

MACAO a regional economic and trade co-operation platform

澳門貿易投資促進局

竭誠為您服務

IPIM - ALWAYS
at YOUR SERVICE

- 投資者一站式服務
One Stop Service for Investors
- 離岸業務（非金融）
Off-Shore Service (non-finance)
- 經貿推廣活動
Exhibition & Trade Show
- 商業資訊
Business and Trade Information
- 澳門商務促進中心
Macao Business Support Centre
- 申請投資居留
Residency Application for Investors
- 本地企業服務中心 - 會員計劃
Macao Enterprise Service Centre -
Membership Scheme



澳門貿易投資促進局
Macao Trade and Investment Promotion Institute

澳門友誼大馬路918號世界貿易中心一至四樓
Av. Amizade no. 918, World Trade Centre, 1st to 4th Floors, Macao
Tel: (853)28710300 Fax: (853)28590309 Email: ipim@ipim.gov.mo
Website: <http://www.ipim.gov.mo/>

24小時 電話查詢熱線
24-hour enquiry hotline
(853)28881212



Linhas de Acção Governativa para 2007

Harmonia, mudança e equilíbrio social

Em apenas sete anos de existência a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) assistiu a rápidas mudanças no tecido urbano e social, no perfil da economia e na forma como é encarada no plano internacional. Todas estas alterações aconteceram de forma acentuada desde 2004, altura em que abriram as portas os primeiros novos casinos, na sequência da liberalização do sector anunciada em 2002. Neste contexto, na apresentação das Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2007 o Chefe do Executivo alertou que a RAEM se encontra “na encruzilhada entre duas opções estratégicas de desenvolvimento: o modelo tradicional e o modelo moderno”.

O desafio que a sociedade de Macau tem pela frente implica que a prioridade deixe de ser colocada nos objectivos parcelares de políticas sectoriais “para incidir nas infra-estruturas sociais, políticas e administrativas”. Tudo tendo sempre em consideração as traves-mestras que passam pela adesão empenhada ao princípio “Um país, dois sistemas”, de “Macau governado pelas suas gentes” com alto grau de auto-

nomia e à construção de uma sociedade harmoniosa.

Considerando que o turismo ligado ao jogo é um elemento decisivo da economia de Macau, o Executivo prevê mudanças nesta área de actividade. O modelo tradicional de turismo deverá evoluir para um outro que integre “cultura, convenções e exposições, jogo, venda a retalho, desporto, ocupação de tempos livres e férias e gastronomia típica”.

Ainda neste domínio, em 2007 o Governo pretende que se comece a verificar uma maior diversificação do tecido económico que, mesmo estando dependente do jogo, deverá gerar outras áreas de actividade competitivas.

Para prosseguir com a diversificação da economia e o dinamismo do tecido socio-económico é imprescindível o contributo das pequenas e médias empresas. Nesse sentido será criado um Centro de Prestação de Serviços às Pequenas e Médias Empresas, dando corpo a uma política de maiores e mais alargados apoios a essas empresas.

No que diz respeito aos transportes e às

obras públicas, o Governo salienta que é importante responder aos problemas do trânsito. Para lidar de uma forma mais eficaz vai ser criada uma Direcção dos Serviços para os Assuntos de Trânsito. Além disso vai ser acelerado o processo visando a construção de um túnel que ligará Macau e a Taipa.

Quanto aos novos aterros, o Chefe do Executivo prometeu “utilizar os terrenos conquistados ao mar para aperfeiçoar a rede de trânsito, fazer obras que tornem a nossa costa mais atraente, construir mais espaços verdes, equipamentos de lazer e infra-estruturas turísticas”.

O caminho para a construção de uma sociedade harmoniosa e para a modernização da economia implica que o sistema jurídico e administrativo esteja em condições de responder aos anseios de todos.

Essa é também umas das prioridades nas LAG para 2007. As alterações necessárias têm de ser analisadas e sistematizadas, pelo que Edmund Ho anunciou que o Governo irá investir todas as suas energias para, no primeiro semestre do corrente ano, “apresentar ao público um programa plurianual que constitui o roteiro e o calendário de todos os empreendimentos reformistas por si concebidos”. Para já foram enunciadas algumas medidas que procuraram melhorar a qualidade dos serviços administrativos. Uma das bandeiras levantadas diz respeito à criação do Centro de Informações da Administração, que congregue vários serviços num só local.

Com o objectivo de elevar o nível dos recursos humanos da função pública, vai ser feita uma aposta na formação ao nível da gestão administrativa, definição de políticas e capacidade de decisão. É necessário igualmente legislar com vista à promoção de sistema de responsabilização de funcionários, reforçar as acções de fiscalização e auditoria e aperfeiçoar os mecanismos de denúncia de actos de corrupção. Por outro lado, tendo em conta a evolução salarial na RAEM, foi decidido o aumento em 4,76 por cento dos salários dos funcionários públicos.

O aperfeiçoamento dos mecanismos de consulta e auscultação da opinião das forças sociais está igualmente no topo das prioridades do Executivo para este ano. O Chefe do Executivo esclareceu que para “garantir que diferentes grupos sociais, ou mesmo diferentes escolas de pensamento do mesmo estrato social, possam fazer ouvir a sua voz no seio dos organismos”, vai ser aumentado o número de membros dos organismos consultivos.

Responder às disparidades sociais

Reconhecendo que tem havido falhas no processo rumo a um desenvolvimento sustentado, o Governo garantiu estar a tento às disparidades sociais e à necessidade de em conjunto com a sociedade resolver os problemas mais graves. “Temos consciência da disparidade que existe entre a velocidade do desenvolvimento e as práticas arreigadas da nossa população. Compreendemos a inadequação de uma parte da nossa população, incluindo dentro dela alguns funcionários, face a esses fenómenos de mudança. O Governo está muito atento a esta situação. O Governo da RAEM irá colocar-se na primeira linha de combate, assumindo com sentido de responsabilidade e em conjunto com os cidadãos, a iniciativa de corresponder a essas transformações estruturais”, afirmou o Chefe do Executivo.

Uma das propostas anunciadas tem a ver com os sistemas de previdência. O Governo vai incentivar as empresas locais a instituir mais regimes de aposentação de natureza privada para os seus trabalhadores.

Num cenário em que a economia da RAEM se orienta cada vez mais para os serviços, uma parte da mão-de-obra encontra dificuldades em aproveitar as oportunidades de emprego que são criadas com os novos investimentos. Para evitar a marginalização dessas pessoas, o Executivo promete que vai “apoiar a reintegração no mercado de trabalho das pessoas de meia-idade e com baixo nível de instrução. ■

Principais medidas anunciadas nas LAG para 2007

(Quadro sectorial)

[Administração e Justiça]

- Criar um do Centro de Informações da Administração, que congregue vários serviços num só local
- Estabelecer Centros de Prestação de Serviços ao Público
- Implementar o Plano sobre a Criatividade dos Funcionários Públicos no Trabalho
- Criação da Direcção dos Serviços para os Assuntos de Tráfego
- Estabelecer a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental
- Preparar a criação do Centro de Formação dos Trabalhadores da Função Pública
- Rever o Código de Processo Penal e o Código de Processo Civil, estudar a revisão do Código Penal e do Código Civil

[Economia e Finanças]

- Adopção de tecnologias avançadas para o aperfeiçoamento da supervisão dos casinos
- Reforço da equipa de inspectores com o intuito de elevar o seu nível profissional
- Elevar as qualificações dos recursos humanos locais
- Criação do Centro de Prestação de Serviços às Pequenas e Médias Empresas
- Aperfeiçoar o programa de apoio ao funcionamento e reconversão das pequenas e médias empresas
- Incentivar a criação pelas empresas de regimes de previdência para os trabalhadores
- Formação de profissionais do sector de convenções e exposições

[Segurança]

- Aumentar as patrulhas motorizadas do Corpo de Polícia de Segurança Pública
- Reforçar o sentido de disciplina das forças de segurança
- Motivar as forças policiais para a entreaduza no combate aos crimes de menor gravidade
- Intensificar o combate aos crimes

relacionados com o jogo, a criminalidade relacionada com as seitas e os crimes organizados transfronteiriços

[Assuntos Sociais, Educação e Cultura]

- Estender a gratuidade a todo o ensino não-superior
- Promover um ensino multifacetado
- Estimular a criação literária
- Elevar constantemente a qualidade do ensino superior
- Elevar a eficácia da gestão do hospital público
- Reduzir o número de alunos por turma
- Promover o desenvolvimento de exposições convenções
- Reforçar a conservação do Património Mundial e a promoção do património cultural e histórico
- Incentivar o desenvolvimento de indústrias culturais

[Transportes e Obras Públicas]

- Criação da Direcção dos Serviços para os Assuntos de Trânsito
- Acelerar a construção de um túnel entre Macau e a Taipá
- Adjudicar mais licenças de táxis
- Promover a auscultação sobre a criação de uma rede de transportes colectivos sobre carris
- Construir mais espaços verdes, equipamentos de lazer e infra-estruturas turísticas
- Instalações de infra-estruturas acessórias da futura ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau
- Reforço do Sistema de Monitorização Rodoviária
- Prosseguir com a construção dos complexos de habitação social de Mong Ha e Ilha Verde
- Melhorar a qualidade de vida das populações com vista ao reordenamento dos bairros antigos

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPACO**

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA



O engenheiro Lau Si lo, que nos últimos anos presidiu ao Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), é o novo secretário para os Transportes e Obras Públicas do Governo da RAEM, em substituição de Ao Man Long. De acordo com uma nota oficial, divulgada a 16 de Fevereiro, o “Conselho de Estado da República Popular da China anuncia a nomeação de Lau Si lo para o cargo de secretário para os Transportes e Obras Públicas da Região Administrativa Especial de Macau, de acordo com a indigitação do Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho”.

Ao Man Long foi detido a 6 de Dezembro do ano passado por alegada corrupção e operações financeiras ilícitas, tendo sido exonerado do cargo a 7 de Dezembro.

O novo membro do Governo da RAEM considerou a nomeação como “uma nova etapa” na sua carreira de funcionário público. Lau Si lo disse esperar que o seu trabalho responda às expectativas da população, sublinhando que todas as áreas - dos transportes às infra-estruturas, do património ao planeamento, das telecomunicações ao trânsito - “são importantes por igual” pois mexem com a vida da sociedade.

Numa conferência de imprensa realizada depois da divulgação oficial da nomeação, garantiu um “olhar atento” e “dedicação e acompanhamento” em todos os casos e nas diversas áreas que vai tutelar, que são “cruciais” para o desenvolvimento económico e social da Região Administrativa Especial de Macau.

Natural de Macau, com 51 anos de idade, é licenciado em engenharia civil pela Universidade de Calgary (Canadá) e fala fluentemente mandarim, cantonês, inglês e português. Depois de concluir os estudos, Lau Si lo ingressou no sector privado em Hong Kong. Em Outubro de 1984, candidatou-se a um cargo na Administração Pública de Macau. Escreveu uma carta e foi convocado para uma entrevista. “Não acreditava que ia entrar, pois naquela altura não era fácil e trabalhava em Hong Kong”, confessou agora. Lau Si

lo fez toda a sua carreira no antigo Leal Senado, depois na Câmara Municipal de Macau Provisória e, finalmente, no Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. Ao longo de mais

duas décadas, desempenhou funções de adjunto-técnico nos Serviços de Obras, chefe do Sector de Obras, chefe de divisão, chefe dos Serviços de Higiene e Limpeza e subdirector e director dos Serviços Municipais do então Leal Senado.

Com a criação da Câmara Municipal de Macau Provisória, em Dezembro de 1999, é designado vice-presidente. Em Janeiro de 2002 assumiu a presidência do Conselho de Administração do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. Participou ainda em diversas acções de formação destinadas aos funcionários da Administração de Macau que foram realizadas na China, em Portugal e noutros países ou territórios.

Para o Chefe do Executivo, o novo secretário “tem experiência e qualificações administrativas, sendo a

pessoa adequada para assumir o cargo”. Edmund Ho acredita que Lau Si lo “conseguirá, certamente, não desonrar a missão e ser leal ao seu dever, defendendo o valor da honestidade e da transparência, bem como exercer, com qualidade, as funções” para que foi designado.

O deputado e membro do Conselho do Executivo, Leonel Alves, disse ao “Jornal Tribuna de Macau” (JTM) que foi uma escolha muito ajustada. “Trata-se de uma personalidade conhecedora dos problemas de Macau. É reconhecido como cidadão íntegro, competente e, acima de tudo, bilingue” comentou. Para o deputado Pereira Coutinho, o novo secretário “tem uma grande experiência na área da Função Pública, mas vai ter nas suas mãos *dossiers* bastante sensíveis”.

Leong Heng Teng classificou, por seu turno, a nomeação como muito importante para que o Governo funcione em pleno.

O deputado destacou os conhecimentos profissionais de Lau Si lo e afirmou que a opção por um quadro oriundo da Administração Pública é a mais adequada.

Ng Kuok Cheong disse ao JTM que espera que o novo secretário desempenhe com acerto as suas funções,

uma vez que vai tutelar áreas que necessitam de mudanças.

Para Fong Chi Keong e Chui Sai Cheong trata-se do homem certo no lugar certo, pois tem experiência no

O novo Secretário para os Transportes e Obras Públicas

contacto com a população, graças aos anos que trabalhou no Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais. Lau Si lo transmite, de resto, uma imagem de “seriedade e transparência”. O também deputado, Lei Pui Lam, classifica Lau Si lo como uma pessoa “honesto e trabalhadora”. Quem o conhece diz ser “muito discreto” e “fiel aos princípios de servir a Administração Pública”.

Lau Si lo justificou a decisão de aceitar o cargo de membro do Governo com as obrigações de um funcionário. “Sou um elemento do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais e da Região Administrativa Especial de Macau e, se precisarem de mim para um qualquer lugar, estarei disponível e pronto para aceitar servir a população de Macau”, precisou. ■



As restantes 31 individualidades e entidades agraciadas, distinguidas pelo exercício de actividades profissionais, fomento e desenvolvimento dos domínios industrial e comercial, turístico, exercício da actividade educativa, contributo activo em prol do desenvolvimento da actividade artística e cultural, bem-estar da sociedade e actividade filantrópicas e no domínio desportivo, são:

Rui António Craveiro Afonso e Lou I Wa (na primeira fila da esquerda da fotografia), com a Medalha de Mérito Profissional;

José Manuel dos Santos, Ma Iao Lai, Mok Kuan lek (também na primeira fila da esquerda), com a Medalha de Mérito Industrial e Comercial;

David Chow Kam Fai (representado por Lam Fong Ngo), Leong Chan Kuong, Kwan Yany Yan Chi e o Centro de Convenções e Entretenimento da Torre de Macau, representado por Pansy Ho, (na primeira fila da direita da fotografia) com a Medalha de Mérito Turístico;

Lei Cheong Lap, Pe. Alejandro Salcedo Garcia e Kwan Sio Hong (na segunda fila da direita da fotografia) com



O Chefe do Executivo, Edmund Ho, presidiu no dia 2 de Fevereiro, no Centro Cultural de Macau, à cerimónia de imposição de medalhas e títulos honoríficos de 2006 da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Chui Tak Kei (na fotografia, no momento em que recebia a condecoração do Chefe do Executivo), recebeu a mais alta condecoração, a Medalha de Honra de Lótus de Ouro, atribuída pela prestação de serviços excepcionais para a imagem e bom-nome da RAEM ou de grande relevância para o desenvolvimento do território.



a Medalha de Mérito Educativo; Lei Loi Tak e Oswaldo da Veiga Jardim Neto (igualmente na segunda fila da direita) com a Medalha de Mérito Cultural;

Bonzo Kok Tang Kei (na segunda fila da direita), Bispo D. José Lai e Pastor Lam Yam Man (ambos na segunda fila da esquerda), com a Medalha de Mérito Altruístico;

Un Oi Mou (na segunda fila da esquerda), com a Medalha de Mérito Desportivo.

Por sua vez, a Medalha de Dedicção, foi atribuída

a António Milton Esteves Ferreira, Wong Wai Kun e Kuan Peng Fei (na segunda fila da esquerda).

Kenta Ando, Shim Yang-Bo, Fumihiko Sakakibara e Mohammadreza Rashidnia (na terceira fila da direita na fotografia) foram agraciados com o Título Honorífico de Prestígio e Chu Chi Wai (terceira fila da direita), Ho Si Hang, Lei Nam, Lei Hong Chan, Pun Lai Fan e a Associação dos Amigos da Caridade de Macau, representada por Vong Sok Cheng, (todos na terceira fila da esquerda da fotografia) foram distinguidos com Título Honorífico de Valor. ■

Lei Básica “é pioneira em todo o Mundo”

As leis básicas das regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong são “pioneiras em todo o mundo”, defendeu o presidente do Tribunal de Última Instância. Sam Hou Fai, que falava no encerramento da conferência internacional “Um país, dois sistemas, três ordens jurídicas – perspectivas de evolução”, considerou que a Lei Básica “é um elemento de fundamental importância na implementação do princípio um país, dois sistemas». Para o mesmo

e, por isso, não surgiram por acaso na Lei Básica”, acrescentou Sam Hou Fai, sustentando que “resultam de uma vontade firme de manter o segundo sistema vigente por forma a preservar os valores culturais do Direito, da língua, dos costumes, da maneira de viver, mantendo-lhes o espaço próprio, um espaço de movimentação autónomo para que possam ser preservados e evoluir, segundo o interesse da Nação”.

Na sessão de abertura da conferência, a Secretária para a Administração e Justiça frisou, por seu turno, que o Governo da RAEM “dará prioridade às tarefas do direito internacional e assumirá as respectivas responsabilidades internacionais”. Florinda Chan adiantou que o sistema jurídico de Macau vai ser

melhorado com o objectivo de elevar a sua eficiência e satisfazer as necessidades de todos os sectores de Macau. Destacou ainda a cooperação na área jurídica de Macau com a União Europeia e anunciou que o calendário da reforma legislativa será conhecido no primeiro semestre deste ano.

Na conferência internacional participaram dezenas de especialistas de todo o mundo, nomeadamente da Alemanha, Austrália, Cabo Verde, Canadá, Espanha, Finlândia, França, Itália, México, Portugal, Reino Unido, China, Hong Kong e Macau. Entre os oradores destaque para o constitucionalista Gomes

Canotilho, o antigo eurodeputado Manuel Porto, o secretário de Estado adjunto e da Administração Pública de Portugal, Eduardo Cabrita, o antigo responsável pelo Curso de Direito da Universidade de Macau, Vitalino Canas, o antigo ministro da Justiça de Cabo Verde, Jorge Carlos Fonseca, o vice-reitor da Universidade de Tsinghua e membro dos Comités da Lei Básica de Macau e de Hong Kong, Wang Zhenmin, o chefe da representação da Comissão Europeia em Hong Kong e Macau, Thomas Roe, o coordenador do programa de cooperação com a União Europeia, Jorge Oliveira e o presidente da Associação dos Advogados de Macau, Jorge Neto Valente. ■



A conferência reuniu especialistas locais e internacionais

magistrado, a Lei Básica garante a autonomia dos territórios de Hong Kong e Macau. “É a Lei Básica que vem assegurar a vigência e a obrigatoriedade de manutenção de órgãos políticos próprios, dos sistema económico e das leis em vigor, das duas línguas usadas e da maneira própria de viver dos residentes de Macau”, sustentou.

A conferência “um país, dois sistemas, três ordens jurídicas”, reuniu em Macau especialistas locais e internacionais da área do Direito para discutir as perspectivas de evolução.

“A manutenção do Direito ocidental, a língua portuguesa e o sistema económico capitalista são indissociáveis da identidade das gentes de Macau

Parceria reforçada

A visita do primeiro-ministro português a Pequim, Xangai e Macau reflectiu o momento por que passam as relações entre Portugal e a República Popular da China. Entre 30 de Janeiro, dia em que Sócrates e a sua comitiva aterraram na capital chinesa, e 3 de Fevereiro, dia em que terminou a visita a Macau, foram assinados 28 acordos empresariais entre empresas portuguesas e entidades e companhias chinesas.

Em Macau, o chefe de governo português visitou a Escola Portuguesa de Macau, teve encontros com o Chefe do Executivo e deslocou-se ao Consulado de Portugal na RAEM, além de ter participado num fórum económico de cooperação entre Portugal e Macau. Um dos pontos altos da presença de Sócrates foi a assinatura da escritura do centro de Distribuição de Produtos Portugueses que será construído no Parque Industrial Transfronteiriço Macau-Zhuhai.

Na perspectiva do governo de Macau, a visita de Sócrates foi mais um sinal das “relações de profunda amizade” com Portugal. Em declarações à Agência Lusa, o Chefe do Executivo, Edmund Ho, salientou que a “amizade entre Macau e Portugal já se tornou num património singular da RAEM”. O chefe do governo adiantou também que presença do primeiro-ministro português foi também importante na medida em que a partir de Julho Lisboa assume a presidência rotativa da União Europeia. Desse modo, nos encontros entre as autoridades da RAEM e José Sócrates falou-se também do aprofundamento das relações entre Macau e Bruxelas.

Em Pequim, o líder do executivo de Portugal presidiu, juntamente com o primeiro-ministro Wen Jiabao, à assinatura de um memorando de entendimento para abertura a curto prazo de uma linha de crédito de cerca de 3000 milhões de patacas para apoiar exportações portuguesas para o mercado chinês. De resto o aumento do das trocas comerciais é para os dois países um objectivo estratégico. Em Dezembro de 2005, o primeiro-

ministro Wen Jiabao estabeleceu como meta duplicar o comércio bilateral no espaço de três anos. A julgar pelo ritmo de crescimento registado em 2006 esse objectivo deverá ser alcançado. Segundo os serviços de estatística oficiais da RPC, no ano passado, as trocas bilaterais aumentaram 39 por cento para cerca de 1700 milhões de dólares norte-americanos. Além do comércio o reforço da cooperação deverá ser também reflectido ao nível do investimento. Foi nesse sentido que Portugal e a China decidiram criar um grupo de trabalho para



O primeiro-ministro português José Sócrates cumprimenta o Chefe do Executivo da RAEM Edmundo Ho

estudar oportunidades de investimento bilateral, durante a reunião da Comissão Mista Económica Luso-Chinesa.

O Governo Central garantiu que a China está empenhado no aprofundamento do relacionamento com Portugal. O primeiro-ministro Wen Jiabao afirmou que “depois da definição do desenvolvimento das relações políticas com a assinatura do Acordo de Parceria Estratégica Global, estamos empenhados em desenvolver as relações comerciais e económicas com Portugal”.

O primeiro-ministro português frisou que o Acordo de Parceria assinado em Dezembro de 2005 aquando da visita de Wen Jiabao a Lisboa “é para levar muito a sério”. ■

Ao Man Long detido

Ao Man Long, que desempenhava as funções de Secretário para os Transportes e Obras Públicas do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), foi detido no dia 6 de Dezembro do ano passado por suspeita de corrupção passiva grave e prática de actividades financeiras ilegais. A detenção foi efectuada pelo Comissariado Contra a Corrupção (CCAC), no âmbito das competências que lhe são conferidas pela lei e na sequência de investigações.

A detenção foi anunciada na manhã do dia 7 pelo Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, numa conferência de imprensa convocada para o efeito. O Chefe do Executivo propôs imediatamente ao Governo Central a exoneração de Ao Man Long, que foi aceite.

O antigo Secretário aguarda julgamento em prisão preventiva.



Comité dos Tufões muda-se para Macau

O Secretariado do Comité dos Tufões acaba de mudar a sua sede para Macau, depois de, durante 40 anos de actividade, ter estado sedeadado em Manila, capital das Filipinas. Criado em 1968, o Comité dos Tufões, presentemente com 14 países e territórios membros, visa a promoção e coordenação de um plano com as medidas necessárias para a atenuação dos efeitos dos tufões.

A secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, sublinhou o facto deste Comité ser a "primeira organização inter-governamental a instalar-se na RAEM".

Presentemente, o Comité dos Tufões tem como Secretário Olavo Rasquinho, antigo director dos Serviços de Meteorologia e Geofísica de Macau.



Macau coopera com UE

A RAEM está disponível para discutir com a União Europeia (UE) a directiva da poupança que Bruxelas pretende que seja seguida pelas economias asiáticas de modo a evitar que os cidadãos europeus fujam ao fisco por rendimentos obtidos na região. Esta foi uma das principais conclusões da 12ª Reunião da Comissão Mista União Europeia -Macau, que decorreu, no dia 6 de Fevereiro, na sede da Direcção dos Serviços de Economia.

A UE considera que a prioridade na cooperação com Macau deve centrar-se em áreas como as trocas comerciais, políticas alfandegárias, finanças, intercâmbio e circulação de pessoas, transportes, ambiente, saúde e segurança alimentar.



Grand Lisboa de portas abertas

Dia 11 de Fevereiro foi o escolhido pela Sociedade de Jogos de Macau (SJM), do magnata Stanley Ho, para inaugurar o seu novo espaço de jogo, o Grand Lisboa. Nesta primeira fase, o empreendimento (que inclui não só o casino, mas também um hotel) vai ter em funcionamento apenas 240 mesas de jogo e 480 slot-machines. O hotel estará aberto ao público em 2008.

Com este novo investimento, a SJM espera manter a sua quota de mercado acima dos 50 por cento.



Encontro em Moçambique

Empresários chineses e de países de língua portuguesa vão reunir-se em Abril na capital moçambicana para reforçar as relações comerciais. Este é o primeiro encontro do género realizado em Moçambique. Vão participar nesta reunião cerca de 450 empresários de vários ramos de actividade: têxtil, alimentar, calçado, construção, banca, seguros, hotelaria e turismo e biotecnologia, entre outros. Além de empresários, a reunião junta ainda representantes de instituições de promoção de comércio e investimento, câmaras de comércio e associações empresariais da China e dos países de língua portuguesa.



Pequim perdoa dívida a países africanos

A China anunciou o perdão da dívida bilateral a 33 países africanos. Uma medida que se insere nos compromissos assumidos em Novembro, durante a cimeira de chefes de Estado e de governo do Fórum de Cooperação Sino-Africano.

As políticas de ajuda a África, que a China anunciou durante a cimeira, incluem a atribuição de empréstimos preferenciais, a criação de um fundo sino-africano de desenvolvimento para uso de empresas e o perdão das dívidas dos países africanos menos desenvolvidos, como é o caso de Moçambique.

Pequim prometeu ainda aumentar de 190 para 440 o número de produtos isentos de tarifas de importação à entrada no mercado chinês, e estabelecer, nos próximos três anos, cinco zonas de cooperação comercial e económica em África.



Soja e ferro dominam exportações brasileiras

As exportações do Brasil para o mercado chinês, em 2006, concentraram-se ainda mais em apenas dois produtos - soja e minério de ferro - que passaram de 43 por cento das vendas totais em 2005 para 54 por cento.

Os dados do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Brasil indicam ainda que o número de produtos do Brasil vendidos à China recuou de 1478 em 2005 para 1446 no ano passado.

Em 2006, as exportações brasileiras para a China cresceram 29 por cento, para 8 400 milhões de dólares, com a soja a liderar a lista com 2400 milhões (mais 42 por cento) seguida do minério de ferro não-aglomerado com 200 milhões de dólares (mais 72 por cento).



Comércio sino-africano volta a aumentar

No ano passado as trocas comerciais entre a China e o continente africano foram superiores a 55,5 mil milhões de dólares, o que representa um crescimento anual de mais de 30 por cento, que se verifica pelo quinto ano consecutivo. A China exportou para os países africanos bens no valor de 26,7 mil milhões de dólares, mais 43 por cento, e importou bens no valor de 28,8 mil milhões de dólares, mais 37 por cento.

No final de 2006 a China tinha investido mais de 6,6 mil milhões de dólares em África, particularmente nos sectores agrícola, de telecomunicações e de energia. Por seu turno o investimento directo chinês no continente africano durante o último ano ascendeu a 370 milhões de dólares, mais do que os 280 milhões de dólares de 2005.





Tem a alma de agente secreto estampada nas telas pelas intrincadas narrativas e mensagens codificadas. Chama-se Konstantin Bessmertny, nasceu na Rússia e vive há mais de uma década em Macau

A pintura que “espia” Macau

Na distante Sibéria Oriental o frio do Inverno é glacial. No Verão o mercúrio do termómetro pode disparar tão alto como na Mongólia. Foi nesse clima que nasceu, no início dos anos 60, o pintor russo Konstantin Bessmertny. Numa daquelas aldeias “onde todos se conhecem”, na distante Blagoveschensk, viveu até uma viagem de trabalho o ter prendido a Macau. Há 13 anos que fez desta a sua nova morada. Sente-se muito português e a prová-lo está o passaporte. “Portugal é como uma segunda casa”, diz. Não tenciona cortar esse cordão umbilical, até porque “o meu filho é mais português do que russo”.

Tão misterioso como os seus quadros, Konstantin Bessmertny despertou muita curiosidade à chegada a Macau. Ainda hoje corre o boato de que era espião e que teria encontrado refúgio na região. “Sou um KGB, mas que KGB?”. Não leva a mal a onda de suspeição pois mede bem a força do imaginário criado em torno da Guerra Fria. Para quem ainda duvida, o pintor desmistifica: “Foi uma exposição que me trouxe a Macau”.

Veio por pouco tempo: apenas um ano. À data, tinha a missão de participar na organização de uma mostra no Leal Senado, a “Exposição Colectiva de Arte Contemporânea Russa”. Coordenou a exibição e convidaram-no para ficar mais um ano. A decisão foi do tamanho do desafio. “Tinha terminado os estudos na universidade, tinha outras opções, não digo que ficar em Macau fosse a melhor, mas...”

As oportunidades foram surgindo, uma atrás da outra. Bessmertny expôs no conceituado Fringe Club, em Hong Kong, e pouco tempo depois a família veio ao seu encontro. Nem assim deu por definitiva esta morada. Só há dois anos oficializou o casamento com Macau. Rendeu-se às evidências: foi forçado a

abandonar o estúdio e não esteve com meias medidas. “Comprei casa!”, lembra. Os portugueses foram os amigos que o pintor fez em Macau. “Ninguém falava outra língua que não o chinês ou o português e tive de aprender”. Não regressa à Rússia por estar exilado, como há quem pense, mas por não encontrar mais os cantos à casa. “De cada vez que lá vou sinto que estou num país diferente, onde se fala a minha língua. Mudou tudo. Os amigos do tempo da escola são hoje capitalistas e têm empresas e casas com piscina. Por isso, já não olho para aquilo da mesma forma”. Macau acabou por ficar para sempre no remetente das suas cartas. Porque “gosto de estar nos sítios onde acontecem coisas interessantes, onde se dão grandes mudanças”. Quando viveu na Rússia, passou pelo período do final dos anos 70 e princípios de 80. “Foi muito interessante”. Em Macau, “vivi as transformações na China e o tempo da transferência de poderes e agora o crescimento brutal da região.” Só não expõe individualmente na cidade adoptiva há muito tempo “porque as mostras deviam ser momentos de festa. Não sou apologista de listas de preços. As pessoas que vão às galerias não têm de comprar”. Embora já tenha exibido em Xangai, lamenta a dificuldade em entrar no mercado chinês.

Um passado de perseguição

Filho de uma professora de História e de um engenheiro, Konstantin cresceu rodeado de livros no seio de uma família muito marcada pelo passado de perseguição. O talento para desenhar cedo se manifestou, a par do prazer de contar histórias. Ainda hoje, “desenho em toda a parte e gosto de construir enredos. Os livros da escola estavam todos

“Gosto de estar nos sítios onde acontecem coisas interessantes, onde se dão grandes mudanças”



Impressão digital de Konstantin



Idade: 43 anos

Naturalidade: Blagoveschensk, Rússia

Educação: 17 anos de estudo. Escola de Belas Artes de Blagoveschensk, Rússia. Instituto Pedagógico da Faculdade de Belas Artes de Khabarovsk, Rússia. Instituto de Belas-Artes de Vladivostok, Rússia.

Profissão: Artista

rabiscados, mas não era mau estudante”. Foi logo carimbado de “O Artista”. A alcunha era uma espécie de talismã. “Nunca era confundido com os betinhos”. A arte entrou na sua vida logo como um destino inevitável. “Foi mais a profissão que me escolheu”.

Havia n’ “O Artista” uma espécie de obrigação para com a sociedade que via tanta promessa na sua arte. O seu nome cedo derramou tinta nos jornais. Os amigos, os professores gabavam-lhe a vocação para as artes. Aos 12 anos, inaugurava a primeira exposição individual na mãe Rússia, “uma espécie de introdução à vida”, como apelidou esse momento. Ganhou o primeiro prémio pouco depois, ao que se seguiu outro e outro, “uma medalha e outra”. A mãe guarda cada registo dessa juventude a colecionar sucessos no mundo da arte. Konstantin louva no regime socialista as competições de arte para jovens. “Em que outro sítio poderia um pequeno rapaz como eu vencer tantos prémios, ter o privilégio de viajar em primeira classe, de ir até ao Mar Negro, o que era para mim o mesmo que ir a Nova Iorque?”

Mas a vida também o acometeu de algumas desilusões. O primeiro grande desapontamento marcou-lhe a adolescência. Tinha apenas 16 anos quando viu negada a entrada numa das melhores universidades de Belas-Artes do país, em Moscovo. “Foi injusto”, lamenta, sublinhando que quase arrancou a pintura da sua sina. “O sistema era um pouco corrupto por existirem tão poucas universidades. Os filhos de artistas, gente famosa e poderosa tinham prioridade.

Tive de ir estudar para outro sítio na Sibéria. Foi nessa época que comecei a pensar que os contactos eram muito importantes. Interroguei-me sobre se conhecia as pessoas certas, se vivia no sítio correcto para ter sucesso nesta profissão”.

Viver na Rússia não parecia ser fácil para o jovem artista Bessmertny, mas mais sofreram os seus familiares. “A minha mãe não teve sucesso na carreira, foi sempre excluída, porque o pai dela era inimigo da Revolução. O meu avô materno desapareceu aos 32 anos e disseram à minha mãe que ele tinha sido preso. O mesmo sucedeu ao pai do meu pai. Éramos uma espécie de dissidentes”. E viaja ainda ao passado mais distante da família, que há quatro gerações vive na Sibéria. “Foram para lá levados, no tempo do Czar Nicolau II, por a fome ter atingido a Rússia Central. Tinham permissão para ocupar a terra de que necessitassem com vista a iniciar nova vida”. Uma das pessoas que mais o influenciou foi a avó. “Era extremamente religiosa, cristã ortodoxa”. Ainda hoje, tem em casa a Bíblia da família que a avó lhe deu. “Tem passado de geração em geração”. Porém, Konstantin não é uma pessoa religiosa. Com a família, Bessmertny cedo aprendeu as regras da “neutralidade” e a manter distância dos grupos. Nem os movimentos de arte o convencem. Naquele tempo, “quem não fosse comunista não podia demonstrar que era dissidente ou então ia parar à cadeia ou a um hospital psiquiátrico”. Mas também “não julgo que não participar seja a solução para sobreviver. Aprendi a manter

a neutralidade com os meus antepassados". Para tal, explica, "tem de se exercitar uma linguagem secreta para falar com as pessoas que pensam da mesma forma que nós, como no livro de Umberto Eco 'Em Nome da Rosa'". Durante o regime de Brezhnev, num jornal comunista de um judeu dissidente desenvolveu essa "linguagem".

"Ainda era estudante, mas já trabalhava como ilustrador estagiário". Nas entrelinhas dos textos, nos títulos que comunicavam entre si ou mesmo no arranjo gráfico, Bessmertny descodificava novas leituras. "Aprendi a descobrir as histórias, era inacreditável! Ainda hoje procuro essas mensagens nos jornais, mas já não é tão comum porque nem todas as publicações funcionam da mesma maneira."

Assim se abria uma porta que marcaria não só a forma de estar na vida de Konstantin, mas também todo o percurso como artista. À sua arte afluíram assim muitos enigmas, fruto de uma vontade de expressar a verdade não instituída. É em narrativas de palavras e imagens cruzadas, de papéis trocados, entre a magia e o real, que se tecem os enredos dos quadros de Konstantin, pejosos que estão de mensagens. «Se alguém as consegue descobrir ganha o meu respeito". ■

Última Exposição individual em Portugal e em Macau

2004 - Galeria Monumental, Lisboa

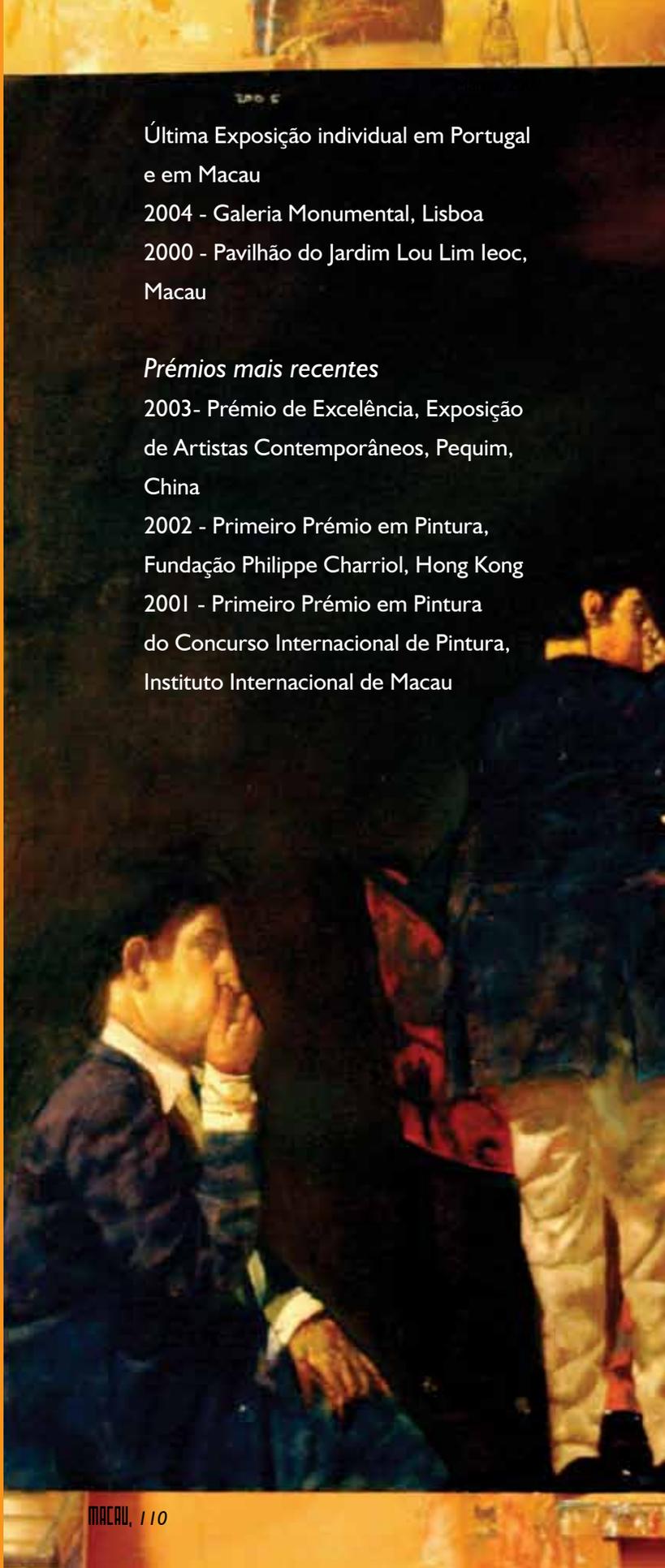
2000 - Pavilhão do Jardim Lou Lim leoc, Macau

Prémios mais recentes

2003- Prémio de Excelência, Exposição de Artistas Contemporâneos, Pequim, China

2002 - Primeiro Prémio em Pintura, Fundação Philippe Charriol, Hong Kong

2001 - Primeiro Prémio em Pintura do Concurso Internacional de Pintura, Instituto Internacional de Macau



Paradoxos: “A minha série sobre os casinos não é sobre o jogo”. “O que mais me inspira é o ser humano, mas não gosto muito de sair de casa”.

Uma crença: “Quando se é um rebelde é-se menos usado”.

Um lema na pintura: “Não uso fotografia”.

O artista é “como um carpinteiro: tem de fazer o trabalho para si mesmo e depois tentar não assinar o nome, como quem está desesperado por dinheiro ou por um prémio.

Quando o trabalho termina, desligo-me dele.”

O artista tem de ser “egoísta. Se achar que não é suficientemente bom, não é. E tem de se proteger. Se não respeitar o seu próprio trabalho quem irá respeitá-lo?”

Os bons artistas “não deveriam ser professores”.





Arte mensageira

Com os pincéis, cruza as técnicas ocidental e oriental. Das telas para o mundo envia as mensagens pintadas em códigos secretos que cruzam várias línguas e pensamentos. O pintor russo Konstantin Bessmertny desvenda em sórdidas narrativas, nos sofisticados enredos, a escala dos seus quadros. Afinal, “foram 17 anos a estudar com grandes mestres e segundo a velha escola deste *métier*. Não se pode ter esta profissão sem a devida aprendizagem”.

O processo criativo de Konstantin é demorado. Primeiro, “crio a narrativa, muitas vezes chego a escrever a história, e depois pinto”. Há quadros que levam muito tempo a criar, enquanto outros são mais rápidos. “Mas nunca termino uma obra num muito curto espaço de tempo, nem acredito na arte assim.” Ora pinta à luz do dia, quando a cor é importante, como em “*Painting for People with IQ Way above Normal I and II*”, ora à noite como foi para “*Accusation*”.

Gosta de cruzar ficção e realidade. Memória e futuro. Constrói a pulso uma arte intemporal carregada de imaginários que cozinha no grande caldeirão cultural de Macau, onde reside há 13 anos. Konstantin é como um agente secreto da pintura. “A tela é como a carne viva. Um rosto do mundo”.

Os seus quadros, que têm evoluído na composição e na cor, cada vez mais complexa e sofisticada, acabam como mapas do tesouro da verdade, enigmas de forte estímulo intelectual, palavras cruzadas de histórias por findar. São acima de tudo verdadeiros desafios à mente humana, concordam muitos críticos. Seja na sátira ou na paródia, este artista é para muitos um verdadeiro cronista de Macau. ■



Smirnoff, um artista refugiado

Em comum, têm a Rússia nas raízes e Macau como residência. Em tempos diferentes, retrataram a cidade que escolheram para viver. Actualmente, a residir em Macau, Konstantin Bessmertny e George Smirnoff, que viveu na região entre 1946 e 47, pouco mais têm em comum. Para António Conceição Júnior, que tem estudado a vida e a obra de Smirnoff, compará-los “seria pura especulação pela disparidade geracional e, conseqüentemente, estética que distingue os dois artistas”. Admite que “é a temática Macau” que os une, ainda que existam “diferenças abissais, porquanto se George Smirnoff retratou a cidade enquanto espaço urbano” de forma quase cândida, Bessmertny olha, retrata, num tom crítico e satírico situações, circunstâncias e eventos”, situando-se num “outro plano da narrativa e da crónica de Macau”.

Por muito que o tempo e o olhar sobre a cidade os distancie, partilham a mesma paixão por esta moldura urbana. Smirnoff viveu no entanto numa Macau bem diferente, fustigada pela guerra que grassava além-fronteiras, já Konstantin habi-

ta uma cidade em rápida transformação. Enquanto o primeiro traduziu na tela a tranquilidade, o segundo acende a crítica numa narrativa codificada.

Para António Conceição Júnior, as obras de Smirnoff são “importantes documentos que se inserem na continuidade dos cronistas gráficos de Macau que o antecederam. O seu legado insere-se assim na linhagem de registos deixados em diferentes momentos da História de Macau”. Smirnoff foi o único artista estrangeiro a gozar do estatuto de refugiado, garante António Conceição Júnior, incumbido que foi de comissariar a exposição comemorativa do Centenário do Nascimento de George Smirnoff no Museu de Arte de Macau, em 2003.

Aquando da Guerra do Pacífico e da invasão japonesa, Macau deu guarida a muitos refugiados. Eram muitas as privações e dificuldades que acometiam a cidade, repartida entre o fausto das classes mais abastadas e a miséria dos pobres. Recorda Conceição Júnior que nesse tempo Smirnoff “estava imerso num mundo de altruísmo, que fez com que as suas pinturas se



tornassem reflexos da realidade que ia para além do tempo e do espaço. Macau, por razões históricas, manteve a sua neutralidade, como se estivesse separada das chamas da guerra”.

Como muitos refugiados, também Smirnoff encontrou no Hotel Bela Vista alimento para o desejo de permanecer em Macau até se estabelecer na Rua das Seis Casas. Nessa altura já era um homem com uma grande experiência de vida. Tinha fugido da Rússia por causa da Revolução Bolchevique e até tinha caído nas mãos dos japoneses que o prenderam em Hong Kong. Macau foi assim a esperança que o alimentou durante 1945, o ano em que teve de se dedicar à pintura para sobreviver na região.

Educado em Harbin, onde lhe foi reconhecido o saber em Arquitectura, Smirnoff era exímio no desenho. Por ter uma personalidade afável, multifacetada e dominar bem a língua inglesa, o pintor russo fez amizade com os macaenses. Assinou a cenografia das peças que animavam o Te-

atro Dom Pedro V e ilustrações no jornal “O Clarim”, dando ainda aulas de desenho e de aguarela. Tudo por gosto, traduzindo-se esta forma de sobreviver numa imensa criatividade, acredita Conceição Júnior.

Seriam as suas aguarelas que marcariam a História de Macau e foi Pedro Lobo, um grande patrono das artes e o director do Círculo de Cultura Musical, quem mais investiu no seu talento, encomendando-lhe aguarelas que retratassem a região. As mais de 60 que produziu à época integram hoje em dia a colecção do Museu de Arte de Macau.

As igrejas e residências de Macau habitam muitas das suas telas, onde pouco se revela a silhueta humana. “Retratista dos ambientes urbano-arquitectónicos de uma Macau já desaparecida”, Smirnoff teve porém um fim triste: “Regressado a Hong Kong no fim da guerra e cansado de quase uma vida inteira de refugiado, encontraria na janela de um andar alto a solução para o seu sofrimento e desespero”. ■

Open the Door for an International Legal Career

enroll in

Master and Postgraduate of Law in 2006/2007

European Union, International & Comparative Law

The Faculty of Law, University of Macau invites applications for its unique international programs which are aimed at training and creating legal experts for a global career.

The Features

- ◆ Taught by distinguished full-time and visiting professors from diverse parts of the world including Africa, Asia, Australia, Europe, South America and USA.
- ◆ Learn in an international environment with a mix of Oriental, European and International Students.
- ◆ Choice to obtain a postgraduate qualification in one year or to expand further.
- ◆ Opportunity to enhance your legal research, language and writing skills to match international standards.
- ◆ Suitable class hours to enable working students to enrol and qualify.
- ◆ Offered by a University with international standards and reputation, which enjoys exchange agreements with leading universities worldwide.
- ◆ Offered at a place, where Chinese, Civil and Common Law traditions closely interact, providing opportunities for a stimulating learning experience.
- ◆ Choice of topics includes EU Institutional and Trade Law, Common Law as in UK, USA and Australia, WTO and Trade Law, International Criminal Law, International Law of Transactions, Chinese Law, Hong Kong Law and Comparative Legal Systems.
- ◆ Proximity to explore legal traditions and legal markets in China, Hong Kong, Macau and Asian region.

How to Apply

Submit completed applications and other documents to the Registry, University of Macau, Avenida Padre Tomás Pereira, Taipa, Macau.



Further Information:

Email: fl.enquiry@umac.mo - Phone: (853) 3974797 Fax: (853) 3974798

University of Macau
Faculty of Law

www.umac.mo/fl/master

“Votos de Felicidade
– Gravuras do Ano
Novo Chinês de
Yangliuqing”

Apresentada em conjunto pelo Instituto Cultural do Governo da RAEM, o Governo Popular do distrito Xiqing do município de Tianjin, a Academia Chinesa de Artes e o Museu de Macau, esta exposição visa estimular, junto da população de Macau e dos seus turistas, o sentido da protecção do património cultural intangível chinês, de que estas gravuras são um bom exemplo.

O novo ano chinês, sob a regência do Porco, já começou, mas ainda pode saber mais sobre esta tradição chinesa. As gravuras de Ano Novo Chinês de Yangliuqing, ou seja em chinês, o *nian-hua* de Yangliuqing, são uma das formas mais representativas da arte folclórica nacional.

Os *nian-hua* de Yangliuqing agradavam tanto às elites como à generalidade do público pelos seus traços artísticos próprios, beleza decorativa, conteúdos diversos e também temas auspiciosos.

Museu de Macau
Até 25 de Março

接福象
萬象

展



澳門博物館
INSTITUTO CULTURAL DO GOVERNO DA R.A.E.M. DE MACAU

楊柳青
VO
FEL
GRAVUR
CHINES
Auspícios
chineses
Bênçãos
Yangliu

楊柳青年畫
2007年
1000-1300
Auspícios
chineses
Bênçãos
Yangliu

“Conhecimento Eterno - Livros Imperiais, Obras de Arte e Cultura dos Qing”

Através de um conjunto de livros e outros objectos relevantes mostra-se a cultura imperial da primeira metade da dinastia Qing e a forte influência da cultura Han nos imperadores das dinastias Ming e Qing.

A exposição está dividida em quatro partes: “Os Imperadores Eruditos”, “Mar de Livros”, “Cortesãos com Grandes Dotes” e “Tesouros na Estante Celestial”. Patente ao público estão livros antigos, selos imperiais, caligrafias, pinturas, retratos, águas-fortes em chapa de cobre, porcelanas, pedras de tinta, togas, artesanato e estudos dos imperadores Qing.

O título em chinês desta exposição (“*Yong Le Wen Yuan*”) deriva dos títulos das obras “*Yong Le Da Dian*” (Enciclopédia Yong Le) e “*Wen Yuan Ge*” (Biblioteca Imperial).

Museu de Macau

Até 18 de Março



“Troca de Olhares”

Está patente ao público no Centro Cultural Português em Maputo, capital de Moçambique, e passará depois por Angola e Cabo Verde. “Troca de Olhares” é um conjunto de trabalhos de quatro artistas portugueses – Ângela Ferreira, Vasco Araújo, Francisco Vidal e Maria Lusitano - com diferentes ligações à África de expressão portuguesa.

Da responsabilidade do Instituto Camões e com Isabel Castro como curadora, esta mostra apresenta um conjunto de olhares sobre o mundo de língua portuguesa.

Centro Cultural Português em Maputo, Moçambique

Março

Gravuras panorâmicas da China do século XIX

A exposição consta de 47 obras sobre paisagens da China, incluindo Macau, no século XIX, da autoria de George MaCartney embaixador inglês que em 1793 viaja em missão diplomática até Macau e Pequim, onde é recebido pelo imperador Qing Qianlong. MaCartney retrata toda esta viagem e do conjunto de trabalhos para esta exposição foram escolhidos diferentes cenários tradicionais chineses. Sobre Macau, há a destacar as imagens da Baía da Praia Grande, das manifestações religiosas da população em frente às Ruínas de S. Paulo e da alegria da ópera chinesa perto do Templo de A-Má.

Museu de Arte de Macau

Até 10 de Junho

Vaso de Porcelana da Dinastia Ming

Trata-se de um vaso de porcelana vidrada vermelho cobre Yuhuchunping, produzido na Dinastia Ming e que foi doado por Steve Wynn, presidente da Wynn Resorts, ao Museu de Macau. Em porcelana chinesa, é uma peça clássica dos fornos imperiais no reinado do imperador Hongwu (1368-1398). Apresenta motivos pintados a vermelho-cobre dispostos em sete secções.

Originário de Jungdezhen, este vaso é um exemplo da aplicação de uma nova tecnologia que marca um momento histórico na evolução da porcelana chinesa, através da utilização de pigmentos derivados do cobre para obter tinta que é pintada sobre a cerâmica branca.

Museu de Macau

■ **Rebecca Pan & Big Band**

Acompanhada pelos 15 músicos que compõem a sua “*Big Band*”, Rebecca Pan promete trazer um pouco do seu vasto repertório que inclui música *pop* em mandarim, clássicos americanos, canções folk, melodias chinesas, jazz e musicais, assim como antigos êxitos populares dos anos 30 e 40.



Natural de Xangai, Rebecca Pan foi a primeira cantora a integrar letras em inglês e famosas melodias chinesas, tais como “*Kowloon Hong Kong*” e “*Ding Dong Song*”.

O seu nome correu mundo e cedo começou a actuar no estrangeiro. Nos anos sessenta esteve na Austrália, Estados Unidos, Médio Oriente e em vários países do Sudeste Asiático. Para a história fica o espectáculo em 1963 em conjunto com Louis Armstrong, em Hong Kong.

No cinema destacou-se em várias películas. Em virtude da sua participação em “*Days of Being Wild*” de Wong Kar Wai, Rebecca Pan ganhou, em 1991 o Prémio de Melhor Actriz Secundária do *Hong Kong Film Awards*. Em 2000 foi nomeada para o mesmo prémio pelo seu desempenho em “*In the Mood For Love*”. Rebecca Pan é tida como uma artista versátil não só no cinema como no teatro ou na escrita.

*Grande Auditório
Centro Cultural de Macau, 10 de Março*

■ **“Melodias de Sheng e Dizi”**

A Orquestra Chinesa de Macau, sob a batuta do Maestro Pang Ka Pang, apresenta as “*Melodias de Sheng e Dizi*”. O espectáculo é composto por seis peças que aludem a ambientes sonoros que vão desde o folclore da província de Shandong passando pelas melodias populares de Shanxi até à atmosfera festiva do Ano Novo Lunar.



Na peça “*Princesa Wen Cheng*” é evocada a história de uma filha de um imperador da dinastia Tang que casou com o Rei do Tibete. O “*Filho de Céu*”, o imperador Tang Zong quis assim preservar e reforçar as relações com o reino tibetano.

*Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau
18 de Março*

■ **Descendentes do Almirante Eunuco**

A peça evoca Zheng He, o almirante eunuco da dinastia Ming. Em palco estão vários elementos do teatro clássico japonês Noh. O encenador, Kun Ieng Un, propõe uma viagem em torno de Zheng He, das nossas raízes, de nós próprios. “*Descendentes do Almirante Eunuco*” é uma peça do dramaturgo de Singapura Kuo Pao Kun, escrita numa altura em que se encontrava preso, e que surge em

Macau integrada no Ciclo “A literatura no teatro”. Com a participação de actores de Macau e de Hong Kong, a peça contém um argumento controverso que tem causado algum impacto nos locais onde tem sido representada.

*Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau
23 e 24 de Março*

■ **Les Choristes - Os Pequenos Cantores de Saint-Marc**

É um coro com mais de 20 anos de história que ganhou destaque internacional depois da participação no filme francês *Les Choristes* (Os Coristas), realizado por Christoph Barratier.

Foto: Gerard Dawance



Em Macau, o grupo vai apresentar não apenas canções da banda sonora do filme, como também música clássica, ópera e canções populares.

Os Pequenos Cantores de Saint Marc (Lyon, França) foram formados por Nicolas Porte em 1986, que desde então tem vindo a dirigir artisticamente os seus coristas, todos eles com idades entre os 10 e 15 anos, e com uma formação no Centro Saint.

Em Macau os pequenos cantores de Saint-Marc convidaram também o Coro Infantil do CCM para actuar em conjunto.

*Grande Auditório
Centro Cultural de Macau, 4 de Abril*

■ **Ciclo Festividades “Concerto de Páscoa”**

Missa Solemnis (“Missa Solene”) de Beethoven, uma das obras-primas da história da música, pode ser vista como uma grande sinfonia coral estruturada em torno das cinco partes da Missa Católica tradicional. Beethoven escreveu sobre a Missa: “O meu principal objectivo foi evocar nos cantores e nos ouvintes sentimentos religiosos e inculcá-los de forma permanente”. A obra gozou de uma popularidade constante em todo mundo durante mais de 150 anos e será interpretada pela Orquestra de Macau.

*Igreja de S. Domingos, Macau
8 de Abril*

■ **Ciclo de Concertos de Câmara “Música de Grieg”**

A Orquestra de Macau apresenta várias peças de Grieg, como a “Marcha Fúnebre” (Transcrição para Quinteto



de Metais), *Suite “Holberg”,* op. 40, *Quarteto de Cordas N.º 2, “Duas Melodias Norueguesas”,* op. 63; e também excertos das Sutes *“Peer Gynt”* (Transcrição para Quinteto de Metais).
*Teatro D. Pedro V, Macau
14 de Abril*

■ Ciclo Obras-primas do Romantismo: “Os Mistérios de Elgar”

Descrito pela revista *The Strad* como “o mais talentoso jovem violoncelista”, Li-Wei é uma das estrelas em ascensão dos últimos anos na cena da música clássica. Foi vencedor da competição de Naumburgo de 2001, e medalha de prata no XI Concurso Internacional Tchaikovsky de Moscovo. Para celebrar o 150º aniversário do nascimento do grande compositor inglês Edward Elgar, Li-Wei e a Orquestra de Macau interpretarão as obras mais importantes do compositor.

*Grande Auditório
Centro Cultural de Macau*

■ Ballet Lanzhou “Sonhos” - A Rota da Seda

No início do século XX, no profundo coração das cavernas de Dunhuang, um velho sentinela encontra uma gruta desconhecida repleta de documentos budistas. A sentinela pega num desses documentos e ao analisá-lo repara numa belíssima pintura que o vai levar através dos tempos, a um dos mais fascinantes e emotivos sonhos. É uma peça que começa com o jovem pintor de nome Mogao a ser encontrado inconsciente no meio do deserto. O jovem acaba por se suicidar no local onde a sua amada também havia sucumbido.

*Coliseu dos Recreios de Lisboa
15 a 17 de Março, 18 de Maio*

■ Recital de Violoncelo de Wang Jian

Wang Jian começou a estudar violoncelo com o seu pai aos quatro anos de idade e , posteriormente, estudou no Conservatório de Xangai. Neste recital Wang Jian toca as *Suites* para Violoncelo de Bach, reconhecidas como peças intemporais e que hoje estão entre as obras mais reconhecidas do grande compositor.

A interpretação das seis *suites*, obras belas e delicadas que ainda hoje em dia constituem a base do repertório do violoncelo, é considerada pelos especialistas como o mais exigente teste às capacidades musicais de um instrumentista. Apenas músicos com a estatura de Pablo Casals, Janos Starker, Mstislav Rostropovich e Yo Yo Ma, entre outros, interpretaram estas obras em palco e realizaram gravações das *Suites* na sua totalidade.

*Grande Auditório
Centro Cultural de Macau
1 de Abril*



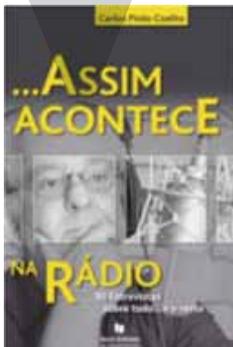
Foto: Pedro Letria

■ **“Assim Acontece... na Rádio”**
de Carlos Pinto Coelho

Da rádio para o papel, assim aconteceu ao fim de 400 edições e de oito anos de existência de um programa de rádio onde muitos foram os entrevistados e por onde passaram também alguns nomes da vida pública de Macau como Maria Helena Rodrigues, presidente do Instituto Português do Oriente, e António Conceição Júnior. De um conjunto de 700 entrevistas radiofónicas emitidas no “Agora... Acontece!” entre 1998 e a actualidade, Carlos Pinto Coelho seleccionou 30.

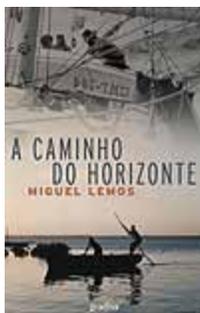
Entre as entrevistas que agora passam para o papel contam-se as feitas a personalidades como Almeida Santos, Agustina, José Mário Branco, Cáceres Monteiro, Vasco Graça Moura, Pepetela ou António Tabucchi. Durante nove anos (1994-2003), Carlos Pinto Coelho coordenou e apresentou o programa televisivo “Acontece”, experiência pioneira, que depois se estendeu à rádio.

2007, *Texto Editores, Portugal*



■ **“A Caminho do Horizonte”**
de Miguel Lemos

Miguel Lemos, repórter de referência da RTP e antigo director do Gabinete de Comunicação Social de Macau (1986-1991), relata neste livro a viagem arriscada de Angola a Portugal a bordo do seu veleiro sem motor, fazendo-nos conhecer e reviver os últimos trinta anos de África. O autor viveu nos limites da sobrevivência, do medo, da



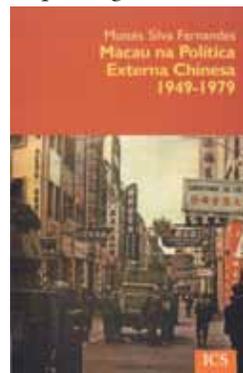
desistência e da coragem. Um retrato simultaneamente rigoroso e apaixonado da diversidade, encanto e misérias do continente africano à luz das suas memórias de juventude nas guerras de 1975 e nos combates com o invasor em Angola.

2007, *Gradiva, Portugal*

■ **“Macau na política externa chinesa 1949- 1979”**

de Moisés Silva Fernandes

Neste livro Moisés Silva Fernandes aborda o papel desempenhado por Macau nas relações sino-portuguesas, sobretudo na altura da Revolução Cultural. O autor analisa o modo como o acontecimento conturbado que ficou conhecido como “Um Dois Três” alterou Macau e a relação da China com Portugal.



Para Richard L. Edmonds, da Universidade de Chicago e do King’s College London, da Universidade de Londres, esta “é uma referência obrigatória para quem pretende entender a função de Macau na diplomacia luso-chinesa e também indispensável para o estudo das elites políticas” do território.

Moisés Silva Fernandes é investigador associado sénior do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Dedicou-se ao estudo de Macau nas relações luso-chinesas, de Timor nas relações luso-australo-indonésias, da política externa portuguesa contemporânea, das políticas externas comparadas e das teorias de decisão e das negociações.

O “Macau na política externa portuguesa 1949-1979” foi apresentado em Macau, em finais do ano passado, na Livraria Portuguesa.

2006, *Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal*

■ “O Tempo dos Amores Perfeitos”

de Tiago Rebelo

Corre o ano de 1894. A Inglaterra tinha feito o *Ultimatum* a Portugal e a coroa portuguesa debatia-se com dificuldades militares extremas nas colónias africanas. É então que Carlos Montanha, jovem tenente do exército português, é destacado para algumas das missões militares mais difíceis no coração de Angola. Numa dessas viagens de barco entre a Lisboa e a capital angolana acaba por conhecer Leonor, a filha do governador de Luanda.



Carlos e Leonor vêem-se subitamente arrebatados por uma paixão intensa, mas após a chegada a Angola, os conflitos de interesses que opõem a família de Leonor ao jovem tenente e os desencontros forçados pelo próprio destino ameaçam o futuro deste romance.

Um livro que se baseou nas memórias do tenente Carlos Augusto de Noronha e Montanha, antepassado do próprio autor.

2006, Editora Presença, Portugal

■ “Passageiros em Trânsito”

de José Eduardo Agualusa

Histórias de um índio perua-no que atravessa lentamente, numa velha bicicleta, a imensa solidão do Sul de Angola. Um diplomata angolano desaparece em Brasília como se nunca tivesse existido. Ou terá



realmente existido? Na Ilha de Moçambique um estranho estrangeiro tenta esquecer quem foi para melhor ser esquecido. Mas será que conseguirá iludir o passado?

São vinte contos que giram em torno da ideia de viagem.

José Eduardo Agualusa, um dos ícones da literatura angolana contemporânea, apresenta histórias de personagens em trânsito, com cenários de África e personagens anónimas que desconhecem o seu destino e «viajam» à deriva, sempre à descoberta do mundo.

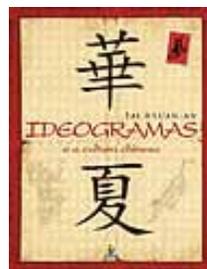
“O Homem a quem chamavam Falcão”, “A armadilha”, “A gargalhada” ou “É doce morrer no mar” são alguns dos contos que se destacam.

2006, Dom Quixote, Portugal

■ “Ideogramas e a cultura chinesa”

de Tai Hsuan-An

Com apresentação do embaixador da República Popular da China no Brasil, Chen Duqing, este livro do artista plástico Tai Hsuan-An analisa e explica centenas de ideogramas chineses



e revela a visão, o pensamento e a filosofia que eles encerram.

O autor é um artista plástico de origem chinesa naturalizado brasileiro que domina correctamente a língua portuguesa.

Como se pode ler na apresentação escrita pelo embaixador Chen Duqing, “a escrita chinesa, uma parte importante da cultura da China, é uma das mais antigas línguas conhecidas e a única destas ainda viva”.

Por outro lado, ela “constitui um factor de coesão nacional da China e um elo entre a cultura dessa nação e o mundo”.

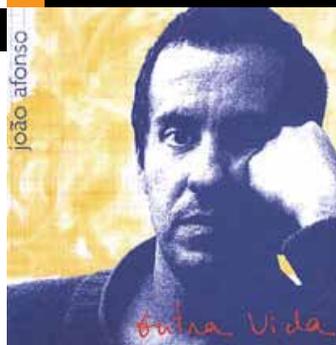
2006, É Realizações, Brasil

■ “**Outra vida**”, de João Afonso

Após um intervalo de quatro anos, João Afonso regressa em grande com um disco em que confirma estar entre os melhores compositores e intérpretes da sua geração. É um disco recheado de surpresas. João Afonso apresenta neste trabalho um tema inédito do tio Zeca Afonso, “Bombons De Todos os Dias” e também um poema de Mia Couto, “Eco”, especialmente escrito para este disco. Marca presença também o cantor espanhol Luis Pastor em “Náufrago De Las Estrellas”, cuja letra é igualmente da sua autoria.

Aos habituais ritmos africanos, João Afonso juntou no último trabalho novas sonoridades, com a introdução de instrumentos como o piano, a guitarra eléctrica, bateria, contrabaixo e clarinete.

2006, Universal Music, Portugal

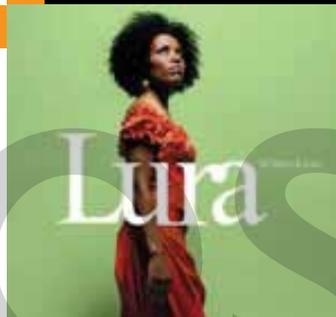


■ “**M’Bem Di Fora**”, de Lura

M’Bem Di Fora que em português significa “venho de fora”, não é mais do que um trabalho em que Lura diz estar “a reivindicar as suas origens, mas de uma forma mais madura”. Lura nasceu em Portugal mas tem as suas origens em Santiago e Santo Antão em Cabo Verde.

Neste disco Lura reuniu vários músicos e compositores cabo-verdianos, mas também Pedro Jóia e o cantor angolano Don Kikas. São 13 temas cantados em crioulo - língua que aprendeu na adolescência - onde se mesclam vários ritmos africanos como a morna, a coladeira e o funaná. Um disco em tons de verde que, diz a cantora, representa a sua esperança no presente e futuro da música de Cabo Verde.

2006, Editora Tumbao, Portugal



■ “**Rogamar**”, de Cesária Évora

Gravado no Mindelo, Paris e no Rio de Janeiro, “*Rogamar*” é o 10º álbum da cabo-verdiana Cesária Évora. É um trabalho que representa um elogio ao mar, desde o tema de abertura – “Sombras do Destino”, uma morna composta por Manuel Novas, até à última faixa – “Vaga Lenta”, da autoria de Teófilo Chantre, que encerra o alinhamento com uma nota de esperança.

“*Rogamar*” teve produção a cargo do pianista Fernando Andrade, que tem acompanhado a diva cabo-verdiana em palco desde 1999. Alguns dos temas do álbum pertencem ao repertório do início da carreira de Cesária Évora nos bares do Mindelo (Tiche, Saiona D’Vinte Ano, Mar Nha Confidente), mas na sua maioria as faixas de “*Rogamar*” são da autoria de Manuel Novas e Teófilo Chantre.

2006, Sony BMG, Portugal



■ “**Divas cantam Vinicius**”, de Vários

O escritor de canções mais famoso da Música Popular Brasileira (MPB) foi cantado por muitos intérpretes, especialmente pelas divas da MPB. “*Divas cantam Vinicius*” é um trabalho que reúne músicas do poeta Vinicius de Moraes interpretadas por várias artistas brasileiras, entre as quais Maria Bethânia, Astrud Gilberto, Elis Regina e Gal Costa, Bebel Gilberto, Adriana Calcanhoto, Daniela Mercury ou Simone.

Som Livre, Portugal





RETRATO

Nuno Calçada Bastos (foto)

Fernando Marques

Foi a doçaria que me descobriu

– Porquê Macau?

– Macau surgiu por convite. Há oito anos vim até ao Oriente para substituir um colega de profissão. A curiosidade em conhecer esta parte do mundo, aliada à oportunidade, foram o suficiente para me convencer. Há cinco anos decidi abrir o meu próprio estabelecimento, o Café «Ou Mun». Só tinha 25 anos. Foi um grande risco, lutei muito, passei por muitas dificuldades mas, valeu a pena...

– Como descobriu a paixão pela doçaria?

– Acho que foi a doçaria que me descobriu a mim. Comecei a trabalhar, numa padaria, aos 16 anos. Estudava à noite, das seis às dez da noite, e trabalhava da meia-noite às oito da manhã. Dormia de dia... vida de padeiro...

Depois foram-me dadas oportunidades, apostaram em mim, e tomei-lhe o gosto. Frequentei curso de formação atrás de curso de formação, participei em vários concursos e eventos e tive a oportunidade de aprender com alguns dos nomes mais sonantes em Portugal.

– Para promover a doçaria que projecto deve ser concretizado?

– Gostaria de organizar um evento onde pudesse levar a arte da doçaria (porque é uma arte) até à população. Macau já tem um Festival da Gastronomia que tem tido muito sucesso, mas gostaria de ir um pouco mais longe. Além de proporcionar o saborear do produto final era bom experimentar todos os processos, desde a preparação dos ingredientes à confecção propriamente dita.

– Que adaptações teve de introduzir na sua arte para satisfazer o público local?

– Em termos de doçaria é tudo menos doce. A população não aprecia bolos muito doces, particularmente a chinesa. Quanto a ingredientes portugueses hoje já se vende de tudo em Macau.

– Que reacções lhe provoca o momento que actualmente vive Macau, com este rápido crescimento económico e as transformações que provoca?

– Tem bons e maus momentos. Todo este crescimento cria oportunidades de negócio, não me posso queixar, mas em termos de qualidade de vida também cria alguns problemas. O que mais noto é ao nível do trânsito: antigamente nada era realmente “longe”, demoravam-se poucos minutos até chegar ao destino, mas hoje em dia o trânsito está impossível. Só se consegue chegar a algum lado utilizando a mota...

– Se pudesse viver em qualquer parte do Mundo onde seria?

– Estou tão bem aqui... mas talvez a Alemanha ou a Holanda...

– Quais são os seus grandes amores?

– A minha família. A minha mulher. Sem o apoio dela e da família nunca teria chegado onde estou hoje. Devo-lhes muito... ■

ANGOLA**Lello, SARL**

Lg. David Cervant

Luanda

Tel: +(244) 2 333 144

BRASIL**São Paulo****Casa de Macau de São Paulo**

Rua Mário Martins de Almeida, 234

04772-150 - SP

Tel: +(55 11) 56685888

Rede Siciliano**Banca Cidade Jardim**Pr. Deputado Dário de Barros, no 15
05670-090 - SP

Tel: +(55 11) 3812-7299

Barão

Rua Barão de Itapetininga, 227

01042-001 - SP

Tel: +(55 11) 3255-6641

Shopping D

Av. Cruzeiro do Sul, 1100

- Canindé - 2o Piso

03033-020 - SP

Tel: +(55 11) 3313-1944

Shopping Ibirapuera

Av. Ibirapuera, 3103

Indianópolis - Piso Jurupis

04029-903 - SP

Tel: +(55 11) 5543-0071

Shopping Iguatemi

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2232

Jd. América - Piso Térreo

01451-000 - SP

Tel: +(55 11) 3031-9434

Shopping Jardim Sul

Av. Giovanni Gronchi, 5819

Piso 1 - Morumbi

05724-003 - SP

Tel: +(55 11) 3744-1901

Shopping Metrô Santa Cruz

Rua Domingos de Moraes, 2564

- Loja L1/2

04035-100 - SP

Tel: +(55 11) 5083-4616

Shopping Metrô Tatuapé

Rua Domingos Agostim, 91

Segundo Piso

03314-030 - SP

Tel: +(55 11) 6192-9562

Shopping Paulista

Rua 13 de Maio, 1947 -

Piso Maestro Cardim - Bela Vista

01327-020 - SP

Tel: +(55 11) 3289-3507

Shopping Pátio Higienópolis

Av. Higienópolis, 618

Piso Higienópolis

01238-000 - SP

Tel: +(55 11) 3823-2669

Shopping Plaza Sul

Praça Leonor Kaupa, 100

Piso Térreo - Jardim da Saúde

04151-100 - SP

Tel: +(55 11) 5073-8040

Shopping Sp Market

Av. das Nações Unidas, 22540

- Jurubatuba

04795-100 - SP

Tel: +(55 11) 5685-3552

Shopping West Plaza

Av. Antártica, 380 - Bloco A

Segundo Andar - Água Branca

05003-020 - SP

Tel: +(55 11) 3872-7195

Espaço Siciliano - Vila Olímpia

Rua Cardoso de Melo, 630

04548-003 - SP

Tel: +(55 11) 3842-9811

Rio de Janeiro**Casa de Macau do RJ**

R. Gonzaga Bastos, 325, Vila Isabel

CEP 20541-000 - RJ

Tel: +(55 21) 22887225

Rede Siciliano**Leblon**

Atafó de Paiva, 1063 A - Leblon

22450-010 - RJ

Tel: +(55 21) 2540-8725

Botafogo Praia Shopping

Praia de Botafogo, 400

Loja 408/409 - Botafogo

22250-040 - RJ

Tel: +(55 21) 2237-9100

Copacabana

Av. N. S. de Copacabana, 766

22050-000 - RJ

Tel: +(55 21) 2548-2683

Rio Branco

Av. Rio Branco, 156 - Centro

20040-006 - RJ

Tel.: +(55 21) 2544-432

Barra Shopping

Av. das Américas, 4666

Primeiro Piso - Barra da Tijuca

22631-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2431-9507

São Conrado Fashion Mall

Estrada da Gávea, 899

Segundo Piso - São Conrado

22610-000 - RJ

Tel: +(55 21) 3322-0637

Norte Shopping

Av. Dom Helder Camara, 5474

Piso S - Del Castilho

20774-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2595-7504

Brasília**Rede Siciliano****Brasília Shopping and Towers**Setor Coml. Norte B, QD 05 Lote A
70710-500 - DF

Tel: +(55 61) 3326-6946

Conjunto Nacional

SDN/CNB - Lojas 2083/2087

70077-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-5813

Shopping Liberty Mall

SC/Norte, Quadra CN 02

70710-900 - DF

Tel: +(55 61) 3328-0694

Pátio Brasil Shopping

SCS/B - Lote A, Nível 1
70307-902 - DF
Tel: + (55 61) 3323-6789

Park Shopping

SA/ISO Área, 6580 - Primeiro Piso
71211-970 - DF
Tel: + (55 61) (61) 3362-0918

MOÇAMBIQUE

Livraria Minerva

Rua Consiglieri Pedroso, 66/84
Maputo
Tel: + (258) 21 322 092

Mabuko

Av. Julius Nyerere, 820
Maputo
Tel: + (258) 21 415 865

Europa - América (MOC), Lda.

Av. 24 Julho, 377
Maputo
Tel: + (258) 21 491157

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,

1700-033, Lisboa

Tel: + (351) 21 849 5342

Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa

Tel: + (351) 217 936 542

Livraria Nobel

Rua Azedo Gneco, no 60-R/C
Sto Condestável

1350-037 Lisboa

(Campo de Ourique)

Tel: + (351) 213869475

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto

Tel: + (351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro

Tel: + (351) 234421494

Espinho

Livraria Nobel

Avenida 24, 887
4500-201 Espinho
Tel: + (351) 227328210

R.A. Madeira Funchal

Livraria Nobel

Rua Vale d'Ajuda-Monumental
Palace II - Loja F
9000-116 S.Martinho Funchal
RA Madeira
Tel: + (351) 291774036

Canico

Livraria Nobel

Est. João Gonçalves Zarco, Caniço
Shopping, Loja 10
9125-018 Caniço
RA Madeira
Tel: + (351) 291933900/21

TIMOR-LESTE

Hotel Timor

Rua Mártires da Pátria
Dili
Tel: + (670) 723-2007

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22
Tel: + (853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: + (853) 2832 3957



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: 1,150.00 AON

Brasil: R\$ 29.00

Cabo Verde: 1,200.00 CVE

Guiné Bissau: 7,000.00 XOF

Macau: 100.00 MOP

Mundo: US \$ 13.00

Moçambique: 350,000.00 MZM

Portugal: € 10.00

S. Tomé: 94,000.00 STD

Timor: US \$ 13.00



delta edições